

MÁRCIA MARIA DE SOUZA

**CONSTRUINDO A INCLUSÃO DA TEMÁTICA EDUCAÇÃO SEXUAL
NO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DE UM COLÉGIO PÚBLICO
DE GOIÂNIA-GOIÁS NA PERSPECTIVA DA PESQUISA-AÇÃO**

Goiânia – Goiás

2007

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA SAÚDE
CONVÊNIO REDE CENTRO-OESTE – UnB / UFG / UFMS**

MÁRCIA MARIA DE SOUZA

**CONSTRUINDO A INCLUSÃO DA TEMÁTICA EDUCAÇÃO SEXUAL
NO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DE UM COLÉGIO PÚBLICO
DE GOIÂNIA-GOIÁS NA PERSPECTIVA DA PESQUISA-AÇÃO**

Goiânia – Goiás

2007

MÁRCIA MARIA DE SOUZA

**CONSTRUINDO A INCLUSÃO DA TEMÁTICA EDUCAÇÃO SEXUAL
NO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DE UM COLÉGIO PÚBLICO
DE GOIÂNIA-GOIÁS NA PERSPECTIVA DA PESQUISA-AÇÃO**

Tese apresentada ao Programa Multiinstitucional de Pós-Graduação em Ciências da Saúde - Convênio Rede Centro-Oeste (UnB/UFG/UFMS) para obtenção do Título de Doutor.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Denize Bouttelet Munari

Goiânia – Goiás

2007

FICHA CATALOGRÁFICA

So895c Souza, Márcia Maria

Construindo a inclusão da temática educação sexual no Projeto Político Pedagógico de um Colégio Público de Goiânia-Goiás na perspectiva da pesquisa-ação. Goiânia, 2007.

183 f. : il.; 30cm.

Referencias: f. 164-175

Tese (Doutorado em Ciências da Saúde) – Convênio Rede Centro-Oeste (UnB/UFG/UFMS), 2007.

1. Educação Sexual 2. Saúde Escolar 3. Doença Sexualmente Transmissível 4. Enfermagem em Saúde Pública. I. Título.

CDU 613.88

FOLHA DE APROVAÇÃO

Márcia Maria de Souza

Construindo a inclusão da temática educação sexual no Projeto Político Pedagógico de um Colégio Público de Goiânia-Goiás na perspectiva da pesquisa-ação.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde – Convênio Rede Centro-Oeste (UnB / UFG / UFMS) para obtenção do Título de Doutor em Ciências da Saúde.

Aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Denize Bouttelet Munari

Instituição: UFG – Faculdade de Enfermagem

Assinatura _____

Prof^a. Dr^a. Maria Aparecida Tedeschi Cano

Instituição: USP – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto

Assinatura: _____

Prof. Dr. Marcelo Medeiros

Instituição: UFG – Faculdade de Enfermagem

Assinatura: _____

Prof^a. Dr^a. Sandra Maria Brunini de Souza

Instituição: UFG – Faculdade de Enfermagem

Assinatura: _____

Prof^a. Dr^a. Elizabeth Esperidião Cardoso

Instituição: UFG – Faculdade de Enfermagem

Assinatura: _____

Dedico este trabalho com muito afeto,

*Às minhas maiores bênçãos, **Camila, Isabela e Giovana**, que com paciência e carinho entenderam a importância desta etapa na vida da mamãe.*

*Ao meu marido e amigo **Aloísio**, pelo companheirismo, suporte e incentivo em todos os meus projetos e sonhos.*

AGRADECIMENTOS

Para execução deste projeto, amparei minhas forças em Deus, que nos momentos mais difíceis guiou-me e encorajou-me a concluir esta missão.

Nesta trajetória contei com pessoas muito especiais, familiares compreensivos e amigos disponíveis:

Aos meus familiares, que entenderam esta etapa, pela “colaboração e carinho” de minha mãe, meus irmãos (em especial à Marisa), meus cunhados e sogros, MEU MUITO OBRIGADA.

Aos queridos “in memoriam”, meu pai Manoel, meu irmão Pedro e minha cunhada Maria Marta, pelos exemplos. Muitas saudades.

A minha preciosa família, meu marido Aloísio, minhas filhas Camila, Isabela e especialmente Giovana que nasceu junto com esta pesquisa, minhas sinceras desculpas pelos muitos momentos de ausências e às vezes a indisponibilidade em atendê-los.

À Prof^{ta} Dr^a Denize Bouttelet Munari, pelo incentivo, competência e dedicação com que compartilhou todos os momentos desta trajetória. Seus ensinamentos valiosos contribuíram de forma singular para minha formação. Obrigada.

À colega Sandra Brunini, pela valiosa ajuda neste trabalho, além da verdadeira amizade e “acolhimento”.

A Direção do Colégio pela oportunidade e aos Professores pela aceitação em participar como sujeitos da pesquisa.

À Direção, Coordenação e Colegas da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás.

À Coordenação Local e todo corpo docente da Pós-Graduação em Ciências da Saúde..

Aos colegas da Pós-Graduação, especialmente Claci e Nilza, pelo companheirismo.

Às colegas Ana Luisa Neto e Sheila pelo carinho e, Ruth e Lizete pela formatação da tese.

À aluna Nativa, pela colaboração nos momentos da coleta dos dados, e também aos bolsistas do NUCLAIIDS (Kamilla, Ludmila, Letícia, Divânia e Grécia) pelo incentivo.

A todos os amigos da SPAIS/GO - Superintendência de Políticas de Atenção Integral a Saúde - área técnica saúde do adolescente, particularmente Miguel e Roberta, pela oportunidade de participação e apresentação de nosso projeto às instâncias superiores interessadas.

A todos os amigos que de forma direta ou indireta estiveram envolvidos neste trabalho e incentivaram esta conquista.

RESUMO

Estudo sobre as dificuldades enfrentadas por professores ao trabalhar a temática orientação sexual no ambiente escolar, visando desenvolver práticas pedagógicas educativas centradas na prevenção. O objetivo geral foi desenvolver e analisar junto aos professores, de um colégio público localizado na região leste do município de Goiânia/Goiás, o processo de conscientização crítica para a construção de estratégias educativas de prevenção e promoção da saúde sexual e reprodutiva dos alunos. Pesquisa descritiva de abordagem qualitativa, com enfoque na pesquisa-ação. Participaram da pesquisa um grupo de educadores composto por professores, diretora e coordenadores do período matutino do colégio. Para a obtenção dos dados utilizamos encontros grupais, a observação participante e a entrevista individual, ocorrida no período de abril de 2006 a março de 2007. A análise dos dados foi feita a partir da descrição analítica dos encontros grupais e de discussão à luz do referencial teórico. O resultado desta investigação nos mostrou que o movimento do grupo favoreceu o processo de conscientização crítica dos professores acerca da complexidade do trabalho de orientação sexual no ambiente escolar, bem como a aquisição de novos conhecimentos, que subsidiaram a elaboração de uma proposta de inclusão dessa temática no Projeto Político Pedagógico do colégio. Consideramos que a metodologia da pesquisa-ação mostrou-se eficaz na abordagem do grupo estudado pela característica participativa e mobilizadora, viabilizando o alcance do objetivo proposto e instrumentalizando-o para o desenvolvimento de ações educativas inovadoras sobre a temática orientação sexual no ambiente escolar.

Palavras-chave: Educação Sexual, Saúde Escolar, Doença Sexualmente Transmissível, Enfermagem em Saúde Pública

ABSTRACT

Study about the difficulties faced by professors when working the theme of sexual orientation in the school environment, aiming to develop pedagogical educational practices centered in prevention. The general goal was to develop and analyze, together with the teachers of a public school located in the east side of the city of Goiânia/Goiás, the process of critical consciousness about the construction of educational strategies of prevention and promotion of the student's sexual and reproductive health. Descriptive research of qualitative approach, with focus on research-action. A group of educators formed by teachers, principal and coordinators of the morning period of the school participated in the research. To obtain the data we used group meetings, participant observation and individual interview which happened in the period of April 2006 through March 2007. The analysis of the data was made from analytical description of the group meetings and the discussions based on the theoretical referencing. The result of this investigation showed us that the movement of the group favored the process of critical consciousness of the teachers on the complexity of the sexual orientation work in the school environment, as well as the acquisition of new knowledge that subsidized the elaboration of a proposal of inclusion of this theme in the school's Political Pedagogical Project. We consider that the methodology of the research-action showed itself to be effective in approaching the studied group because of the participative and mobilizing characteristic, allowing the reach of the proposed goal and making it an instrument for the development of educational and innovative actions about the theme of sexual orientation in the school environment.

Key-words: Sexual Education, School Health, Sexually Transmitted Disease, Public Health Nursing.

LISTA DE ABREVIATURAS

PACS	Programa de Agentes Comunitários de Saúde
IAPA	Aperfeiçoamento Profissional e Assessoramento Ltda.
PROFAE	Programa de Profissionalização dos Trabalhadores da Área da Enfermagem
Aids	Síndrome da Imunodeficiência Humana Adquirida
DST	Doenças Sexualmente Transmissíveis
HIV	Vírus da Imunodeficiência Humana
HBV	Vírus da Hepatite B
NUCLAIDS	Núcleo de Ações Interdisciplinares em DST/HIV/Aids
GO	Goiás
PSF	Programa de Saúde da Família
OMS	Organização Mundial de Saúde
PCN	Parâmetro Curricular Nacional
PPP	Projeto Político Pedagógico
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação e Cultura
SPE	Saúde e Prevenção nas Escolas
FEN	Faculdade de Enfermagem
UFG	Universidade Federal de Goiás
SEE/SP	Secretaria Estadual de Educação de São Paulo
SUS	Sistema Único de Saúde
CNPq	Conselho Nacional de Pesquisa
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

LISTA DE QUADROS

	pág
Quadro 1 Relação de trabalhos publicados por enfermeiros na temática saúde do escolar, entre 1984 e 2007.	56
Quadro 2 Proposta de Modelo de Projeto Político Pedagógico dos Professores do Colégio Estadual Juvenal José Pedroso. Goiânia, 2007.	145

SUMÁRIO

Resumo

Abstract

Lista de abreviaturas

Lista de quadros

1 INTRODUÇÃO	13
1.1. Motivações para realização do estudo	13
1.2. Delimitando o objeto de estudo	23
2 OBJETIVOS	38
3 REFERENCIAL TEÓRICO	40
3.1 A orientação sexual no contexto da escola	40
3.2 Sexualidade e Orientação Sexual	41
3.3 A escola como Espaço para Orientação Sexual	46
3.4 Fundamentos da Saúde Escolar e a Contribuição da Enfermagem	53
3.5 As Políticas Públicas e a Inclusão da Temática Orientação Sexual	61
4 METODOLOGIA	73
4.1 Percurso metodológico	73
4.2 A pesquisa-ação	75
4.3 Campo de estudo	81
4.3.1 O cenário do estudo	81
4.3.2 Os participantes da pesquisa	85
4.3.3 Aspectos éticos	86
4.3.4 Procedimentos e instrumentos para coleta de dados	86
4.3.5 A observação participante	89
4.3.6 O diário de campo e registro das atividades	91
4.3.7 Análise dos dados	91

5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	95
5.1 Contextualizando os encontros com os professores	96
5.2 Os encontros	101
5.2.1 O contato inicial e a contextualização da pesquisa	101
5.2.2 Conhecendo o movimento do grupo e pactuando o contrato de trabalho	103
5.2.3 Conhecendo o grupo, seus questionamentos e suas expectativas	116
5.2.4 Discutindo os conceitos: Orientação Sexual e Educação Sexual	120
5.2.5 Refletindo sobre a sexualidade na adolescência e orientação sexual	127
5.2.6 Problematizando as DST/HIV/AIDS	132
5.2.7 Trabalhando a capacitação dos professores na prevenção das DST visando a saúde sexual e reprodutiva dos alunos	135
5.2.8 Construindo a inclusão da Orientação Sexual no Projeto Político Pedagógico do Colégio Juvenal José Pedroso	141
5.3 Reflexões finais do processo de coleta dos dados	148
5.4 O movimento do colégio após a pesquisa-ação	150
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	155
Referências	164
ANEXO A	176
ANEXO B	177
ANEXO C	178
ANEXO D	180
APÊNDICE A	181
APÊNDICE B	182
APÊNDICE C	183

Introdução

1 INTRODUÇÃO

1.1 Motivações para realização do estudo

A área da Saúde Pública influenciou nossa trajetória profissional desde a graduação com participações em projetos de pesquisa e de extensão com ações preventivas e promoção à saúde junto à comunidade. Estas experiências certamente foram decisivas para nos despertar e guiar na vida profissional.

O ingresso no mercado de trabalho aconteceu logo após a conclusão do curso superior de Enfermagem, no qual tivemos uma experiência bastante rica na Saúde Pública, que envolveu a capacitação de vários grupos de profissionais em uma abordagem multidisciplinar para implantar na capital e no interior do Estado de Goiás, o Programa de Agentes Comunitários de Saúde (PCS).

Após quatro anos de experiência como enfermeira assistencial tivemos a oportunidade de aperfeiçoar conhecimentos por meio do Curso de Pós-Graduação em Saúde Pública - *Lato sensu*, realizado em Goiânia - GO, pelo Instituto de Aperfeiçoamento Profissional e Assessoramento Ltda (IAPA), com carga horária total de 800 horas. Estas experiências nos instrumentalizaram a dar continuidade aos estudos na área preventiva e, sobretudo, trabalhar com informação em saúde.

Como docente na disciplina de Saúde Coletiva na Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás, há dez anos temos desenvolvido atividades de ensino, pesquisa e extensão. Esta tríade, considerada a base de todas

as ações desenvolvidas nas Universidades (Públicas), é responsável pela formação acadêmica na sua totalidade, de modo que, ao término da graduação o aluno se sinta capacitado para o exercício da sua profissão. Acreditamos que por meio dos conhecimentos adquiridos e das experiências vividas durante o período da sua formação, o aluno perceba que é o principal ator para o cuidado, especialmente com a sua própria saúde e com a do próximo.

Nossa expectativa no processo de formação de enfermeiros é que toda a informação que o aluno receba durante o período da graduação possa influenciá-lo para aquisição de práticas, condutas e estilos de vida saudáveis resultando, portanto numa qualidade de vida mais prazerosa tanto para ele próprio quanto para as pessoas que ele irá assistir.

No papel de educadora na área da Saúde Coletiva percebemos a necessidade de utilizar diferentes estratégias para trabalhar a temática “Educação em Saúde”, principalmente os aspectos da prevenção e da promoção da saúde, os quais entendemos como conceitos chaves para a formação do profissional enfermeiro. Temos explorado esta temática há bastante tempo, especialmente, no que diz respeito à motivação do sujeito para a tarefa de se cuidar, aspecto de fundamental importância quando pretendemos focar o comportamento dos indivíduos e seu estilo de vida. Isto pode refletir diretamente sobre suas vidas potencializando sua saúde.

No ensino, tanto na graduação como na pós-graduação *Lato sensu*, especificamente, na Residência em Saúde da Família – modalidade Especialização, nossa participação tem sido pautada no desenvolvimento de várias ações no setor da Atenção Básica em Unidades Assistenciais de Saúde, com a execução de ações educativas gerais na comunidade a partir do diagnóstico da realidade local, e com

ações em parcerias com instituições não governamentais. Alguns resultados obtidos foram publicados em revista especializada (SOUZA et al., 2003a). Ainda em relação às atividades na pós-graduação *Lato sensu* - modalidade Especialização, participamos como tutores no Programa de Profissionalização dos Trabalhadores da área da Enfermagem - PROFAE (BRASIL, 2000a). O objetivo deste curso foi promover a formação de recursos humanos (enfermeiros) das escolas de nível técnico na atenção ambulatorial e hospitalar para oferecer aos usuários do Sistema Único de Saúde uma assistência mais humanizada.

De igual forma, as atividades de pesquisa que desenvolvemos também estão relacionadas à temática da Prevenção e Promoção da Saúde, incluindo nesse contexto as atividades de orientações aos graduandos de enfermagem em seus trabalhos de conclusão de curso. Resultados desses investimentos tem sido apresentados e divulgados em eventos de âmbito regional e nacional (SOUZA et al., 2003b; SOUZA et al., 2003c; DEL-RIOS; SOUZA; MUNARI, 2006).

Em nossa Dissertação de Mestrado trabalhamos a temática da Prevenção e Promoção da Saúde com a proposta de detecção da soroprevalência da infecção pelo vírus da hepatite B em pacientes de instituições psiquiátricas e em indivíduos não institucionalizados com síndrome de Down de Goiás, cujos resultados obtidos foram publicados em anais de periódicos especializados (SOUZA; CARDOSO, 2001; SOUZA, et al., 2002a; SOUZA; CARDOSO; BARBOSA, 2002b; SOUZA et al., 2004a).

Quanto ao desenvolvimento de atividades de extensão, estas sendo comumente desenvolvidas na Universidade Federal de Goiás, por professores e alunos junto à comunidade em geral, se encaixam também no mesmo enfoque. As ações sempre são programadas e realizadas para atender na medida do possível,

as necessidades da realidade local.

Essas atividades são vinculadas ao NUCLAIDS da FEN/UFG, cadastrado no Diretório de Grupos e Pesquisas do CNPq.

As ações do NUCLAIDS objetivam colaborar para a prevenção das doenças sexualmente transmissíveis, incluindo a infecção pelo HIV e também das hepatites B e C em nossa região e, por conseguinte, em nosso país, através de atividades educativas, pesquisas e intervenções participativas com implementações de políticas de capacitação de recursos humanos.

O contato inicial com a temática Aids e Prevenção das Doenças de Transmissão Sexual adveio da nossa participação em 1996, em um curso de capacitação para enfermeiros multiplicadores na perspectiva da prevenção das DST/HIV/Aids, na assistência ao portador da infecção pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV), com ou sem aids. Esta iniciativa se deu pelo fato de estarmos, naquela época, na segunda década da pandemia com surgimento do número elevado de casos HIV positivos e também casos de pacientes com aids. Esta realidade passou a preocupar a equipe técnica do Ministério da Saúde assim como grande parte dos profissionais da área da saúde dos diferentes estados de todo o país. No estado de Goiás este curso foi ministrado pelo grupo técnico da Coordenação Nacional do Ministério da Saúde através do projeto UNIVERSIDAIDS, com contrapartida da Secretaria Estadual de Saúde.

Na ocasião o grupo de docentes do NUCLAIDS iniciou as atividades de capacitação e qualificação de recursos humanos do quadro permanente de professores da rede estadual de ensino com enfoque na prevenção de DST/HIV/Aids, em parceria com as Secretarias de Saúde e Educação tanto do Estado quanto dos Municípios de Goiânia e Aparecida de Goiânia/GO.

Dentre os resultados que obtivemos, ressaltamos o sucesso do curso de capacitação de professores, no qual foram treinados 385 profissionais da rede estadual de ensino de Goiânia, para se tornarem multiplicadores e educadores em saúde com o enfoque na prevenção das doenças de transmissão sexual em suas respectivas escolas.

A seguir, outros trabalhos foram realizados pelo NUCLAIDS na mesma temática com o grupo de enfermeiros e agentes comunitários de saúde do Programa de Saúde da Família (PSF) do município de Aparecida de Goiânia/GO. Este município foi selecionado por estar localizado no entorno de Goiânia, as margens da BR - 153, o qual possui uma população de alta vulnerabilidade social (região de localização de motéis), têm afluência migratória e apresenta, em algumas regiões, altos índices de violência urbana, com população de baixo nível socioeconômico e educacional, características de município circunvizinhos às metrópoles.

Ao pensarmos o projeto de Doutorado tínhamos a clareza da necessidade e importância de delimitarmos um objeto de estudo que fosse elaborado a partir das referidas experiências, pois, vislumbrávamos muitas questões a serem respondidas em relação à questão da efetividade da temática educação sexual com enfoque na promoção e prevenção de DST/Aids.

Na ocasião da realização do projeto de extensão com o curso de capacitação dos enfermeiros do PSF do município de Aparecida de Goiânia/GO, enfocando a prevenção das DST e aids, foi apontado por estes profissionais a necessidade de um trabalho educativo e de sensibilização sobre educação sexual com a população de adolescentes das regiões de cobertura do PSF . O trabalho para atender esta população específica, se justificou pela grande procura às unidades assistenciais para a obtenção de informações sobre prevenção em DST,

por materiais como métodos contraceptivos, principalmente os preservativos masculinos, ainda pelas informações obtidas sobre o número elevado de gravidez na adolescência, daquela localidade. Outra informação relevante sobre a situação destes adolescentes e, também crianças, é à situação de exclusão dos meios sociais (escolas, núcleos assistenciais e outros), o que os deixam muito ociosos passando boa parte do tempo nas ruas, como referido pelos enfermeiros das equipes do PSF. Mediante a todas estas situações, esta população posteriormente foi contemplada com ações educativas e preventivas voltadas para a educação sexual.

Parte dos resultados obtidos nesta experiência foram apresentados no trabalho de Silva et al. (2005), que mostrou o despreparo dos adolescentes para uma vida sexual sadia, os quais se apresentam vulneráveis ou com riscos para aquisição de doenças transmitidas pelo sexo. Isso reforça a importância de programas educativos para esta população específica e principalmente para aquelas de baixa renda residentes em áreas de maior risco social o que pode estar contribuindo para a susceptibilidade quanto a comportamentos facilitadores para aquisição e disseminação das DST.

Na ocasião foram realizadas 10 oficinas com grupos de adolescentes de diferentes regiões do município, os quais foram subdivididos por faixa etária, pois dessa forma atenderíamos as necessidades e capacidades cognitivas particulares. O objetivo principal das oficinas foi promover a sensibilização através de diversos temas como o exercício da cidadania, sexualidade saudável e a prevenção das DST/Aids.

Os jovens foram receptivos e participativos durante as atividades e em todo momento traziam questões, dúvidas e sugestões para o grupo. O resultado

desta experiência mostrou a importância da atuação do profissional coordenador de grupos quanto a sua habilidade e manejo grupal no trabalho com adolescentes, que em todos os momentos foram ressaltados seus saberes, suas experiências e suas preocupações. Este trabalho foi bastante interessante e divulgado em periódicos nacionais (SOUZA et al., 2004 b; SOUZA et al., 2007).

Avaliando os resultados obtidos nas oficinas pudemos perceber o quanto a informação sobre a prevenção de agravos para a saúde sexual dos adolescentes, ainda é incipiente para este grupo, especificamente. Um aspecto que nos causou surpresa foi a pouca informação e a inibição dos jovens em expor sobre o assunto.

Sabemos que as informações sobre a educação sexual, sobretudo, para a prevenção das DST, estão chegando até eles de alguma forma, sejam através das informações obtidas no ambiente escolar, na mídia, pelos membros da família ou ainda conversas informais em grupo com amigos. No entanto, nos preocupa em particular “como” as informações estão chegando, “como” estão sendo divulgadas e porque ainda não vislumbramos resultados positivos quanto às mudanças no comportamento destes jovens como a adesão e a questão da negociação para o uso de preservativos, principalmente o masculino, visando a prevenção das doenças de transmissão sexual.

Assim, nosso questionamento não é focado apenas sobre a falta de informações, mas sobre a baixa efetividade desta para, de fato, promoverem mudança de condutas e ainda sobre o que faz com que o jovem pense que com ele não acontece a contaminação de doenças de transmissão sexual e porque é tão autoconfiante na sua “imunidade”. Questionamos ainda quais estratégias, nós profissionais das áreas da saúde e da educação, devemos adotar para que os adolescentes se sintam motivados e sensibilizados ou ainda responsabilizados para

seu autocuidado.

Acreditamos que o meio social e o ambiente que o jovem frequenta diariamente, possa ter grande influência no comportamento. Dessa forma, a escola, enquanto espaço compreendido como o cenário privilegiado de acolhimento contínuo dos alunos, possa ser o ambiente propício para o desenvolvimento de ações educativas e preventivas, principalmente com o enfoque na educação sexual. Estudo realizado com adolescentes mostrou que os temas referentes à sexualidade foram considerados de maior interesse pelos alunos quando participam de atividades em grupos trabalhando a educação em saúde nas escolas (MUNARI et al., 1996).

Por outro lado, sabemos que o professor tem suas limitações sejam elas de ordem pessoal e ou profissional, para trabalhar a temática educação sexual. As limitações pessoais são consideradas as mais difíceis, ou ainda, delicadas de serem trabalhadas, pois este profissional pode trazer consigo experiências negativas no campo da sua própria sexualidade e isso pode dificultar ou limitar suas intervenções nesta área. Existem também outros fatores limitantes para a não execução desse trabalho como o desconhecimento da temática, os tabus e ainda as questões culturais, religiosas entre outras. As limitações profissionais são também aquelas em que o professor não está habilitado e não se sente motivado para abordar sobre este conteúdo.

Acreditamos que o trabalho sobre educação sexual deva ser iniciado por profissionais que estejam preparados e disponíveis para essa tarefa. Este é apenas um requisito necessário, mas não suficiente. Acreditamos que essa temática deve ser abordada não só por professores da área das ciências biológicas, mas por todos aqueles que se dispuserem trabalhar com uma postura segura de educador que

respeita o outro e que transmite confiança aos alunos.

O trabalho de Brêtas e Silva (2002) mostra que é na escola também que o aluno adolescente tem mais oportunidade para receber informações sobre educação sexual. Infelizmente, várias situações como o despreparo técnico dos educadores para a abordagem do tema, suas limitações relacionadas com as questões sociais, culturais e religiosas tornam a realização deste trabalho mais difícil.

Outro fator dificultador também é apontado ainda nos dias de hoje por alguns educadores que consideram temas relacionados à sexualidade pertencentes somente à área biológica, ou seja, a biologização dos conteúdos sendo considerados exclusivos das ciências médicas, levando-se em conta apenas aspectos relacionados à função reprodutora, fenômeno entendido essencialmente como biológico (MIYASAKI, 2002; BRASIL, 2006a). Neste enfoque é comum a abordagem de conteúdos focados na anatomia, reprodução humana, contracepção, fisiologia e doenças de transmissão sexual incluindo a aids.

Essa temática é pertinente à vida e não a uma área específica do saber. Entendemos que os profissionais das diversas áreas do conhecimento (biológicas, humanas e exatas) devam trabalhar a sexualidade para além dos conceitos formais, mas também permitindo que estes conhecimentos se direcionem à dimensão da sexualidade subjetiva, associando estes temas às questões do sentimento, como o amor e o prazer, fenômenos estes entendidos como necessários e fundamentais para a sobrevivência humana. Acreditamos que a temática sexualidade quando bem canalizada e cuidadosamente trabalhada pelos educadores resulta positivamente na aquisição de novos conhecimentos preparando o adolescente para vida.

Portanto o educador deve trabalhar esta temática no ambiente escolar a partir de uma postura profissional sem imposições de valores pessoais ou mesmo

juízos moralistas, para que desta maneira possa despertar o interesse dos jovens para aquisição de condutas saudáveis no aspecto do comportamento sexual, que de forma indireta se sentirão mais responsáveis pela sua saúde.

Neste trabalho, inicialmente trazemos a **Delimitação do objeto do estudo** mostrando o panorama atual da epidemiologia das doenças de transmissão sexual e a relação com a população jovem, e em seguida os objetivos da nossa pesquisa.

O **Referencial teórico** vem a seguir e nos possibilita fazer uma reflexão mais ampla sobre “orientação sexual no contexto da escola”, as perspectivas e a aproximação dos professores com a temática além de apontar as tendências atuais em educação. Destacamos nesse item as contribuições da pedagogia crítico-reflexiva de Paulo Freire, que trabalhou questões relacionadas com a formação docente e a prática educativa a favor da autonomia do educando. Neste capítulo também enfocamos a importância e a atuação do profissional enfermeiro no ambiente escolar através da educação em saúde.

Na seqüência apresentamos o **Percurso metodológico**, mostrando em detalhes a estratégia da pesquisa-ação e os tópicos pertinentes ao delineamento do estudo.

Na **Apresentação e discussão dos resultados**, descrevemos e analisamos os dados gerados pela investigação, fazendo diálogo constante com o referencial teórico.

1.2 Delimitando o objeto de estudo

As doenças sexualmente transmissíveis têm ocupado um espaço significativo na nossa sociedade devido à alta incidência na população geral, principalmente na população de adolescentes (JULIÃO et al., 2001). Dentre as DST, a aids constitui-se um dos mais sérios problemas de Saúde Pública na atualidade. A abrangência do problema ainda é mais preocupante, quando observamos os crescentes índices de casos entre a população jovem com menor escolaridade (JARDIM e BRÊTAS, 2006; BRASIL, 2007d;). Estudo demográfico e epidemiológico realizado por Castro e Juarez (1995) já mostrava índices relacionados com o nível de escolaridade o qual tem influência direta no comportamento individual. Singh, Darroch e Frost (2001) citam também que grupos de pessoas com menores níveis de escolaridade e recursos financeiros são mais vulneráveis a aquisição de DST.

A América Latina é considerada a região do continente onde as pessoas iniciam a atividade sexual mais precocemente quando comparada a outras regiões no mundo e, também com maior percentagem de uso do preservativo somente na primeira relação sexual (UNAIDS/WHO, 2006). A possibilidade de infecção por agentes microbianos de transmissão sexual é grande nas relações sexuais desprotegidas e os dados disponíveis mostram que o uso do preservativo é irregular, não havendo assiduidade quanto a utilização deste método específico pela população sexualmente ativa ainda. Na América Latina, o Brasil é o país que apresenta o maior número de relações sexuais por indivíduo/ano, sendo o segundo no mundo, com 143 relações por ano, perdendo somente para a Grécia (168/ano). A média mundial é de 126/ano, (BROWN, 2001; BRASIL, 2007a).

O Brasil possui uma epidemia do tipo concentrada, com uma taxa de prevalência da infecção pelo HIV de 0,6% na população de 15 a 49 anos (SZWARCWALD; SOUZA, 2006). No período de 2001 a 2006 foram registrados 167.913 casos da doença dos quais 49.384 na faixa etária de 13 a 24 anos, sendo 28.867 no sexo masculino e 20.517 no sexo feminino (BRASIL, 2007a). De acordo com os dados do último Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde, de 1980 a junho de 2007 foram notificados um total de 474.273 casos de aids no país. Ainda segundo esse mesmo documento, exclusivamente em 2006, jovens com idade entre 13 a 24 anos representaram praticamente 9% (2.880/32.628) de todos os casos notificados (BRASIL, 2007e).

O tema da campanha do Ministério da Saúde para o Dia Mundial de Luta Contra a Aids em 2007, foi sobre a prevenção entre jovens de 13 a 24 anos, usando o slogan “Sua atitude tem muita força na luta contra a Aids”, em consequência da observação das últimas estatísticas que apontaram um crescimento de casos entre homossexuais e bissexuais jovens. Também em função da observação da inversão na razão das taxas de incidência entre meninos e meninas de 13 a 19 anos, mostrando que estas se previnem muito menos que os meninos e mulheres adultas, sendo que em 1996 a taxa era de 1,7 casos por 100 mil em meninas e 2,0 casos por 100 mil em meninos. Já em 2006 esses valores se inverteram, sendo 1,7 casos em meninos para 2,8 em meninas. (BRASIL, 2007f; OLIVEIRA, 2007)

Pesquisa realizada nos meses de outubro e novembro de 2007 com 7.520 alunos na faixa etária de 13 a 17 anos de 20 escolas de São Paulo mostrou que, 70% dos jovens tem informações corretas sobre o sexo seguro e aproximadamente 40% não fazem uso regular do preservativo. Constatou-se também que entre os jovens entrevistados, a média de idade da sexarca foi de 14 e 15 anos sendo que

28% dos garotos e 17% das garotas já haviam feito sexo com penetração (BOUER, 2007). A redução da idade de iniciação sexual é provavelmente uma das causas de acúmulo de casos de aids nesse grupo, onde a maioria deles ocorre por transmissão sexual. Considerando que a média de latência da infecção pelo vírus é de 8 a 10 anos (ALCABES, 1993), a manifestação da infecção está ocorrendo justamente na faixa etária de adulto jovem.

No país, existe um agravante na questão das notificações das doenças de transmissão sexual, pois os registros de casos confirmados de DST são subnotificados e ainda não há uma política nacional de prevenção e controle eficaz e diferenciada por Estado (BRASIL, 2003a). Por isso, qualquer avaliação epidemiológica mais precisa dessas patologias fica comprometida. Vale destacar ainda que as notificações das doenças de transmissão sexual não são compulsórias.

Uma das razões para o aumento das DST em muitos países em desenvolvimento é a falta de acesso à serviços de saúde efetivos e confiáveis. Outro aspecto que pode estar relacionado a essa problemática são os fatores demográficos, tais como: o grande número de jovens sexualmente ativos, a migração urbana com mudanças sócio-culturais, a multiplicidade de parceiros sexuais com aumento do nível de prostituição em idade precoce e prevalência de resistência aos antimicrobianos. Abramovay; Castro e Silva (2004), evidenciaram a dificuldade dos jovens em procurar ajuda profissional quando apresentam DST. Na pesquisa realizaram somente 34,6% procurou o serviço de saúde; 8,5% um amigo e 4,5% balconista de farmácia. Estes dados mostram a importância da disponibilidade de serviços de saúde especializados, com acolhimento diferenciado para o atendimento da população jovem (BRASIL, 2007a).

Estes resultados mostram que cada vez mais os jovens estão iniciando

suas atividades sexuais precocemente, o que nos faz refletir sobre necessidades urgentes de intervenções para esta população considerada vulnerável para aquisição de doenças e situações indesejadas como, por exemplo, uma gravidez não planejada com possibilidade de provocar aborto.

Um estudo recente mostrou que quatro em cem adolescentes com idade de 13 a 19 anos adquire mais de uma DST anualmente (TRANI et al., 2005).

Outro estudo realizado em clínicas de reabilitação para adolescentes com faixa etária inferior a 18 anos mostrou que a grande maioria dos jovens internados relatou que já tinham tido relações sexuais anteriormente e não fizeram uso de preservativos (GODIN et al., 2003). Este dado preocupou e sensibilizou os dirigentes da instituição os quais trabalharam no sentido de informar que o não uso de preservativos é um comportamento moralmente inaceitável devendo gerar neles próprios um sentimento de responsabilidade pessoal (GODIN et al., 2003).

No Brasil, e mais especificamente no estado de Goiás quando comparado ao restante do país, os dados epidemiológicos seguem a mesma tendência e também sofrem alterações devido à ocorrência de subnotificações. Chama-nos a atenção o número total de casos diagnosticados que, no período de 2000 a 2006 foram notificadas 13.063 casos de DST na faixa etária de 10 a 24 anos, e destes, 3501 são casos de aids em indivíduos de 12 a 19 anos (GOIÁS, 2007).

Os dados epidemiológicos mostram que a doença de transmissão sexual tende a ser mais comum e mais severa em países em desenvolvimento, devido a fatores de ordem social e cultural. Há, portanto, estimativas numéricas de 6.613.790 novos casos anuais de DST, dos quais, a maioria, ocorre entre adolescentes e adultos jovens (BRASIL, 2005a).

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), ocorrem no Brasil

cerca de 10 milhões de casos de DST ao ano. A notificação dos casos de DST não é compulsória e cerca de 70% das pessoas que apresentam alguma DST buscam tratamento sem receitas médicas, em drogarias, por exemplo, pelo fato de não serem identificados e ou por vergonha em expor este tipo de problema. Isso faz com que os dados epidemiológicos fiquem subestimados, não refletindo, portanto, estimativas da OMS (BARROSO et al., 2001; BRASIL, 2003b).

Nesse contexto, o Programa Nacional de DST/Aids está implementando um plano estratégico de prevenção através de projetos multidisciplinares o qual deverá envolver as áreas da saúde e da educação com objetivos definidos de enfrentar as diferentes vulnerabilidades associadas à prática do sexo desprotegido, o uso de drogas, violência doméstica e sexual e as barreiras culturais que induzem os jovens às situações de maior exposição as DST e a aids. Através desta intervenção é esperado o aumento do conhecimento da população sobre as DST e práticas de sexo seguro, a ampliação do acesso da população alvo aos serviços de aconselhamento, o diagnóstico rápido e de qualidade com tratamento resolutivo das DST e a priorização da abordagem de DST no campo do ensino e da pesquisa (BRASIL, 2007a).

Uma pesquisa realizada em 2004 sobre o “Conhecimento, Atitudes e Práticas na População Brasileira de 15 a 54 anos” como parte de um programa interdisciplinar desenvolvido pelo Programa Nacional de DST/Aids do Ministério da Saúde, identificou que os indivíduos pertencentes à faixa etária mais jovem, 15 e 24 anos, apresentaram o menor nível de conhecimento sobre a prevenção e as formas de transmissão das DST (ABRAMOVAY; CASTRO; SILVA, 2004). Com esta mesma faixa etária foi diagnosticado um alto percentual de adultas jovens e adolescentes sexualmente ativas que ainda não realizaram exames ginecológicos, ou mesmo

tiveram acesso aos serviços para obtenção de informações, demonstrando, portanto, uma lacuna entre o próprio conhecimento e o acesso aos recursos disponíveis nas unidades de saúde de todo País.

Por isso, acreditamos que as características adquiridas e o comportamento que os jovens apresentam como o desconhecimento da própria sexualidade, a precocidade da atividade sexual, a falta de informação como estratégia para a prevenção de doenças transmitidas pelo sexo, a necessidade de orientação sobre o uso de drogas e seus “efeitos”, o desconhecimento ou a não adesão aos métodos contraceptivos que podem também resultar numa gravidez indesejada, e a necessidade de afirmação grupal, os deixam mais susceptíveis aos riscos para as doenças de transmissão sexual e conseqüentemente a aids (MESQUITA; SEIBEL, 2000; TIBA, 2005; SOUZA, et al., 2004b). Mandú et al. (2000) complementam que a oferta de informações sobre aspectos relacionados à sexualidade e prevenção de DST adquiridas na primeira fase de formação do adolescente será decisiva para o resto da sua juventude e, o comportamento que ele adquirir terá grande influência para sua saúde pessoal, social e econômica.

É imprescindível que a prevenção seja o enfoque prioritário, especialmente quando o alvo dos programas for a população jovem. Desse modo, entendemos que a educação em saúde é uma ação básica que objetiva capacitar indivíduos para assumirem a responsabilidade de se cuidar e a promoção à saúde adquire grande importância no contexto das DST e sobretudo para a epidemia da aids. Dessa forma são esboçados os primeiros passos para o aprimoramento dos serviços como as variadas estratégias de intervenção (KAWAMOTO et al, 1995; BRASIL, 2002). Entendendo que a população jovem é detentora de saberes e práticas que devem ser respeitadas e valorizadas, a sua participação deve ser

garantida em todos os planejamentos de intervenções onde o jovem estiver inserido, principalmente no ambiente escolar.

Na opinião de Forte et al. (2002) a questão relativa à educação para a saúde está diretamente relacionada com o princípio da cidadania, e que esta abordagem deve ser despertada no domicílio com a família e na escola. Hanson (2001) e Kaloustian (1994) defendem que os vários programas destinados a grupos específicos são setorizados e verticalizados não considerando ou envolvendo a família como unidade biossocial da saúde, desrespeitando, portanto seus aspectos culturais.

As ações de prevenção e combate das DST vêm sendo priorizadas pelo Programa Nacional de DST e aids do Ministério da Saúde, em razão da íntima relação com a infecção causada pelo HIV, pois promove a redução da incidência e da prevalência dessas doenças na população geral, principalmente na sexualmente ativa.

No mundo inteiro, as doenças sexualmente transmissíveis (DST) vêm atingindo milhões de pessoas anualmente, as quais continuam sendo foco de estudos e preocupação de toda a comunidade científica mundial. Segundo a OMS, 340 milhões de novos casos anuais de DST são preveníveis e curáveis como a sífilis, tricomoníase, infecção pela clamídia e pelo gonococo e os países em desenvolvimento concentram quase 80% destes casos (BRASIL, 2007b). As complicações resultantes dessas doenças são consideradas potencialmente graves, pois podem envolver riscos para a saúde reprodutiva, principalmente nas mulheres, como a infertilidade, abortamento, natimortalidade e infecções congênitas, além de facilitar a infecção pelo HIV. Para o Brasil, a partir de 2005, a OMS estima entre 11 a 12 milhões de casos novos de DST por ano (BRASIL, 2007a).

A população jovem é considerada a grande esperança para a nação brasileira pela criatividade que possui e pelo poder de construção que está presente nesta fase da vida. Essa força jovem representa também grande oportunidade de desenvolvimento e mudanças positivas para o país no aspecto do crescimento, desenvolvimento, da estabilidade social e econômica e para a geração de empregos. O Brasil conta com mais de 54 milhões de pessoas na faixa etária de 10 a 24 anos de idade representando 30,3% da população brasileira e o sistema de ensino abriga aproximadamente 62% de adolescentes jovens nessa faixa etária (BRASIL, 2005a).

Considerando a adolescência como uma fase importante na vida do ser humano, marcada por grandes transformações psicossociais, físicas e cognitivas que influenciam diretamente seu desenvolvimento, os indivíduos nesta fase constituem um grupo em exposição crescente a várias situações de riscos físicos, emocionais e sociais, representando ameaças ao seu futuro (MEDRADO; LIRA, 1999; THIENGO; OLIVEIRA; RODRIGUES, 2002; DIAS; BUENO, 2003).

O crescente aumento de casos de infecção pelo HIV e a inexistência ou pouca informação de registros de casos de DST entre os adolescentes, tornam a questão da prevenção altamente relevante, considerando que os adolescentes estão iniciando cada vez mais precocemente seus relacionamentos sexuais os quais apresentam comportamentos de risco que os deixam cada vez mais vulneráveis a aquisição de infecções e doenças, comprometendo também a sua saúde reprodutiva (BRASIL, 2005a).

Dados atualizados comprovam que as DST representam um sério impacto na saúde reprodutiva das adolescentes, porque podem causar esterilidade, doença inflamatória pélvica, câncer de colo uterino, gravidez ectópica, infecções puerperais

e recém-nascidos com baixo peso, além de interferir negativamente sobre a auto-estima (TRANI, 2005; ABGO, 2007). Ainda há a possibilidade de re-infecções se não forem tratadas de imediato sendo recomendado também o tratamento extensivo ao parceiro sexual.

No estudo de Diclemente et al. (2002) os resultados sobre os índices de re-infecção na população jovem, principalmente em adolescentes, mostraram que as mensagens de prevenção obtidas através do meio social ou da mídia tiveram pouca influência em seus comportamentos, isso nos mostra que possivelmente as informações que obtiveram não foram suficientes para a mudança de comportamento e obtenção de condutas saudáveis. Além desses aspectos considerados negativos das DST, os estudos realizados por Whittington et al. (2001); Barroso et al. (2001), Fortenberry et al. (2002) e Donovan (2004) mostraram que a utilização de estratégias educativas utilizando a informação passou a merecer atenção especial, quando comprovada que a presença de alguma DST pode significar fator de risco e porta de entrada resultando em contaminação e infecções graves adquiridas pelo HIV e HBV (vírus da hepatite B).

Com surgimento da aids, a situação das DST tornou-se mais séria ainda, em especial, entre adolescentes e adultos jovens. No entanto, controlar a disseminação dessas infecções tornou-se objetivo prioritário das instituições assistenciais e educacionais, considerando a magnitude estimada dessas doenças em nosso meio e suas implicações, não apenas por sua gravidade mas também pela associação direta com a infecção pelo HIV (SP/SEE, 2002; DIAS; BUENO, 2003).

Como a transmissão sexual ainda continua sendo a principal forma de exposição e transmissão para as DST/HIV e, conseqüentemente, a aids no Brasil e no mundo, as ações preventivas são consideradas prioritárias e com enfoque para

as questões voltadas para a sexualidade com foco no sexo seguro, isso continua valendo tanto para os homens quanto para as mulheres, haja vista o percentual elevado de positividade para o HIV nas mulheres apresentados nos dados epidemiológicos de todas as regiões brasileiras.

Esses fatores vêm reforçar a importância do trabalho de diferentes profissionais das áreas da saúde e da educação em desenvolver programas de prevenção e intervenção de forma coletiva, possibilitando a troca não só de informações, mas também de experiências vivenciais com a clientela específica. Especialmente, na área de saúde coletiva, Silva et al. (2002) consideram que ainda hoje os educadores se sentem incipientes na abordagem da prevenção e informação em saúde, uma vez que as estratégias utilizadas são desenvolvidas de modo intuitivo, sem muita fundamentação teórico-metodológica. Por isso a capacitação dos profissionais é considerada imprescindível para tornar eficiente sua ação educativa. Quando pensamos na posição estratégica da escola na formação dos jovens, o professor torna-se o parceiro ideal para essa tarefa.

Segundo Sayão (1997), o professor tem condições de reconhecer sua capacidade e seus próprios limites a partir da interiorização e assimilação da informação recebida, sendo necessário sentir-se seguro e instrumentalizado, para então socializar o conhecimento com os demais. Relata também que se a área temática for sobre sexualidade é preciso que os alunos tenham idade suficiente para receber os conteúdos além de maturidade, interesse e responsabilidade.

Considerando que a sexualidade é fenômeno natural e o sexo fonte de prazer e necessidade humana, concordamos com Sayão (1997) ao discutir, que no trabalho os temas relacionados à sexualidade no ambiente escolar, devem ser realizados por profissionais competentes e seguros, que tratem o assunto com

naturalidade, devendo ser vistos em todas as fases da vida, de forma contínua, sistemática, abrangente e integrada e não em áreas ou disciplinas específicas.

No Estado de Goiás a orientação sexual não é temática discutida de forma sistemática dentro da escola conforme prevê o Parâmetro Curricular Nacional (PCN), projeto do Ministério da Educação e Cultura (BRASIL, 1998a). Por nossa aproximação com as Secretarias da Educação e Saúde do Estado para a concepção deste trabalho de doutorado, verificamos que de modo geral este assunto não faz parte das grades curriculares das grandes escolas e colégios no município de Goiânia capital do Estado. Assim nos deparamos com a realidade de que somente alguns professores que ministram disciplinas na área das ciências biológicas estão fazendo algum tipo de trabalho com os alunos abordando conteúdos específicos na área da sexualidade como anatomia do corpo humano, prevenção de doenças de transmissão sexual, métodos contraceptivos e reprodução assim como o ciclo do desenvolvimento humano.

Nosso contato inicial com os gestores das referidas secretarias constatou que nem todos os professores se sentem capacitados e a vontade para falar sobre estes conteúdos específicos e nem mesmo estes temas transversais constam na grade curricular da escola de forma sistematizada, embora seja determinado pela própria Secretaria de Educação através das subsecretarias de ensino.

Acreditamos que a elaboração de diretrizes, a definição de estratégias metodológicas e o planejamento das ações a serem desenvolvidas na abordagem da temática orientação sexual devem seguir modelos sistematizados como os mencionados no PCN. Entendemos que para o êxito das ações e a consolidação de políticas públicas de promoção da saúde e prevenção de agravos desenvolvidas nas escolas dependem e muito de um planejamento participativo envolvendo toda a

comunidade escolar, ou seja, diretores, professores, servidores e os estudantes respeitando e valorizando a realidade local.

Nesse sentido, defendemos nesse projeto a importância de realizarmos um trabalho direcionado ao grupo de professores, por entendermos que sem recursos adequados e poucas possibilidades de discutirem essa temática em um nível mais aprofundado, dificilmente eles terão mais habilidades para um trabalho de conscientização e transformação junto aos alunos adolescentes, com vistas a despertá-los para o autocuidado e auto-responsabilização para a sua saúde.

Acreditamos que seja fundamental permitir a participação dos alunos jovens na programação de atividades que a escola irá desenvolver, sabendo que esta população tem um potencial enorme de criatividade, necessidade de auto-afirmação e uma vontade de fazer a diferença, quesitos típicos da juventude.

A juventude é um momento em que a experimentação da sexualidade vai possibilitar a estruturação da identidade. A sexualidade, no meio escolar, é considerada um tema polêmico, mediante as várias visões, crenças e valores dos personagens envolvidos (alunos, pais, professores e servidores). Para Abramovay, Castro e Silva (2004) a intervenção da escola no campo da sexualidade deve acontecer de forma cautelosa e responsável, considerando que o ambiente escolar é preparado para ministrar conteúdos específicos e pontuais de forma coletiva e tradicional e a sexualidade pede momentos de individualização, de reflexão, de socialização de saberes adentrando para as questões dos sentimentos como o prazer e outros.

No nosso meio é comum que os professores admitam certa dificuldade em trabalhar sobre afetividade e sexualidade em sala de aula. Abramovay, Castro e Silva (2004) afirmam que essa problemática está associada às questões existenciais

e institucionais. Muitas vezes, os próprios professores não sabem lidar com essa questão em suas próprias vidas, pois se sentem incapacitados tecnicamente, ou constrangidos ao falar sobre este assunto. O estudo de Warken (2005) mostrou que há situações contrárias onde há professores que não sentem dificuldades em trabalhar esta temática e que em muitos casos as dificuldades podem estar associadas à vida pessoal, como traumas de ordem íntima, experiências sexuais negativas, tabus adquiridos ao longo dos anos e preconceitos que ainda existem no contexto sociocultural brasileiro.

Sabemos que o professor tem um papel importante na condução dos trabalhos no ambiente escolar. Ele deve planejar as atividades a serem realizadas com os alunos de uma forma bastante participativa, mas respeitando a singularidade e os potenciais de cada um. É de fundamental importância que o professor possibilite a participação dos alunos em todas as ações de planejamento e implementação do projeto político pedagógico da instituição, considerando que estes jovens conhecem a realidade que estão vivendo e sabem quais as ações prioritárias necessárias que mais lhes serão úteis (BRASIL, 2007d).

Assim como a educação e a saúde são consideradas dois pilares para a sobrevivência humana que estão sempre em construção e desconstrução, Burigo (1992) afirma também que a educação e a saúde são áreas fundamentais para o processo evolutivo de qualquer sociedade. Portanto é fundamental que os projetos pedagógicos sejam desenvolvidos por profissionais das diversas áreas do conhecimento através da abordagem ensino-aprendizagem participativa.

Considerando toda a problemática discutida até aqui, nossa aproximação com a temática e com os gestores da educação e da saúde em nível estadual além do nosso envolvimento no trabalho de promoção da saúde e prevenção das DST,

partimos de alguns questionamentos que nos guiaram na construção deste estudo.

Qual o conceito que os professores que atuam no ensino fundamental e médio tem sobre as temáticas sexualidade e orientação sexual? Estes profissionais têm experiências de discussão em salas de aula? Se sim, como isso tem acontecido? Tem respondido as expectativas dos alunos? Os educadores sentem dificuldades em abordar questões relativas à sexualidade? E ainda, qual importância dessa temática no contexto do projeto político pedagógico da escola? Os professores se sentem capacitados para a inclusão dessa temática tal como preconizada pelo Parâmetro Curricular Nacional?

Com a intenção em responder a esses questionamentos é que nos propusemos à realização deste estudo acreditando que o enfermeiro é um profissional qualificado e competente para atuar no âmbito escolar, haja vista experiências exitosas desse profissional (FERRIANI, 1991; FERRIANI e GOMES, 1997; LOPES et al., 2003).

Assim, apresentamos os objetivos que orientam esta investigação concebida com os pressupostos teóricos de uma pesquisa-ação.

Objetivos

2 OBJETIVOS

Geral:

Desenvolver e analisar junto aos professores do Colégio Estadual Juvenal José Pedroso, o processo de conscientização crítica para a construção de estratégias educativas de prevenção e promoção da saúde sexual e reprodutiva dos alunos a ser contemplado no Projeto Político Pedagógico (PPP) da instituição.

Específicos:

- Conhecer a compreensão dos professores acerca da temática orientação sexual e prevenção de DST no ensino para alunos adolescentes.
- Descrever e analisar o processo de tomada de consciência dos professores sobre o ensino da prevenção e promoção da educação sexual e sua inserção no Projeto Político Pedagógico da instituição.
- Identificar as práticas pedagógicas necessárias para implantação do projeto nacional “Saúde e Prevenção nas Escolas”, junto aos professores do Colégio Estadual Juvenal José Pedroso.
- Construir, com os professores, diretrizes sobre a temática orientação sexual para que possam utilizá-las na construção e implementação do Projeto Político Pedagógico.

Referencial Teórico

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 A orientação sexual no contexto da escola

Neste capítulo, apresentamos o referencial teórico, que construímos procurando contextualizar o papel da escola como espaço social com a missão de promover e desenvolver processos de ensino/aprendizagem articulando ações de diversas naturezas como educação, saúde, cidadania entre outras.

As áreas temáticas que abrangem a sexualidade e a orientação sexual discutidas nos espaços públicos de ensino foram contextualizadas neste capítulo, no sentido de destacar o espaço da escola para trabalhar a informação como instrumento de mudanças em uma realidade. Essas temáticas, dentre outras, foram preconizadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998a) e recomendadas para constar nos projetos políticos pedagógicos de todas as escolas e colégios públicos brasileiros pelo projeto nacional “Saúde e Prevenção nas Escolas” (BRASIL, 2005b). Este projeto foi criado pelos Ministérios da Educação e Saúde em parceria com a Organização das Nações Unidas para a educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e com o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e será apresentado mais à frente.

Assim, a organização desse tópico foi elaborada na perspectiva de entender a complexidade que envolve a sexualidade e a orientação sexual na área escolar. Nesse sentido abordamos um panorama geral sobre essa temática, seguido

de um enfoque na escola como espaço para o trabalho da orientação sexual e dos fundamentos da saúde escolar trazendo, especificamente, a contribuição da enfermagem.

A Política Nacional de Educação em Saúde a ser realizada nas instituições de ensino fecham o nosso referencial teórico apresentando as principais tendências do momento, em particular o projeto criado a partir da parceria do Ministério da Saúde, da Educação, UNICEF e UNESCO, denominado SPE (ANEXO C). A proposta deste projeto, em linhas gerais, é de mobilizar todos os educadores da rede pública de ensino do país a contemplar nos projetos políticos pedagógicos institucionais a cultura da promoção e prevenção com foco na redução da vulnerabilidade de adolescentes e jovens diante às DST/HIV/Aids.

3.2 Sexualidade e Orientação Sexual

A sexualidade humana, desde os tempos mais remotos até os dias de hoje, vem sendo trabalhada e discutida ainda de forma velada devido a muitos fatores de ordem social e cultural como os preconceitos e tabus, crendices e desconhecimentos que ainda se encontram arraigado na vida das pessoas. Vários fatores vêm influenciando o comportamento dos indivíduos e de maneira especial a população jovem, quando se fala de relações afetivas, fatores estes condicionados por questões históricas, políticas, sociais e mais fortemente religiosas (MARTINI e BANDEIRA, 2003).

Durante muito tempo, a sexualidade foi caracterizada como algo que surgia no início na adolescência e, somente no século vinte, psicanalistas constataram que seu início mesmo acontecia ainda na infância (PIGOZZI, 2005).

Hoje já é possível constatar que interesses e comportamentos relacionados à sexualidade são observados, com certa frequência, na maioria das crianças. Os estudos apresentados por Azevedo (2002) mostram que a sexualidade se expressa na fase da adolescência através da descoberta do corpo do outro e normalmente através de sentimentos e emoções que surgem nas relações com graus variáveis, ora de liberdade ora de responsabilidade. O enfoque sobre a sexualidade já foi registrado desde a pré-história, em expressões artísticas com desenhos de figuras rupestres em rochas e hoje no período moderno continuam expostos em diferentes ambientes com grafismos em formas diferenciadas de gênero configurando as diferenças entre homem e mulher, as quais expressam figuras míticas, espirituais ou ainda relacionados à fecundidade (MIYASAKI, 2002).

No final do século XIX até a metade do século XX vários autores se dedicaram a estudar a sexualidade a partir de novos e diferentes paradigmas. Giddens (1992) e Duarte (1996) afirmaram que o conceito de sexualidade só foi possível ser construído considerando o indivíduo como um todo, e não como um mero sujeito com função apenas de reprodução. Para Heilborn (1998) homens e mulheres têm a mesma atribuição de entender a sexualidade como algo que vai acontecendo, de forma muito natural e responsável, independentemente da fase de iniciação de suas práticas sexuais, já que na nossa sociedade ainda imperam as diferentes formas de liberdade ao sexo masculino.

A segunda metade do século XX foi marcada por eventos importantes e determinantes que deram novos impulsos para os estudos sobre a sexualidade com foco nas mudanças e nas representações sociais da época. O conceito de família e suas relações com a sociedade são áreas temáticas da era da modernidade e a importância da socialização dos saberes deve ser entendida de forma interdisciplinar

(PIGOZZI, 2005).

Miyasaky (2002) relata que o registro de lançamento dos métodos contraceptivos rompeu com o conceito de que a sexualidade estava associada somente à questão da reprodução da espécie. Ainda neste mesmo período várias mobilizações aconteceram no Brasil, envolvendo diferentes segmentos da sociedade civil organizada, como os movimentos feministas (liberação sexual através dos movimentos *hippies*, o lançamento de métodos contraceptivos como as pílulas contraceptivas e o preservativo masculino), além do movimento de homossexuais, bem como os estudos sobre gênero.

Estes movimentos sociais serviram de foco de estudos para a área da sexualidade que pela contraposição às desigualdades existentes na época, rompeu barreiras, relações de poder, valores e comportamentos tradicionais oriundos de modelos de normalidade sexual. Tais acontecimentos favoreceram a liberação sexual, a ponto de levar a um alto índice de gravidez não planejada e aborto. De igual forma, a liberação da censura nos meios de comunicação, com cenas pornográficas, passaram a ser veiculadas na rede levando inclusive a banalização do sexo (ABRAMOVAY; CASTRO; SILVA, 2004).

Atualmente, estas questões passam por novos paradigmas, sobretudo pelo surgimento da aids, que certamente contribuiu para despertar novamente o interesse das comunidades acadêmicas e científicas mundial para estudos na área da sexualidade.

Esta problemática certamente está despertando, nas pessoas, interesses de responsabilização pela sua saúde para adoção de práticas e condutas mais saudáveis e também mudanças de comportamentos para o sexo seguro, objetivando reverter o quadro epidêmico que em se encontra a aids hoje no Brasil e no mundo.

(BRÊTAS e SILVA, 2002; BRASIL, 2007d).

Na nossa cultura há uma tendência de considerar os aspectos da sexualidade, principalmente dos jovens, como função reprodutora e pelo prazer. Infelizmente, não valorizam o psicoemocional desconsiderando os sentimentos e emoções decorrentes do processo natural da vida sexual dos indivíduos, presentes nesta fase. Sexo e saúde sexual são essenciais na vida humana, não só por questões reprodutivas, mas também por constituir uma das maiores fontes de prazer e de realização pessoal (JUAREZ, 2002; OUTEIRAL, 2003).

Para Juarez (2002) e Abramovay, Castro e Silva (2004) a sexualidade envolve sentimentos variados de ordem emocional, gênero, identidade sexual, erotismo, amor e reprodução, que num sentido mais amplo, ocorre através da relação de diversos aspectos intelectuais, afetivos, familiares e sociais a partir de um contexto ético e moral de forma global considerando os valores sociais do meio em que os indivíduos vivem, e que pode manifestar em qualquer etapa da vida. A sexualidade e, conseqüentemente, o comportamento sexual que os jovens apresentam vêm despertando interesses para toda sociedade podendo ser entendida como um fenômeno cultural que na sua historicidade é moldado por influências políticas, econômicas e culturais. Tais influências devem ser consideradas quando pensarmos e programarmos projetos de educação em saúde priorizando a prevenção no ambiente escolar (BRASIL, 2000a).

A temática sexualidade vem sendo discutida no ambiente escolar desde a década de 20, mas somente a partir da década de 70 é que houve a inclusão nos currículos de 1º e 2º graus, com objetivo prioritário de formar o indivíduo na sua globalidade (MACHADO, 2004). Foi somente a partir da década de 80, no entanto, que intensificaram os estudos envolvendo essa temática na maioria dos currículos

das escolas brasileiras, em consequência da realidade da época, em que começa a surgir números preocupantes de casos de gravidez na adolescência, aliada também às preocupações com a contaminação pelo HIV entre a população jovem, passando a preocupar a gestão pública e os educadores de maneira geral (BRASIL, 1998a).

A educação no campo da sexualidade inclui questões relacionadas aos direitos sexuais e reprodutivos, o acesso à informação de qualidade baseada na cientificidade, além do respeito à diversidade do comportamento humano. Portanto, a educação sexual realizada nos diferentes segmentos sociais como na escola e nos serviços de saúde diferenciam de outras experiências educativas realizadas na família, no ambiente de trabalho, no lazer, na mídia, enfim nos diversos lugares de convívio social (BRASIL, 2006a).

Assim, é esperado que educadores e profissionais de saúde estejam mais habilitados a desenvolver ações e a trabalhar temas relacionados à orientação sexual conforme preconizado pelo Parâmetro Curricular Nacional (Brasil, 1998a), pelo fato de estarem constantemente veiculando mensagens educativas e também pela proximidade e convivência com a população de jovens adolescentes. A denominação orientação sexual, nesse sentido, parece mais adequada neste contexto, sendo bastante utilizada nas instituições de ensino, pois direciona os profissionais de educação a desenvolverem processos de intervenção sistemática na área da sexualidade. Essas ações incluem reflexões e questionamentos sobre valores, crenças, conceitos e preconceitos relacionados ao comportamento sexual do indivíduo, questões ainda muito presentes na realidade atual.

É, portanto, tarefa das instituições realizarem atividades de orientar os alunos quanto aos conceitos formais de temas que abrangem a sua sexualidade e, à família cabe a missão de desenvolver ações de educação sexual com seus filhos,

pois quem orienta é a escola e o papel de educar cabe a família (SUPLICY et al., 2004).

Nesta perspectiva, ao longo deste trabalho adotamos o termo orientação sexual como referência às ações dos profissionais de saúde e educação no âmbito da escola.

3.3 A escola como espaço para Orientação Sexual

A responsabilidade do jovem em se cuidar está mais presente nos dias de hoje do que tempos atrás, amenizando a responsabilidade que antes estava mais no poder público e segmentos sociais, e menos aos cuidados da família. Atualmente está sendo transferida para eles próprios a responsabilização pelas suas condutas, principalmente no aspecto sexual (DIAS; BUENO, 2003).

Souza e Osório (1980) e Knijnik et al. (1990), defendem que a educação sexual deve começar no lar no período da infância para que o indivíduo desde criança se aproxime das informações de forma natural, conheça seu corpo e suas características e que possa ter acesso à socialização de suas curiosidades no núcleo familiar especialmente com seus pais. Portanto consideram que o assunto sexo deixa de ser proibido no âmbito familiar, passando a ser considerado como algo que faz parte da vida, devendo ser tratado sem preconceitos ou tabus.

A sexualidade é hoje tema comum no universo escolar, embora ainda considerado um tópico polêmico devido à multiplicidade de opiniões, crenças e valores dos diversos atores, alunos, pais e professores. Por isso a intervenção da escola no campo da sexualidade, além de considerada complexa, tem riscos, pois a escola é destinada a disciplinamentos, com ênfase nos conteúdos e conhecimentos

formais que, de forma geral, atenda a coletividade cuja abordagem no campo da sexualidade exige momentos de individualização com foco ao respeito da diversidade cultural e social de cada um (ABRAMOVAY; CASTRO; SILVA, 2004).

A escola é local privilegiado por oferecer perspectivas de criar e recriar conhecimentos nas diversas áreas de atuação é reconhecida como um ambiente bastante saudável que tem como papel social a formação de cidadãos responsáveis, solidários e participativos para a transformação da sociedade (FERRIANI; GOMES, 1997; BRASIL, 2007d).

A instituição educacional deixou de ser considerada como um mero espaço apenas de repasse de informações e hoje é reconhecida como um local apropriado para troca de experiências, favorecendo a aquisição de conhecimentos através da socialização (FERRIANI, 1991).

Na década de 70, Arendt (1972, p.238), já sinalizava a importância do papel social da escola, especialmente quando afirmava que esta era:

[...] como um espaço de domínio privado do lar. O aluno era considerado como um filho, e seu comparecimento não era exigido pela família, mas sim pelo Estado, isto é, o mundo público. E para a criança do ensino fundamental a escola representa em certo sentido o mundo.

A escola era considerada como uma segunda instituição que tinha o dever também de cuidar do aluno na sua totalidade. Era comum o pensamento de confusão entre o que era público e privado. A figura do professor era associada e considerada como um membro da família e a escola sua extensão. A razão da escola e as opiniões do professor prevaleciam, tamanha era a responsabilidade e o papel social desta instituição (ARENDRT, 1972).

Hoje a escola moderna é considerada como uma novidade social e cultural, que pela própria realidade que estamos vivendo, o desempenho do

professor vai ou deveria ir além da questão de repasse de informações e a postura do aluno ser somente a de ouvinte (BRASIL, 2007c).

O ambiente escolar é considerado propício para o desenvolvimento de ações educativas e modelo para a prática do repasse de informações comunitárias. A informação sendo socializada colabora para o movimento de discussões que ao mesmo tempo mobiliza a participação dos alunos nas diversas atividades da escola (CANO; FERRIANI; MUNARI, 1995; MIRANDA et al., 2000; LEONELLO; LABBATE, 2006).

Por essa razão é necessário reconhecer que o jovem é um detentor de saberes e práticas que devem ser valorizadas e respeitadas no aspecto das relações sociais. O educando é o principal beneficiário e cabe aos professores e profissionais de saúde o papel fundamental na condução desse processo participativo. Portanto, o planejamento e a realização das atividades devem considerar uma diversidade de abordagens pedagógicas que respeitem a individualidade dos adolescentes e estimulem a participação também do planejamento, considerando que estes são agentes ativos no processo.

Os dados apresentados no estudo de Parker (2000) mostraram que a falta de conhecimento e informações sobre a aids, no início dos anos 80, favoreceu a disseminação da doença desencadeando-se posteriormente para uma epidemia. No entanto este quadro se agravou, devido a atitudes e comportamentos sexuais não seguros em diferentes classes sociais, pois na época as pessoas pareciam não acreditar ou aceitar a realidade do quadro epidemiológico.

O aumento dos casos de infecções pelas DST, principalmente o HIV em adolescentes, a inexistência ou a escassez de informações, bem como o pouco conhecimento sobre sexualidade e prevenção, faz com que de uma maneira geral,

os jovens pensam que a associação das DST com a aids está associada apenas à condição de homossexualismo, a grupos de usuários de drogas e aos profissionais do sexo. Isso os faz pensar que uma provável contaminação pode acontecer com os outros e não com ele próprio (DICLEMENTE, 2002; TRANI, 2005; MARQUES et al., 2006).

Esta afirmação reforça a necessidade do jovem de hoje, refletir e assumir uma postura mais responsável diante da problemática das DST de uma forma geral, incluindo a aids. Portanto, atualmente mais do que nunca há uma real necessidade de trabalharmos a educação em saúde com programas educacionais sistematizados ofertados a este público para o trabalho dessa temática, principalmente, pautados nas experiências de vários pesquisadores no ambiente da escola (NOCCIOLI et al., 1994; OLIVEIRA; BUENO, 1997; MIRANDA; BARROSO, 2000; MORAES; BRAGA, 2001; MARQUES et al., 2006).

Ao refletirmos sobre os acontecimentos na área da sexualidade nesta primeira década de novo milênio, Bueno (1998), já sinalizava que os tempos de aids exigem uma pedagogia apropriada e diferenciada com uma linguagem que deva possibilitar o diálogo aberto entre educador e educando, permitindo uma comunicação clara e eficaz para a população ouvinte, considerando, portanto o nível de complexidade de cada faixa etária. A escola deve participar aos alunos os diversos trabalhos pedagógicos a serem realizados no ambiente escolar, partindo da programação das ações coletivamente. Esta postura certamente contribuirá para a formação de seres críticos e participativos, capazes de se sentirem como verdadeiros cidadãos (OLIVEIRA; BUENO, 1997; BUENO, 1998).

No ambiente escolar, educar em saúde constitui um processo no qual deve incluir compromisso da equipe multidisciplinar com os membros da

coordenação pedagógica da escola, da comunidade e, sobretudo com a família. Este processo deve estimular debates e reflexões com o intuito de aprimorar o conhecimento através de técnicas educativas com a finalidade de atender a clientela que mais apresenta necessidade de informações, ou seja, o aluno (RAMOS; MONTICELLI; NITSCHKE, 2000).

A escola foi eleita como o local prioritário para inserir no processo educacional aspectos sobre a educação preventiva. Possui uma estrutura adequada para receber um grande número de alunos que permanecem durante horas de seu dia por um longo período de sua vida, o que favorece as relações sociais e trocas intensas de informações, influenciando seus comportamentos (AZANHA, 2006; BRASIL, 2007b).

A proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998a) e do projeto nacional Saúde e Prevenção nas Escolas (BRASIL, 2006a) para o tema “Orientação Sexual” é que a instituição de ensino trabalhe a temática sexualidade como algo fundamental na vida das pessoas, considerando, portanto a complexidade ainda arraigada pelas questões culturais de longo tempo.

Na perspectiva do Parâmetro Curricular Nacional deve ser valorizado os conteúdos que as crianças e os adolescentes trazem acerca das informações sobre sexo adquiridas em casa, pelas suas vivências e relações no núcleo familiar, através do meio social ou ainda pelos meios de comunicação que têm acesso. Estes parâmetros recomendam ainda que em todos os ambientes de socialização dos jovens a reflexão sobre as questões que permeiam a temática sexualidade deve acontecer, para que o aluno se fortaleça através de informações verdadeiras e construa suas opiniões a partir delas, para posteriormente fazerem suas opções (BRASIL, 1998a).

Acreditamos que a escola não tem intenção de substituir e nem mesmo concorrer com a família, até mesmo porque o núcleo familiar quando bem estruturado tem influência positiva sobre seus filhos no aspecto da definição de conceitos e valores. A escola pretende levantar discussões sobre a problemática vivenciada pela sexualidade não cabendo a ela julgar a educação que é repassada pelos pais e nem mesmo adentrar na intimidade do núcleo familiar com imposição de valores.

É, portanto, papel da instituição de ensino realizar intervenções pedagógicas no sentido de levar as informações para a obtenção do conhecimento e problematizar as questões inerentes ao tema, sem influenciá-los e nem mesmo direcionar seus comportamentos, mas nutrindo-os de conhecimentos para que conheçam riscos e possam adotar comportamentos saudáveis. Nesse sentido, a parceria com a família é indispensável e sua presença deve ser valorizada na comunidade escolar (CANO; FERRIANI; MUNARI, 1995; CANO; FERRIANI, 2000; BRASIL, 2007d).

Considerando, especialmente, o grupo de adolescentes, destacamos aqui os estudos de Barroso et al. (2001), Julião et al. (2001) e Marques et al. (2006) que mostram os resultados de intervenções cujo enfoque é a educação conscientizadora e reflexiva. Este enfoque envolve a participação dos jovens nos trabalhos educativos através de temas diversos como sexualidade, respeito as diversidade, drogas e esclarecimentos sobre as doenças de transmissão sexual temas considerados polêmicos e atuais de interesse dos jovens.

Na realidade, embora o grupo de jovens de hoje tenha acesso a informações através de vários meios de comunicação, nem sempre se sente preparado em relação à temática sexualidade, necessitando, portanto de assessoria

e acompanhamento por profissionais das áreas da saúde e da educação, que por meio da promoção de práticas educativo-interativas devem priorizar a informação e, sobretudo, envolvê-los no processo.

Estudos recentes mostram que a televisão foi apontada como o meio de comunicação mais citado pelos jovens para a divulgação de informações sobre a prevenção das DST e da aids, e depois o espaço da escola como ambiente propício para trabalhos educativos e de socialização (BRASIL, 2001; ABRAMOVAY; CASTRO; SILVA, 2004).

Segundo Paiva (1996) o primeiro requisito para influenciar o comportamento sexual dos adolescentes é a informação clara sobre as questões que envolvem a sexualidade. Estratégias inovadoras envolvendo a dimensão lúdica poderão contribuir para a articulação entre os aspectos emocionais e comportamentais do jovem permitindo, portanto a diminuição de riscos nos quais estão vulneráveis. Atividades interativas como oficinas em grupo, trabalho corporal e representação cênica sobre suas realidades e experiências podem influenciá-los e motivá-los a expressar suas experiências pessoais. É esperado que essas atividades complementem as aulas didáticas.

Assim, os alunos jovens ao participarem de toda a programação de atividades que a escola irá desenvolver nessa direção, certamente aproximará esse grupo, que tem um potencial enorme de criatividade, necessidade de auto-afirmação e uma vontade de fazer a diferença, podendo torna-los mais conscientes e responsáveis por sua saúde sexual. A escola, por sua vez, nunca foi tão presente na vida e no desenvolvimento de jovens e adolescentes, portanto, precisa inovar diante do desafio de promover conscientização sobre a importância da saúde na vida do ser humano.

Diante disto, a enfermagem como área de conhecimento tem uma contribuição fundamental nesse processo dado a sua experiência histórica, que desde o início dos anos 80 vem persistindo na luta para o desenvolvimento da saúde escolar como área de conhecimento na formação do enfermeiro.

É desse processo que nos ocupamos no próximo tópico, onde apresentamos alguns fundamentos da saúde escolar e a contribuição da enfermagem nessa direção, em particular, no trabalho de desenvolvimento da saúde sexual de crianças e adolescentes.

3.4 Fundamentos da saúde escolar e a contribuição da enfermagem

A Saúde Escolar é por natureza uma área de intersecção com a Saúde Pública, sendo alvo de atenção de vários pesquisadores brasileiros (BASILE, 1920 apud FERRIANI, 1997; LIMA, 1985; FERRIANI, 1991; FERRIANI; GOMES, 1997). Sua trajetória histórica, contada por Ferriani e Gomes (1997) nos mostra que desde 1889, com a criação do serviço de “Inspeção Higiênica” a escola passou a ser espaço intermediário entre as ações de saúde. Nesse momento histórico, com o advento de vários problemas de saúde pública, “despontam as primeiras medidas governamentais concernentes aos Serviços de Higiene Escolar” (FERRIANI; GOMES, 1997, p.7).

Desde estes primeiros indícios até hoje, a Saúde Escolar foi alvo de muitos investimentos, mas também questionamentos, críticas, sendo até proposta em determinado momento a sua extinção (FERRIANI; GOMES, 1997). É certo que entre os anos de 1980 a 2000, muitos projetos e trabalhos foram desenvolvidos no sentido de tornar o espaço escolar também um espaço de produção de práticas

educativas capazes de contribuir com o desenvolvimento saudável de crianças e adolescentes (FERRIANI, 1991; CANO; FERRIANI; MUNARI, 1995).

Independentes dos rumos tomados pelas políticas de incentivo ou não da saúde escolar, hoje, em função da realidade do Sistema Único de Saúde (SUS) é real a aproximação da escola com os serviços de saúde inscritos no âmbito da atenção básica, sendo esse espaço um importante meio de disseminação da cultura da vida saudável, entre outros aspectos que tenham como motivo a preservação da vida humana.

Entre as inúmeras discussões travadas sobre os fundamentos da saúde escolar, destacamos a contribuição de Ferriani e Gomes (1997) que, embora estejam publicadas há dez anos, têm muita pertinência na atualidade quando pensamos a saúde escolar no âmbito do SUS. Estes autores defendiam como princípios básicos para a promoção da saúde escolar:

- 1) Articulação entre os setores de educação e saúde no sentido de definir políticas e estratégias para uma ação conjunta;
- 2) Construção de uma perspectiva interdisciplinar e multiprofissional enquanto quadro de referência para a promoção;
- 3) Compreensão da realidade em que se situam as ações de promoção na saúde escolar;
- 4) Envolvimento dos grupos de alunos, famílias e educadores na promoção das ações;
- 5) Compreensão das demandas específicas dos alunos, e
- 6) Previsão de momentos e espaços em que se possa refletir criticamente a promoção desenvolvida no sentido de redirecionar ações futuras (FERRIANI; GOMES, 1997, p. 56).

Embora essa referência seja derivada de uma contribuição de pesquisadores que já pensaram na década passada, ela nos parece totalmente adequada à realidade e ao momento atual, principalmente, por sua articulação com as atuais tendências na política de atenção da saúde nas escolas defendidas e incentivadas pelo governo federal. Nesse sentido, podemos dizer que nos

pautarmos nas experiências vividas pelos profissionais nas décadas passadas, e isso pode nos oferecer boas pistas para vislumbrarmos uma ação transformadora na prática da saúde nas escolas.

Nessa perspectiva, a Enfermagem teve um papel fundamental no desenvolvimento desse conhecimento, pois é uma área que muito contribuiu e investiu em ações nessa direção. Essa experiência tem por tradição o trabalho na saúde do escolar focado basicamente na dimensão da promoção da saúde (FERRIANI; CANO, 1984; FERRIANI, 1991, 1992; FERRIANI; GOMES, 1997; MIRANDA et al., 2000).

Várias são as publicações sobre a atuação do profissional enfermeiro no ambiente escolar na área da prevenção através da educação em saúde fazendo a interação escola – comunidade – instituições de saúde. A aproximação da Enfermagem com as instituições escolares e o impacto de suas ações pode ser observada em vários trabalhos encontrados na literatura (Quadro 1).

Estes estudos, na sua maioria, são fundamentados nas ações da Saúde Escolar focadas no desenvolvimento da sistematização para a atenção à saúde do escolar, na produção de propostas de consultas de enfermagem, na atenção à saúde sexual e reprodutiva na população adulta jovem, sexualidade do adolescente, na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis com adolescentes e pais, na detecção de problemas visuais e auditivos; em atividades com os pais de adolescentes, na promoção da educação em saúde no trânsito, identificando conhecimentos sobre drogas, fazendo controle de vacinação, entre outros.

Considerando que o professor está em contato continuamente com seus alunos, o profissional enfermeiro também mantém uma rotina de atuação direta com a população. A formação acadêmica do enfermeiro privilegiou por muitas décadas,

no Brasil, o aspecto curativo, e todo direcionamento da profissionalização da categoria era voltado mais ao campo hospitalar e menos para Saúde Pública. Essa realidade é histórica e não causal.

Quadro 1 – Relação de trabalhos publicados por enfermeiros na temática saúde do escolar, entre 1984 e 2007.

AUTORES	ANO
FERRIANI; CANO	1984
ALVES; PEREIRA; BOCKWINKEL	1985
VIVARES	1991
CANO	1992
FERRIANI	1992
FERRIANI	1992
DUARTE	1992
CANO; SILVA	1994
CANO; FERRIANI et al.	1994
NOCCIOLI et al.	1994
CANO; FERRIANI; MUNARI	1995
MUNARI et al.	1996
FERRIANI; GOMES	1997
OLIVEIRA; BUENO	1997
SOARES; JACOBI	2000
CANO; FERRIANI	2000
MORAES; BRAGA	2001
ROCHA et al.	2002
MIYASAKI	2002
TRAJMAN et al.	2003
LOPES et al.	2003
BENTO	2005
BOVA; LOEWEN	2005
GIRONDI et al.	2006
BEZERRA; ARAÚJO; BARROSO	2006
MARQUES et al.	2006
OLIVEIRA; ANTONIO	2006
MONTEIRO; MEDEIROS; OLIVEIRA	2007
SILVEIRA et al.	2007

Para Ferriani (1992) o enfermeiro de Saúde Pública é o profissional que reúne toda a competência para atuar junto à população de escolares por possuir uma visão abrangente do significado de saúde e educação. Por essa razão é

considerado um educador pela sua própria formação que é contemplada na perspectiva da promoção da educação em saúde.

Atualmente, com o redirecionamento da política de formação dos profissionais de saúde, o enfermeiro tem mais condições de atuar na comunidade, entendendo que é nesse espaço onde se dá a intersecção saúde e escola.

O profissional enfermeiro além de compor uma equipe considerada de maior força de trabalho do setor saúde tem um poder inigualável a qualquer outro profissional da área da saúde para realizar mudanças. É considerado o profissional com maior competência, formação e perfil para o trabalho de interação entre escola, comunidade e serviços de saúde (DUARTE, 1992).

Também na opinião de Pender et al. (2002) e Cothran e White (2002), o profissional enfermeiro é o maior cuidador da saúde das pessoas que se encontram debilitadas e que necessitam de assistência e orientações, devido ao contato contínuo com a clientela seja no ambiente hospitalar ou na atenção básica, e ainda por possuir um perfil específico de educador em saúde.

Este profissional tem muito a contribuir com suas experiências que vão além da formação tecnicista exercidas no ambiente hospitalar e com a comunidade, através da promoção da saúde individual, da família e de toda a coletividade (NOGUEIRA; FONSECA, 1977; FERRIANI, 1991; VANZIN; NERY, 1994; KAWAMOTO, 1995; EGRY, 1996).

De acordo com a OMS, a educação em saúde e a promoção da saúde incluem estimular as pessoas a adotarem estilos de vida mais saudáveis, fortalecendo ações comunitárias, reorientando os serviços de atenção primária, cujo foco é a promoção da saúde e a prevenção de doenças, com a finalidade de contribuir para construção de políticas públicas de saúde mais acessíveis e

eficientes (ATCKINS et al., 2001).

O sucesso dos programas educacionais em saúde é apontado pelos autores Kickbusch (1997), Mc Murray (1999), Miller; Forehand; Kotchick (2000) como algo que deve ser cuidadosamente planejado com ações específicas a serem executadas envolvendo, sempre, o público alvo, cuidando desde a escolha do local, do método a ser utilizado e principalmente do conteúdo a ser trabalhado devendo, prioritariamente ser do interesse do grupo. Tal direção aumenta a credibilidade do educador.

O educador, no ambiente escolar, ao falar sobre temas relacionados à saúde deve destacar e privilegiar primeiramente a prevenção como estratégia adequada para se evitar agravos e não dispor e aplicar ações de intervenções quando os problemas já existem.

Um estudo realizado nas escolas brasileiras (BRASIL, 2007d) mostrou que ao trabalhar temas relacionados à saúde no ambiente escolar os conteúdos que mais despertam a atenção e suscita discussão são os que envolvem o campo da sexualidade.

Trabalhar a temática sexualidade e com a população jovem é uma tarefa complexa e de muita responsabilidade por parte dos educadores, pois a educação sexual é uma temática de relevância mundial com influências e repercussões diretas nos aspectos econômicos, políticos e sociais das nações.

A participação de profissionais das áreas da saúde e da educação está em envolver o adolescente no trabalho educativo por meio de ações de prevenção e promoção da saúde. Estes profissionais devem estar motivados e preparados tecnicamente para lidar com este público específico, sendo criativos na questão da metodologia trabalhando com estratégias que permitam a participação efetiva dos

jovens, incentivando-os a expressarem suas experiências pessoais, embora existam certas barreiras ou dificuldades sobre temas de ordem comportamental (SOUZA et al., 2004b).

Para o trabalho de prevenção na área da sexualidade, temas relacionados à DST são chamativos e suscitam muitas discussões. Por isso para trabalhar com a população escolar as estratégias utilizadas tem que ser diversificadas e dinâmicas, e de preferência utilizar material informativo que despertam atenção do público. Portanto as informações para o uso adequado dos preservativos masculino e feminino, assim como a demonstração destes métodos, a redução de parceiros sexuais, a proibição de exposição do sexo comercial e a informação qualificada realizada por profissionais capacitados, especialmente pelo enfermeiro são ações educativas que podem ser desenvolvidas (MIYASAKI, 2002; DICLEMENTE et al., 2002; BRASIL, 2003c; PAZ-BAILEY et al., 2003; BENTO; BUENO, 2005).

Sabemos que a segurança e a auto-afirmação do adolescente jovem se torna abalada na descoberta de alguma DST, por isso Udry e Chantala (2003) mostraram em seu estudo que isto acontece quando o adolescente retarda ou não procura ajuda por sentir vergonha em expor sua situação de portador e percebe a indiferença por parte dos colegas que o discrimina. Essas situações o prejudica e restringem-no a algumas atividades, como abandono de seus afazeres nos estudos e ou no trabalho.

Considerando o ambiente escolar o educador em saúde deve ter o cuidado no momento do planejamento das ações a serem desenvolvidas com a clientela jovem, acertando na escolha do local, a estratégia metodológica e os recursos que serão utilizados, pois estes fatores são fundamentais para despertar

interesse individual e grupal quando abordadas de forma criativa e participativa. Ressaltando que as estratégias grupais como as dramatizações, as representações e as oficinas são bem aceitas por caracterizar movimentos dentro de um grupo, interesse do público jovem (SOUZA et al, 2004b).

Do levantamento bibliográfico que encontramos sobre a saúde do escolar verificamos que estudos realizados pelos enfermeiros nessa área são voltados somente para a assistência ao aluno adolescente e pouca atenção tem sido dispensada por este profissional aos professores dos adolescentes da rede de ensino em nível nacional.

Dos trabalhos encontrados relacionados à capacitação e conhecimentos dos professores sobre educação sexual e sexualidade na adolescência conhecemos os resultados de Knijnik et al. (1990); Miyasaki (2002); Moraes e Braga (2001); Martini e Bandeira (2003); Marques et al. (2006) e Jardim e Brêtas (2006) os quais mostraram que os educadores que trabalham com educação sexual no ambiente escolar necessitam urgentemente de atenção e suporte técnico para a realização de programas de capacitação e assessorias periódicas sobre assuntos relacionados à sexualidade para o trabalho com alunos nas fases da pré-adolescência e adolescência. Sugerem também que temas sobre educação sexual devam constar na programação da grade curricular desde a educação infantil, com diferenças na abordagem.

Assim entendemos que os enfermeiros têm capacidade e o dever de assessorar o grupo de professores da rede de ensino fundamental e médio com atividades de treinamentos e cursos de capacitações, utilizando materiais educativos de qualidade, metodologias inovadoras além de apropriadas a cada clientela.

Desta forma estaremos cumprindo com o papel social da Universidade e

favorecendo a instrumentalização científica dos professores para o exercício de vigilância da saúde escolar, com foco na educação sexual dos alunos adolescentes.

3.5 As políticas públicas e a inclusão da temática orientação sexual

A educação está na pauta das grandes conferências realizadas nos diferentes continentes do mundo. Em todos os países, desenvolvidos ou não, são discutidos os papéis essenciais que ela desempenha na vida das pessoas e o foco principal está voltado para as determinações de estratégias visando o desenvolvimento das pessoas, sociedades e nações (ABRAMOVAY; CASTRO; SILVA, 2004; LOMBARDI; NASCIMENTO, 2004).

Em eventos internacionais o Brasil tem participado de momentos importantes de discussões gerais na área da educação, como na Conferência Mundial de Educação para Todos, realizada na Tailândia, em 1990, convocada pela UNESCO, UNICEF, Banco Mundial e Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Nesse momento, o Brasil se coloca em prontidão para o desenvolvimento de propostas de universalizar a educação fundamental com metas de ampliação da aprendizagem para jovens e adultos.

De acordo com o capítulo “Educação e cidadania – uma questão mundial” do PCN (BRASIL, 1998a, p.15) no final do século passado muitas descobertas e progressos científicos aconteceram para o desenvolvimento das nações. Essas descobertas, principalmente, na área das ciências tecnológicas ainda convivem com realidades cruéis com um quadro de desigualdade social severa presente nos países em desenvolvimento. A falta de acesso pelas pessoas à educação formal e o aumento das interdependências entre as nações provocou um desequilíbrio entre

ricos e pobres e incluídos e excluídos socialmente, favorecendo ainda a manutenção de situações marginalizadoras como a miséria extrema.

Diante desse cenário, deve haver um empreendimento em nível mundial para o estabelecimento de políticas públicas que coloquem a educação como prioridade aos povos de todas as nações, para reversão deste quadro que ainda hoje é considerado preocupante (LOMBARDI; NASCIMENTO, 2004; BRASIL, 2007d).

Entendendo que para obter o conhecimento, os indivíduos precisam constantemente receber informações, Morin (2001), refere que o conhecimento pertinente deve enfrentar a complexidade da educação de modo multidimensional e dentro da concepção global. O autor considera que educar é um processo de identificação do sujeito com o seu objeto, do sujeito que ensina, do sujeito que aprende a ser, sujeito que aprende a ver o mundo de forma diferente e que também tenha capacidade de se relacionar integralmente com as pessoas, passando portanto a ser o sujeito que ensina e que aprende. Também no capítulo “Educação e cidadania – uma questão mundial” do PCN (BRASIL, 1998a, p.15) o conceito de aprender a conhecer pressupõe saber ensinar, dar oportunidade ao indivíduo a integrar seus conhecimentos para a aquisição de uma cultura geral, ou seja, aprender a aprender ao longo de toda a vida.

O tópico aprender a fazer pressupõe desenvolver a competência de saber relacionar-se em grupo e resolver problemas. Aprender a conviver com os outros consiste em desenvolver habilidades para compreender o outro dentro das interdependências, fortalecendo sua identidade e respeitando a dos outros, bem como os valores e a compreensão mútua. Aprender a ser significa conhecer sua personalidade para poder agir com autonomia, expressando opiniões e assumir

responsabilidades pessoais (DELLORS, 2001; MORIN, 2001).

Hoje a educação deve ser concebida de forma mais ampla de modo que atenda as propostas das grades curriculares das instituições de todo país, considerando suas realidades e possibilidades. O papel das instituições escolares não pode se limitar a apenas ensinar eficientemente uma disciplina ou conteúdos específicos, mas integrar o ensino aos ideais educativos das escolas que condizem com a realidade local (AZANHA, 2006).

Nas considerações de Morin (2001) o desafio maior é de fortalecer o ensino para se ter uma educação de qualidade, de maneira que as pessoas façam a integração de si mesmas e que o ser humano possa interagir todas as suas dimensões nos aspectos intelectual, sensorial, emocional, ético e tecnológico.

Embora reconheçamos que a tarefa de ensinar seja do educador, ainda Morin (2001) compreende que o ensino e a educação têm ações diferentes, pois a arte de ensinar é mais restrita a instruir e apenas cognitiva com a missão principal de transmitir o conhecimento; a educação por sua vez, é vista de uma forma mais ampla com atribuições voltadas para a transmissão do saber, aperfeiçoando as habilidades intelectuais e morais do ser humano, que de certa forma possa favorecer o modo de pensar livre e aberto do educando. O autor defende ainda que o processo educativo em todos os momentos deva contribuir para a autoformação do indivíduo na sua totalidade considerando e respeitando suas condições humanas e suas limitações, ou seja, ensinar a viver.

Hoje, em tempos de início de século 21 é necessário questionar o papel das instituições de ensino de todo país, onde a realidade brasileira apresenta-se com quadros preocupantes de desigualdade social com índices de analfabetismo elevado apresentado diariamente. É necessário um movimento maior para que a

educação se posicione como linha de frente na luta contra estas exclusões e realidades, com vistas à formação de cidadãos autônomos e participativos para que as suas necessidades individuais, sociais e políticas possam ser atendidas visando à verdadeira cidadania.

Para tanto, é fundamental pensar que, além das estratégias pedagógicas a educação deve se fundamentar em pressupostos filosóficos que amparem suas intenções, inclusive que orientem a formação dos professores.

Há muitas décadas, e ainda hoje, a formação ideal ou necessária do professor de ensino básico (fundamental e educação infantil) e ensino médio também tem sido ponto de discussões entre educadores nos importantes eventos científicos nacionais (LOMBARDI; NASCIMENTO, 2004).

Segundo Azanha (2006) o professor do ensino básico tem demonstrado uma ostensiva insatisfação em relação aos modelos formativos vigentes, em especial nos cursos de licenciatura.

A necessidade de uma política nacional de formação de professores como eixo norteador, tal como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) já preconizada deve ser prioritária para os gestores públicos, considerando as grandes diferenças econômicas, sociais e políticas das diversas regiões do país, que mostra um quadro social ainda bastante variado (AZANHA, 2006).

No entanto, em todos os eventos na área da educação em que temos participado as discussões sobre a problemática do ensino atual são muito intensas com propostas de mudanças para uma eficaz e sólida “formação de educadores”. O que tem acontecido é que em muitas realidades, observamos uma dissociação entre a teoria e a prática, onde na maioria das vezes é exigido dos profissionais competências e habilidades especializadas além daquelas que já possuem.

A exemplo disso, a grade curricular das instituições consta de objetivos e metas a serem cumpridas mas nem sempre são consideradas as limitações e competências dos profissionais e das instituições que trabalham. É necessário que investimentos gerais tanto em recursos humanos com qualificação profissional através de cursos de capacitações permanentes, quanto proporcionar condições dignas de trabalho advindas de recursos financeiros e didáticos possam subsidiar o trabalho do educador, profissional essencial na missão de contribuir para o desenvolvimento de qualquer sociedade.

A Lei Federal nº 9.394, de 20/12/96, também conhecida como Lei Darcy Ribeiro, nomeou como educação básica à junção do ensino fundamental com a educação infantil e o ensino médio (BRASIL, 2007c). Esta lei teve como finalidade possibilitar o educando uma formação indispensável para o exercício da cidadania, fornecendo-lhe meios para progredir nos estudos e posteriormente no trabalho. Cita ainda a “educação como um dever da família e do Estado”, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, conceitos mencionados no capítulo, “Educação e cidadania” do PCN (BRASIL, 1998a, p.19).

Assim entendemos que o papel do Estado é de facilitar o acesso de todas as pessoas à educação. Espera-se que grandes investimentos sejam feitos nas instituições de ensino de todo o país e que essa possam receber seus alunos sejam crianças e ou jovens de modo que sintam preparados para as grandes possibilidades em seus futuros. Estes resultados certamente contribuirão para sucessos e realizações no aspecto profissional e pessoal com oportunidade de trabalho digno e qualidade de vida satisfatória além de se sentirem, desde cedo, inseridos na sociedade.

A LDB determinou também que a educação esteja ao alcance dos alunos

que apresentam necessidades especiais, de preferência na rede regular de ensino, chamada escola inclusiva. Esta proposta além de acolher todas as crianças, contempla mudar o caráter discriminatório muito presente na nossa sociedade ainda nos dias de hoje (BRASIL, 2007c).

Esta lei também reforça a necessidade de oferecer a todos uma formação básica a partir de diretrizes norteadoras propostas pelo Parâmetro Curricular Nacional (PCN) que trabalhou exclusivamente com a formulação de currículos a partir de conteúdos mínimos a serem contemplados nos projetos político pedagógico (PPP) de todas as instituições brasileiras.

A elaboração dos PCN para o ensino fundamental iniciou com a participação de um grupo multidisciplinar do Ministério da Educação e representantes de vários Estados e Municípios brasileiros. Neste encontro foi formulada uma proposta inicial sendo apresentada posteriormente, em versão preliminar, para que os educadores de todas as instituições pudessem conhecer a nova proposta de inclusão de conteúdos para as grades curriculares.

Essas discussões continuaram nos anos de 1995 e 1996, em âmbito nacional, e como resultado foi sugerida a padronização de conteúdos na grade curricular do ensino fundamental de todas as instituições brasileiras, contemplando temas ou conteúdos chamados “transversais”. Estes conteúdos foram propostos para integrar a programação pedagógica de forma articulada com as diversas disciplinas de todas as áreas do conhecimento, humanas, exatas e biológicas, por serem considerados questões sociais.

Os temas transversais que têm naturezas diferentes das áreas convencionais, ultrapassam os diferentes campos do conhecimento e devem integrar as áreas convencionais de forma a estarem presentes em todas elas, e sobretudo

relacionadas às questões da atualidade. Segundo NUNES e SILVA (2000), os temas transversais não são disciplinas comuns da grade curricular e sim conteúdos ou abordagens dentro das disciplinas oficiais.

De acordo com os PCN (BRASIL, 1998a), o termo “parâmetro” visa comunicar uma idéia de que ao mesmo tempo em que existem as diversidades culturais, regionais e políticas na nossa sociedade, há também “pontos comuns” existentes nas instituições de ensino das diferentes regiões brasileiras, e o que faz a diferença é a realidade, a vivência de cada instituição. Por isso é fundamental conhecermos bem a realidade institucional assim como suas particularidades para planejar as ações que serão posteriormente executadas.

Os parâmetros indicam sugestões, idéias que podem ou não serem acatadas pelas instituições, devendo apenas ser considerada a realidade que está inserida. Portanto, todos os objetivos propostos pelo PCN estão expressos como referenciais gerais com ações a serem executadas através das secretarias estaduais e municipais para atender as demandas específicas de cada região do País considerando a realidade local.

Nesta perspectiva, no final do ano de 1996, o Ministério da Educação e Cultura (MEC), em parceria com diversas instituições de ensino do país divulgou os Parâmetros Curriculares Nacionais, com objetivo principal de orientar todas as instituições de ensino (escolas e colégios) do território nacional a reformular e contemplar em suas grades curriculares, conteúdos diversos sobre Orientação Sexual, Meio Ambiente, Cidadania, Ética e Trabalho. Estes conteúdos foram considerados como temas transversais, devendo portanto serem abordados em todas as disciplinas. Com esta proposta a temática “Orientação Sexual” foi dividida em blocos de conteúdos para facilitar as atividades pedagógicas na área da prevenção e

promoção da saúde que foram Sexualidade, Relações de Gênero e Prevenção das DST/Aids.

Hoje, após 10 anos que o MEC divulgou o PCN, considerado como um desafio para as instituições de ensino e apresentando uma realidade bastante diferente da esperada, as informações que obtivemos sobre as ações e atividades educativas desenvolvidas nas diferentes instituições de ensino sobre a temática orientação sexual não estão sendo desenvolvidas pelo grupo de professores de forma sistematizada e integradora e as temáticas não constam na grade curricular como se previa.

No entanto, no Estado de Goiás, somente professores que ministram disciplinas pertencentes à área das ciências biológicas é que estão fazendo algum tipo de trabalho com os alunos abordando conteúdos específicos, como o conhecimento do corpo, relação de gênero, orientação e identidade sexual, reprodução e o ciclo do desenvolvimento humano. Estes educadores, segundo nos foi informado pela divisão da subsecretaria de ensino, não se sentem capacitados para trabalharem conteúdos específicos e nem mesmo estes temas transversais constam na grade curricular como normatização da Secretaria de Educação.

A elaboração de diretrizes, a definição de estratégias e o planejamento das ações a serem desenvolvidas com a temática orientação sexual devem seguir modelos sistematizados elaborados por profissionais representantes das áreas específicas dos Ministérios da Educação e da Saúde. E que os conteúdos sobre esta temática devam constar nas grades curriculares de todas as instituições públicas do país. O êxito das ações e a consolidação de políticas públicas de promoção da saúde e prevenção de doenças ou problemas existentes no ambiente escolar dependem de um planejamento participativo envolvendo toda a comunidade

escolar, ou seja, diretores, professores, servidores, estudantes e família, considerando, sobretudo a realidade local (BRASIL, 1998a; FERRIANI e GOMES, 1997).

Considerando estes aspectos, os Ministérios da Educação e Saúde em parceria com a UNICEF E UNESCO criaram o Plano Nacional de Prevenção partindo da compreensão de que a saúde e a educação estão presentes nas diversas fases do desenvolvimento humano e de uma forma muito expressiva contribui para a formação do indivíduo na integralidade tanto nos aspectos sociais quanto nos políticos e culturais.

O PCN foi apresentado em setembro de 2005 às instituições de educação, saúde e organizações da sociedade civil, com diretrizes norteadoras para a implantação do projeto nacional “Saúde e Prevenção nas Escolas” (BRASIL, 2005b). Este projeto foi divulgado em nível nacional em março de 2006 com programação de execução para os anos de 2006, 2007 e 2008, em todas as instituições públicas do país. Vale ressaltar que o guia proposto pelo SPE para capacitação de profissionais das áreas da saúde e da educação, foi de autoria da enfermeira e Dra. Marina Marcos Valadão.

O objetivo principal deste projeto é a inclusão nos Projetos Políticos Pedagógicos de todas as instituições escolares brasileiras a cultura de prevenção e promoção da saúde para a redução da vulnerabilidade de adolescentes e jovens as DST/HIV/Aids e a gravidez não planejada, por meio de articulações entre as instituições de ensino e unidades básicas de saúde (BRASIL, 2005b). Este projeto tem também como meta desenvolver ações com prioridade na formação e capacitação dos professores na temática relacionada à sexualidade; a aquisição de materiais pedagógicos especiais, destinados a jovem com deficiência auditiva e

visual como publicações em Braille e intérpretes de Libras e ainda manter disponível em todas as instituições de ensino, os métodos de barreira como os preservativos masculinos e femininos para alunos 13 a 24 anos, devendo ser trabalhado em parceria com as unidades básicas de saúde.

Hoje, muitas ações são desenvolvidas por profissionais que estão sendo capacitados na estratégia “modular” oferecido pelas Secretarias Estaduais de Saúde e de Educação com o apoio da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás.

A formulação de políticas públicas articuladas para a aproximação das instituições de ensino com os demais espaços formativos que os jovens participam e vivenciam, constitui-se em uma estratégia fundamentada, pois considera as experiências, necessidades, tentativas e interesses prévios dos jovens (FERRIANI e GOMES, 1997; BRASIL, 2005b).

O quadro educacional brasileiro já foi bastante insatisfatório. Na nossa realidade as desigualdades regionais eram relevantes com um baixo aproveitamento escolar, com defasagens entre idade e série, altos índices de repetência e com uma evasão escolar significativa (Brasil, 1998a). Este cenário ainda continua preocupando as autoridades de ensino, que tem se empenhado para a reversão deste quadro.

Com estes dados podemos refletir sobre o grande impasse ou problema social que há muitas décadas vivenciamos, pois ainda existe uma realidade injusta mostrando concentrações de renda localizadas em algumas regiões desenvolvidas e uma pobreza absoluta em regiões carentes ou miseráveis em nosso país. Esta realidade certamente contribuirá para a manutenção das diferenças sociais interferindo no interesse fundamental de qualquer povo que é o direito a educação.

Mas felizmente, um estudo realizado recentemente com diversas escolas Brasileiras através do projeto “Escolas Promotoras de Saúde” (BRASIL, 2007d), mostrou quedas na taxa do analfabetismo, aumento significativo do número de matrículas em todos os níveis de ensino e um crescimento das taxas de escolaridade média da população. Tais dados refletem que o atual ensino também aponta avanços importantes em direção à superação do atraso educacional.

Sabemos que para obtermos êxitos em qualquer trabalho é necessário muito investimento financeiro e pessoal devendo haver participações conjuntas de todas as esferas governamentais com compromissos dos gestores, em qualquer instância, e que as ações a serem executadas envolvam a participação de todos, educadores e educandos (BRASIL, 2005b). Ainda é necessário que haja uma disponibilidade e compromisso dos profissionais das diferentes áreas do conhecimento científico para se obter bons resultados, os quais no futuro farão diferença no cenário nacional.

Nos dias de hoje o mundo do trabalho atual exige um profissional com formação geral que saiba trabalhar de modo transversal, ou seja, é necessário um profissional que seja capaz de trabalhar coletivamente considerando também o saber do educando, de articular conhecimentos e experiências além de ter a capacidade de romper definitivamente com a compartimentalização do saber (MORIN, 2001).

Assim vislumbramos um processo de ensino e aprendizagem mais dinâmico e socializado, podendo servir para transformar a realidade dos indivíduos envolvidos.

Metodologia

4 METODOLOGIA

4.1 Percurso metodológico

Considerando que nossa investigação envolve a dimensão da interação humana na concepção da escola, escolhemos para o seu desenvolvimento a abordagem qualitativa, que pela sua natureza possibilita a compreensão dos aspectos subjetivos que envolvem o objeto a ser estudado. Nesta abordagem, os dados obtidos são apresentados de forma subjetiva permitindo um contato mais próximo do que está sendo investigado, ou seja, tentar compreender a dinâmica dos próprios participantes, cuja ênfase está mais centrada no processo do que especialmente nos resultados (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

A justificativa da escolha dessa abordagem se apóia também no pensamento de Freire (2000) que refere o conhecimento como essência da ciência, o qual se processa a partir da articulação da teoria com a prática e sobretudo ressaltando a realidade dos fatos. Por isso, uma pesquisa ou investigação que foi gerada a partir do conhecimento de uma realidade deve superar o simples levantamento de fatos e dados coletados, buscando sempre articulá-los com uma interpretação teórica, sobretudo científica.

Denzin e Lincoln (2000) referem que para o estudo de questões que exigem um novo olhar para além do paradigma cartesiano contamos com a legitimidade dos paradigmas contemporâneos, os quais conferem as pesquisas

qualitativas confiabilidade para o enfoque de determinados objetos, especialmente aqueles que envolvem a participação dos sujeitos pesquisados.

A investigação qualitativa, para Denzin e Lincoln (2000), foi um movimento que surgiu no início dos anos 70 e foi se expandindo ao longo das décadas seguintes, com inúmeras investigações e pesquisas sociais sobre o conhecimento científico presentes nas diversas áreas. Este movimento provocou muitas críticas no meio científico sobre esta forma de fazer pesquisa, que até este período imperava o modelo das pesquisas experimentais. Nos anos seguintes e também nos dias de hoje a investigação qualitativa é um método bastante difundido nas pesquisas sociais e que tem credibilidade no meio acadêmico. Este tipo de pesquisa está em crescente expansão também na área das ciências da saúde, e, sobretudo na enfermagem.

A pesquisa qualitativa segundo Minayo (1999), caracteriza-se por se preocupar mais com a realidade do que com questões muito particulares. Esta realidade deve ser sempre considerada não podendo ser quantificada ou aprofundada no contexto dos significados que estão presentes nas relações humanas, mas considera o universo dos valores, das crenças, das aspirações e das atitudes dos atores envolvidos.

Considerando a opção pela pesquisa qualitativa, os estudos de Chizzoti (1991) e Eisner (2001) mostraram que este tipo de abordagem é conveniente, principalmente quando se pretende esclarecer uma situação dos problemas apresentados na tentativa de solucioná-los conjuntamente. Ainda para Eisner (2001) o pesquisador qualitativo deve apresentar quatro qualidades importantes para o desenvolvimento de pesquisas de natureza social. Deve possuir habilidade técnica para o desenvolvimento de estratégias otimizando o tempo disponível para a

investigação, possuir sensibilidade apurada para interpretar aquilo que presencia, ter uma imaginação coerente para buscar, analisar e apresentar os dados, e finalmente, ter idéias próprias para inovar ou aprofundar sobre determinado tema. Com essas habilidades, o pesquisador poderá garantir confiabilidade ao seu estudo.

Considerando estes pressupostos teóricos que bem definem e conceituam a pesquisa qualitativa é que norteamos as ações deste nosso estudo. As ações foram planejadas a partir do objetivo geral, que foi desenvolver e analisar junto aos professores de um colégio público, o processo de conscientização crítica através de discussões conjuntas sobre as possíveis estratégias educativas de prevenção e promoção da saúde sexual dos alunos, com vistas a contribuir na construção do projeto político pedagógico da instituição, atendendo à proposta e às diretrizes do projeto nacional “Saúde e Prevenção nas Escolas”, proposto pelos Ministérios da Saúde e Educação, com parcerias da UNICEF e ENESCO (BRASIL, 2005b).

Tendo em vista os inúmeros caminhos que a pesquisa qualitativa nos oferece para a investigação, considerando o objeto e o cenário de estudo neste trabalho, acreditamos que a pesquisa-ação proposta por Thiollent (1998) é o método escolhido mais adequado e possível para tal realização.

4.2 A pesquisa-ação

Deparamo-nos hoje com uma realidade bastante comum no ambiente escolar, que na maioria das vezes, as ações que os educadores vão executar já estão impostas a eles, com definições prévias nas grades curriculares propostas pelas instâncias superiores. O planejamento das temáticas para definir as ações a

serem trabalhadas com a população estudantil, quando já pré-definidas, além de não considerar a realidade local que as pessoas estão vivenciando, também não permite a participação conjunta dos professores na programação destas ações, não atendendo, portanto o quesito da multidisciplinaridade, que atualmente está proposto na maioria dos currículos das instituições de ensino do País.

Assim, acreditamos ser necessário que as estratégias para um ensino de qualidade incluindo metodologias participativas e motivadoras, sejam ativamente realizadas pela comunidade escolar, com participação direta dos coordenadores e professores e indiretamente participando os alunos e seus familiares. Sabemos que esse processo de construção coletiva do conhecimento é fundamental para o aprendizado e para a vida. Através do diálogo, da socialização e da troca de experiências e saberes é possível transformar a educação e despertar para a aquisição de uma qualidade de vida mais saudável para todos.

Sabemos que a escola é um local privilegiado para a realização de atividades diversas e que as ações educativas, principalmente, na área da saúde se tornam interessantes, considerando que a promoção das ações educativas em saúde vem se renovando ao longo das décadas que, historicamente, tem como foco o aspecto biomédico, ou seja, pensando na saúde com um enfoque na doença e não na sua prevenção.

Considerando a realidade do local selecionado para o estudo onde tínhamos como desafio a implementação de um projeto nacional denominado Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE), a pesquisa-ação pareceu-nos o método mais adequado para a abordagem do grupo, uma vez que esse tem uma tarefa a desenvolver que se articula aos interesses dessa investigação.

Desta forma, baseando na proposta de atender as necessidades que o

grupo de professores nos apontou inicialmente é que escolhemos a pesquisa-ação como modelo metodológico. Acreditamos que a participação ativa dos atores na ação educativa aumenta o envolvimento com as questões problematizadas apontadas por eles próprios.

Para Thiollent (1998), a pesquisa-ação é caracterizada como um tipo de pesquisa social que prevê uma ampla interação entre pesquisador e participante, sendo utilizada para atender objetivos práticos de mudança em uma realidade. Esse processo de pesquisa é organizado em torno do “vai e vem” em função da dinâmica interna do grupo de pesquisadores e observadores com a situação a ser investigada.

Esta estratégia acontece de forma recíproca e as questões coletivas são esclarecidas, a partir da busca de soluções para situação-problema vivenciada. Nesta perspectiva, os membros do grupo têm oportunidade de pensar, falar e trocar experiências, as quais vivenciam e a discussão se torna imprescindível para a transformação da realidade, enquanto a investigação vai sendo realizada. Na perspectiva de Grabanska e Bastos (2001), que denominaram esse tipo de pesquisa como “investigação-ação educacional”, essa metodologia permite também aos professores, uma visão crítica e emancipadora de suas práticas educativas.

O planejamento de uma pesquisa-ação é muito flexível, pois não é estabelecida com a rigidez de uma pesquisa convencional, onde os sujeitos não são considerados atores, mas meros informantes, e ainda as informações obtidas, que são geralmente, captadas por meios de questionários ou entrevistas, não permitem a obtenção de uma visão concreta e dinâmica da situação vivida pelos participantes da pesquisa.

Para Thiollent (1998), é necessário fazermos distinção entre a pesquisa-ação e a pesquisa participante, que freqüentemente, são utilizadas como sinônimas.

A pesquisa-ação pressupõe uma participação ativa entre os sujeitos envolvidos na pesquisa, a partir de ações planejadas de caráter educacional, ou mesmo social ou técnico que, na maioria das vezes, não é encontrada na pesquisa participante.

Dessa forma, a partir da aproximação e conhecimento acerca dessa metodologia, fomos aos poucos identificando que esta seria a forma mais adequada para o desenvolvimento de nossa proposta de investigação.

Considerando que na pesquisa-ação a participação dos envolvidos com os problemas investigados é absolutamente necessária, vale lembrar que, para uma investigação ser caracterizada como pesquisa-ação, as ações do grupo de pessoas envolvidas devem ser mediadas pelo coordenador pesquisador, que ao longo do processo, vai interagindo com as situações problema surgidas no processo de investigação. É necessário portanto, cuidado e atenção especial quanto à postura desse coordenador, pois ele não deve interferir nas decisões do grupo ou mesmo remeter opiniões pessoais, de forma a prevalecer em determinadas situações.

Na perspectiva de Thiollent (1998) na pesquisa-ação, inicialmente, é necessário conhecer para agir, agir para transformar reconhecendo que as transformações nem sempre são aquelas desejadas e previstas inicialmente, mas aquelas possíveis dentro do movimento do grupo ou comunidade investigada.

Nesse sentido, o movimento da pesquisa-ação guarda muita semelhança à proposta pedagógica de Paulo Freire, já que este defende a importância estratégica da formação do papel do educador de modo que possibilite ao educando uma significativa autonomia com participação livre e crítica nos diversos momentos educativos (FREIRE, 1996).

Considerando o objeto de estudo da presente pesquisa e sua estreita relação com o pensamento de Paulo Freire (1996) sobre a formação permanente

dos professores, a possibilidade de realizarmos a presente investigação pode viabilizar aos professores, alvo do estudo, um exercício de reflexão crítica sobre suas práticas.

Thiollent (1998) refere ainda, que a questão temporal na pesquisa-ação, é flexível, no sentido em que as fases da pesquisa não seguem, necessariamente, uma série de fases ordenadas rigidamente, pois acontecem circunstâncias inesperadas na dinâmica do processo da investigação. O autor prefere chamá-las de etapas, pois, fase remete uma questão temporal e pontual com propostas de início e fim de uma determinada situação. Sugere ainda, que as etapas sigam apenas uma ordem que se inicia com o diagnóstico ou etapa diagnóstica ou exploratória, depois passa pela etapa intermediária, e no final, com a divulgação dos resultados.

A etapa do diagnóstico é considerada como o momento inicial da investigação. É nesta etapa que fazemos o levantamento das informações para, a seguir, planejar as etapas seguintes, em que, conjuntamente, pesquisadores e participantes discutem e definem os objetivos da pesquisa, assim como os possíveis obstáculos operacionais que possam surgir no decorrer da investigação.

Nessa etapa, também os principais problemas considerados como prioritários são apontados e a partir deste momento, fazemos o pacto do contrato de trabalho para o planejamento dos momentos seguintes como a definição de local, data, atores envolvidos e o tipo de ação que estarão focalizados no processo da investigação. Especialmente na estratégia da pesquisa-ação, as dificuldades ou problemas são apontados e na medida do possível, resolvidos conjuntamente, o que de certa forma, privilegia e oportuniza a participação dos sujeitos envolvidos exercitando, portanto, a liberdade de expressão.

A etapa intermediária acontece também de forma dinâmica, sendo caracterizada por um processo em que o grupo estudado, num movimento de “vai e vem” analisa seus problemas, indica necessidades e pontua soluções.

Nesta etapa, pode ainda haver, a necessidade, por parte do grupo, de um aprofundamento teórico para o processo de conscientização. Para algumas situações, previstas ou não no decorrer das etapas, pode haver colaboração de especialistas, com conhecimentos necessários para discussão e enriquecimento do tema.

Assim, o pesquisador pode recorrer de estratégias para o desenvolvimento de ações que contemplem o grupo, trazendo convidados, *experts* em determinados assuntos, que ajudem o grupo a ampliar o seu conhecimento sobre a temática.

Dessa forma, planejamos um encontro com um profissional com formação em Enfermagem e especialista em Doenças Infecciosas com experiência na área de epidemiologia e prevenção de doenças de transmissão sexual. O objetivo do trabalho deste profissional para o momento será mencionado oportunamente, nos resultados.

Nos encontros realizados nesta investigação, os caminhos foram discutidos simultaneamente com os sujeitos que auxiliaram e guiaram o pesquisador, na concretização dos objetivos da pesquisa, acordados entre ambos. Nesta etapa, o pesquisador interage com a situação investigada e às vezes, necessita infringir a ordem em função dos acontecimentos imprevistos e necessidades que podem surgir. Thiollent (1998) prefere sinalizar essa etapa como um ponto de partida e um ponto de chegada, pois no intervalo deste processo,

haverá uma multiplicidade de caminhos a serem escolhidos, em função das circunstâncias, necessidades do grupo e objetivos da investigação.

Na terceira e última etapa, é considerado momento para compartilhar com o grupo, a divulgação dos resultados. Nesta etapa, assim como nas anteriores, as informações obtidas durante todo o processo da investigação são devolvidas aos participantes da pesquisa. Neste movimento de socialização das informações obtidas pode acontecer que algumas situações demandam re-discussões entre os participantes envolvidos os quais conversaram, participaram, e investigaram juntos (THIOLLENT, 1998).

O autor discute ainda que além do retorno da informação aos grupos implicados, também é possível, mediante acordo prévio dos participantes, a divulgação das informações externamente, em diferentes setores interessados, como em eventos científicos e anais de periódicos especializados.

4.3 Campo de Estudo

4.3.1 O cenário do estudo

A pesquisa foi desenvolvida no Colégio Estadual Juvenal José Pedroso, localizado na Vila Pedroso, no município de Goiânia - GO. A escolha desta instituição de ensino se deu pela mesma reunir condições adequadas tanto no que diz respeito a aspectos estruturais e de funcionamento quanto do seu interesse, envolvimento e disposição para a implantação do projeto nacional Saúde e Prevenção nas Escolas (BRASIL, 2006a).

O colégio em questão é a maior instituição de ensino fundamental e

médio da Região Leste do município, recebendo anualmente, 1800 alunos aproximadamente, os quais residem na região e em cidades circunvizinhas. Possui uma estrutura física bem ampla, totalizando 1.951,55 m², e conta com 80% de alunos adolescentes, que também é objeto de interesse desta investigação.

Está localizado na área de abrangência da Região Leste, na qual, geograficamente, estão situadas as várias unidades de saúde que servem como unidades de centros de saúde escola, para estágios (aulas práticas) aos alunos dos diversos cursos da área biológica da Universidade Federal de Goiás, a qual mantém convênio firmado com a Secretaria Municipal de Saúde.

Registros mostram que o terreno foi doado pela família Pedroso, fundadora do bairro e bastante tradicional na região. Em 1993, foi expedida a autorização da construção do Colégio neste bairro que não contava, ainda, com uma instituição que atendesse os alunos de 2º grau, os quais se deslocavam para outros bairros ou para o centro da cidade.

O primeiro ano de funcionamento foi em 1997. O quadro de funcionários docentes e administrativos, na maioria, era composto por profissionais Pró-labores (funcionários não-efetivos e ou concursados). Contava com três turnos de funcionamento, tendo dois coordenadores em cada turno, sendo o ensino fundamental nos turnos matutino, vespertino e noturno e ensino médio nos turnos matutino e noturno. Também no colégio, funcionava o Curso Técnico em Enfermagem ministrado nos turnos Matutino e Noturno, o qual funcionou somente nos anos de 1997, 1998 e 1999.

O Colégio Estadual Juvenal José Pedroso teve sua Portaria de reconhecimento na Resolução CEE 143/2000 (expedida pelo Conselho Estadual de Educação – GO) para funcionamento do Ensino Fundamental e Ensino Médio,

atendendo cerca de 2000 alunos, na sua maioria, moradora dos bairros Vila Pedroso, Tupinambá dos Reis, Matinha, Mar Del Prata, Recanto das Minas Gerais, Grande Retiro e também cidades vizinhas como Senador Canedo, Leopoldo de Bulhões e Bonfinópolis. Situado na região periférica, já na época de sua fundação apresentava grande índice de violência e problemas com o uso de drogas, vivenciando várias situações problemáticas.

A partir de 1998, alguns problemas de natureza social como a violência foi sendo solucionada, quando os próprios alunos do colégio foram mobilizados e incentivados a participar de diversas atividades interativas como gincanas, feiras educativas, mostras pedagógicas e científicas e em eventos promovidos pela própria instituição e também por outras da região.

No ano de 2000, o colégio teve 737 alunos matriculados no Ensino Fundamental no turno vespertino e 1.298 no Ensino Médio nos turnos matutino e noturno. O horário das aulas seguia matriz da grade curricular específica, sendo o horário de funcionamento do turno matutino de 07:00 às 12:00h, vespertino de 13:00 às 18:00h e noturno de 19:00 às 22:30h.

Em 2007, foram matriculados 1681 alunos, sendo que 648 cursam o ensino médio – 332 no 1º ano, 195 no 2º ano e 121 no 3º ano distribuídos em 16 turmas no período matutino e a faixa etária dos alunos varia de 14 a 55 anos. Os alunos matriculados no ensino fundamental totalizam 650 e estão distribuídos nas salas de 6º ao 9º anos no turno vespertino e têm entre 9 e 13 anos, e no período noturno 383 alunos cursam o ensino médio. A estrutura física colégio é bastante ampla e conta com um grande pátio, quadra poliesportiva e cantina. Para as aulas a secretaria disponibiliza alguns recursos áudio visuais como TV e vídeo, retroprojetor e projetor de slides. O colégio possui ainda, laboratórios de química e informática.

Várias são as atividades interativas que o colégio desenvolve e que a cada ano vem conquistando os alunos e a comunidade local com exposições científicas, como feiras de ciências e de informática, apresentações culturais com incentivo à música, teatro e dança típicas da região Centro-Oeste e também exposições de produtos alimentícios com intuito de incentivo à culinária regional, além do aproveitamento da área física para cultivo de hortaliças utilizadas nas aulas práticas no ensino de biologia para a turma do ensino fundamental.

A realização dessas atividades vai acontecendo e ganhando a credibilidade tanto dos alunos matriculados quanto de seus pais e da comunidade local, justificando, portanto a procura cada vez maior de novos alunos a cada ano. Há uma grande interação e participação do grupo de servidores compostos por coordenadores, professores e técnicos administrativos, os quais incentivam atividades, o que têm contribuído muito para implementação dos inúmeros projetos interdisciplinares favorecendo o desenvolvimento integral do aluno visando à formação para a cidadania.

Atualmente, o quadro de servidores do referido colégio é composto por 75 (setenta e cinco) professores, 1 (um) diretor, 1 (um) vice-diretor e 9 (nove) coordenadores pedagógicos. Destes 75 professores, 52 (cinquenta e dois) lecionam nos períodos matutino e ou noturno, sendo estes turnos reservados aos alunos do nível médio, e no período vespertino 23 (vinte e três) professores trabalham com o nível fundamental. Dos professores que lecionam no período matutino e noturno 20 (vinte) lecionam também em outros colégios da rede estadual de ensino e 06 (seis) também na rede municipal de ensino de Goiânia e ou no município de Senador Canedo - GO. Do total de professores, 12 (doze) possuem pós-graduação *lato sensu* e 1 (um) está cursando pós-graduação *stricto sensu*.

4.3.2 Os participantes da pesquisa

Participaram da pesquisa a diretora do colégio, os coordenadores e os professores convidados do período matutino. Os critérios de participação foram: estar no exercício da docência na ocasião da coleta dos dados, terem experiência na educação e com contrato permanente de trabalho, além de consentirem em participar da pesquisa. Os servidores possuem curso superior completo nas diversas áreas do conhecimento como pedagogia, letras, ciências humanas, história, geografia, matemática, ciências biológicas, artes, língua portuguesa, língua inglesa, espanhol, ciências sociais e educação física.

A participação foi franqueada de acordo com o interesse dos professores e ainda procuramos manter os critérios definidos por Thiollent (1998) da representatividade qualitativa e amostra intencional. Utilizamos uma técnica de coleta de dados baseada no contexto grupal, que conforme as orientações metodológicas de Thiollent (1998) “pode ser utilizada com um pequeno número de pessoas que são escolhidas em função da relevância que estas representam em relação a um determinado assunto ou pela sua representatividade social dentro da situação considerada”.

Desta forma não nos preocupamos em definir um número prévio de participantes e nem de exigir a participação em todos os encontros, até porque a adesão dos professores à esta investigação foi significativa, o que valorizou e qualificou os dados que foram sendo gerados. Acreditamos que esta opção possa ter favorecido o envolvimento de cada sujeito e contribuído para despertar o interesse do grupo em participar dos encontros subsequentes.

4.3.3 Aspectos éticos

Tratando-se de pesquisas envolvendo seres humanos, observamos cuidadosamente os requisitos necessários e atendemos os trâmites ético-legais sobre os consentimentos exigidos. Obtivemos o Consentimento da instituição pesquisada – Colégio Juvenal José Pedroso (ANEXO A) e a aprovação do projeto pelo Comitê de Pesquisa Médica Humana e Animal do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Goiás (ANEXO B). Para a coleta dos dados, os participantes assinaram individualmente o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE A), de acordo com as normas padronizadas pelo Conselho Nacional de Saúde, atendendo à Resolução 196/96 (BRASIL, 1998b).

4.3.4 Procedimentos e instrumentos para a coleta de dados

Consideramos que esta foi uma etapa de grande importância e complexidade para o desenvolvimento e construção da pesquisa, uma vez que iniciamos o processo de investigação a partir do conhecimento do grupo de professores sobre a temática em questão.

Pactuamos com a Diretora que utilizaríamos alguns momentos com os professores para o processo da coleta dos dados. Todos os encontros foram previamente agendados e também cuidamos para que nossas atividades não coincidissem com as atividades já programadas pelos professores para o ano letivo, não atrasando, portanto as atividades já previstas.

Na etapa diagnóstica, aplicamos um questionário junto ao grupo de

professores para identificarmos as questões que permeiam a temática educação sexual e orientação sexual no ambiente escolar. A primeira parte do questionário referia-se aos dados pessoais e a segunda foi destinada às questões do conhecimento dos professores sobre a temática assim como suas dificuldades e limitações (APÊNDICE B). Os professores foram reunidos numa mesma sala de aula do colégio e individualmente responderam ao questionário, utilizando um tempo médio de 20 minutos para seu preenchimento.

O processamento dos dados do questionário e sua análise balizaram as etapas seguintes, já que nos permitiu o planejamento do andamento da pesquisa junto aos professores.

A utilização dessa estratégia para a obtenção dos dados permitiu ao pesquisador conhecer o movimento do grupo e o comportamento dos participantes mediante a essa situação considerada nova para eles, mediando as discussões emergidas nesse processo. Durante todo o tempo os professores se mostraram à vontade em participar verbalizando suas opiniões com liberdade de expressão.

Outro recurso utilizado na coleta de dados foi à realização de encontros acordados no primeiro momento com os professores, como já foi dito. Cada encontro (no total de oito) foi cuidadosamente preparado pela própria pesquisadora que conjuntamente com o grupo de professores programava as atividades que realizariam no encontro seguinte. Além disso, o planejamento e a avaliação dos encontros contava com a supervisão da orientadora da tese que é também especialista em Gestão e Coordenação de Grupo.

Nessa etapa da coleta dos dados o coordenador do grupo/pesquisador desempenhou uma tarefa muito delicada, pois além de mediar às discussões expressas pelos participantes, teve que se atentar às falas pertinentes aos assuntos

discutidos. É papel do coordenador/pesquisador garantir um ambiente tranqüilo sem tumulto além de cuidar e não permitir situações que possam constranger ou inibir a participação dos sujeitos. Nesse momento é fundamental que o pesquisador apóie o grupo, incentivando a exposição de suas percepções ou conhecimentos sobre o tema, sem interferir no conteúdo das falas, garantindo, portanto a fidedignidade das informações (MUNARI; ESPERIDIÃO; MEDEIROS, 2001).

Para a condução dos encontros contamos também com a participação do auxiliar de pesquisa, que foi fundamental em todos os momentos. O mesmo teve como tarefa auxiliar no preparo do ambiente sempre no início de cada encontro, dispondo as cadeiras conforme a metodologia e a dinâmica proposta para aquele encontro de modo a facilitar a participação de todos assim como o registro das falas, o movimento do grupo, ou seja, registrar o movimento da dinâmica grupal. Utilizou o diário de campo para anotações e também serviu de suporte técnico para o manuseio dos recursos didáticos, fotográficos e gravações.

É fundamental que o pesquisador durante todo o processo de coleta de dados, demonstre entusiasmo pelo trabalho que está desenvolvendo e se aproxime dos participantes. É comum que o coordenador seja considerado como um líder na equipe, cuja liderança pode influenciar no processo e ser responsável pelo sucesso ou fracasso na dinâmica grupal. O sucesso será garantido a partir do momento em que os participantes sentirem a total confiança na figura do coordenador que deve estabelecer um vínculo com os demais integrantes no sentido de tornar produtiva as interações grupais (MUNARI; ESPERIDIÃO; MEDEIROS, 2001).

O coordenador de grupo ainda deve motivar ou despertar os integrantes para as discussões sobre as situações problema que estão vivenciando, para que então em grupo encontrem estratégias na busca de soluções para os problemas

identificados.

À medida em que a construção do conhecimento ia se dando a partir das experiências, dos problemas e da interação contínua entre os participantes, algumas estratégias de soluções para os problemas surgidos no contexto grupal também ganharam espaço, interesse e relevância para os professores.

4.3.5 A observação participante

Considerando que na pesquisa qualitativa as técnicas utilizadas para a coleta dos dados devem contemplar os aspectos subjetivos, a observação participante se constituiu como ferramenta essencial do pesquisador, por permitir registrar os movimentos do grupo e expressão da comunicação expressa de forma verbal e não verbal.

Tendo em vista o contato estabelecido desde o primeiro momento entre pesquisador, auxiliar de pesquisa e membros do grupo, esse instrumento foi utilizado com muita eficiência em função da confiança e vínculo estabelecido entre os participantes da pesquisa.

A observação participante é considerada de grande importância e essencial na condução da pesquisa qualitativa. Minayo (1999) considera o observador como um indivíduo que deva ter um grau de interação com a situação a ser observada, de forma que estando face a face com os observados, ele possa colher os dados de forma fidedigna, além de que possa se influenciar e ser influenciado pelo contexto.

Diante da proposta e da complexidade de trabalhar com os fenômenos grupais Munari e Furegato (2003) ao mencionar os quesitos necessários para o

desenvolvimento de uma pesquisa que envolve grupos, consideram o domínio do coordenador de grupos como fundamental para o sucesso ou fracasso em uma atividade específica. Dessa forma o vínculo estabelecido entre o coordenador e os membros do grupo, no momento da coleta dos dados, pode tornar os momentos prazerosos e satisfatórios, os quais acreditam influenciar nos resultados considerando a dinâmica de funcionamento do grupo.

Ainda é função do coordenador auxiliar o grupo a expor suas opiniões sobre determinados temas e percepções, sem interferir no conteúdo das falas, para se garantir uma fidedignidade mais apurada das informações (MUNARI; ESPERIDIÃO; MEDEIROS, 2001).

Considerando que na proposta central da pesquisa-ação está expressa a idéia de que os dados vão sendo produzidos a partir da interação entre pesquisador e pesquisados, em todos os encontros oportunizamos momentos para que as reflexões, idéias geradas, problemas levantados e soluções discutidas fossem legitimados como produção do próprio grupo.

Assim, além da condução do grupo, a pesquisadora esteve o tempo todo atenta às necessidades e demandas do grupo, sendo capaz de analisá-las e considerá-las na proposição de cada atividade para o grupo.

Além disso, o conteúdo da observação era discutido a cada encontro com a orientadora da tese que referendava a análise do movimento do grupo e o planejamento dos passos seguintes.

4.3.6 O diário de campo e registro das atividades

A cada momento de aproximação dos encontros, a pesquisadora teve o cuidado de preparar antecipadamente todo material a ser utilizado. No final de cada encontro as atividades foram registradas sob a forma de gravações em fita cassete, máquina fotográfica e anotação do conteúdo das falas no diário de campo.

As informações obtidas através da gravação em fita cassete foram transcritas pela própria pesquisadora que paralelamente fez a checagem dos dados anotados nos registros do diário de campo, inclusive checando com as anotações do auxiliar de pesquisa. Este cuidado foi tomado para que todas as informações fossem registradas, sem risco de perder ou não captar algum dado importante para os momentos seguintes das análises contextuais.

Tivemos o cuidado de trabalhar em equipe que apoiadas num planejamento sistematizado e em sintonia com os objetivos da pesquisa registramos todos os dados para posteriormente sustentar a análise e realizar as discussões destes dados. Além do apoio do auxiliar de pesquisa, que é aluno do curso de graduação da FEN, contamos com a participação de mais duas auxiliares, também alunas no referido curso, para colaborar nas atividades do 7º encontro. Ressaltamos que todas essas auxiliares são bolsistas no NUCLAIDS – FEN/UFG.

4.3.7 Análise dos dados

A análise dos dados dos encontros aconteceu apoiada na perspectiva da investigação qualitativa que, considerando o valor do significado expresso nas falas do movimento do grupo, nos revelou o entendimento e os anseios dos sujeitos

pesquisados sobre a temática posta. Isso sem dúvida nos possibilitou uma análise mais apurada dos dados além de interpretações fidedignas dos fatos.

De modo geral a análise dos dados na pesquisa qualitativa tem por finalidade estabelecer a compreensão dos achados, confirmar ou não os pressupostos além de responder ou não as questões que se está investigando.

O processamento e a análise dos dados coletados aconteceram ao longo de todo o percurso da investigação, caracterizado como um movimento contínuo que aconteceu desde a etapa diagnóstica, passando pela etapa intermediária e também nos momentos de devolução das informações coletadas para a consolidação dos resultados encontrados.

Os resultados obtidos durante a coleta dos dados foram sistematizados e analisados conforme as orientações de Bogdan e Biklen (1994), considerando as falas e as experiências vivenciais dos sujeitos pesquisados para atender a proposta deste estudo.

No que diz respeito ao processo de análise, Thiollent (1998) chama-nos a atenção aos aspectos da estrutura de raciocínio subjacente à pesquisa-ação, cuja dificuldade está no fato de não se tratar de uma estrutura lógica simples, mas que contém momentos de raciocínio do tipo inferencial e moldados por processos de diálogo entre os interlocutores. O autor destaca que, o principal objetivo consiste em oferecer ao pesquisador melhores condições de compreensão, interpretação, análise e síntese dos dados coletados. Embora Thiollent (1998) cite que na pesquisa-ação, o principal ator é quem faz ou quem está efetivamente interessado na ação, o pesquisador contribui ativamente facilitando o acompanhamento e avaliando as ações desencadeadas em função da situação, assumindo, portanto uma maior responsabilidade na condução da proposta.

Após planejar os encontros e organizar os dados coletados, realizamos a transcrição das informações obtidas durante os encontros grupais. Procuramos, em todos os momentos, registrar as expressões das linguagens verbal e não verbal expressas durante o processo de coleta dos dados, a fim de registrar todas as informações emitidas por eles, as quais certamente seriam importantes para a realização da análise.

Sempre no início de cada encontro, apresentávamos uma síntese das atividades realizadas no encontro anterior, no sentido de apresentar e certificar os nossos registros além de proporcionar a reflexão conjunta sobre o que foi trabalhado.

A construção dos resultados se deu então, pela articulação entre a descrição do processo pelo qual o grupo percorreu, com os dados registrados em diário de campo e observação participante, fundamentados no referencial teórico.

Apresentação e Discussão dos Resultados

5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise dos dados coletados foi processada tendo em vista a metodologia utilizada da pesquisa-ação que exigiu muita interação entre pesquisador e participantes, e conseqüentemente, se baseou no processo de análise ao longo dos encontros, quando exploramos questões sobre a temática orientação sexual a ser trabalhada junto aos professores, na tentativa de incorporá-la no Projeto Político Pedagógico do Colégio. Todos os momentos das discussões foram de muita riqueza e objetivaram mudanças na realidade da instituição. A nossa contribuição foi no sentido de subsidiar o grupo de professores para o desenvolvimento de um trabalho participativo em que pudessem tomar consciência da problemática que envolve o tema orientação sexual a ser desenvolvido no ambiente escolar além de conhecer diferentes estratégias educativas para serem trabalhadas com seus alunos.

Assim, apresentaremos, as fases da pesquisa-ação em que aconteceram a dinâmica dos encontros e na seqüência, de forma detalhada, a exposição em si dos encontros e suas discussões assim como a análise tendo como guia nosso diálogo com o referencial teórico. Os mesmos serão apresentados do item 5.1 ao 5.8.

5.1 Contextualizando os encontros com os professores

Os encontros, conforme já mencionado, foram realizados em uma seqüência tendo início em abril de 2006 e término em março de 2007. Estes aconteceram nas datas agendadas com o grupo de professores, que tiveram o cuidado de intercalar com suas atividades pedagógicas já previstas e programadas no início do ano letivo. A maioria dos encontros aconteceu com o intervalo médio de 30 a 60 dias, havendo durante a coleta dos dados dois períodos de férias letivas.

No momento inicial de cada encontro, fazíamos a devolução conjuntamente das atividades realizadas no encontro anterior, de modo a retomar com o grupo os resultados e a discussão gerada. Estes foram divididos entre as três etapas definidas por Thiollent (1998) sendo que inicialmente fizemos um diagnóstico da situação, com a finalidade de conhecer o nível de compreensão dos professores sobre a temática orientação sexual e as possíveis estratégias metodológicas para a fundamentação de um trabalho educativo de qualidade no ambiente escolar.

Assim os três primeiros encontros foram destinados a esse processo, que segundo Esperidião (2005) é um momento estratégico por aproximar pesquisadores e participantes, por meio de um contrato que, ao estabelecer regras de convivência e delimitar interesses mútuos, viabiliza um clima de confiança e respeito ao trabalho, cujo resultado é de fato fruto do esforço coletivo.

Obtivemos ao longo dos encontros em média dezoito professores participantes, que foram denominados pela letra P (professor) para identificar suas falas transcritas no decorrer da análise.

Na etapa intermediária desenvolvemos do 4º ao 7º encontros atividades buscando encontrar caminhos para responder aos questionamentos levantados pelo

grupo na etapa diagnóstica.

Esta etapa se consagrou por momentos muito produtivos por envolver os professores num processo significativo de produção de novos conhecimentos. Para Freire (1993), Thiollent (1998) e Esperidião (2005) é justamente esse processo que promove mudanças, pois envolve os participantes no aprendizado e busca soluções para questões significativas para sua prática.

O último encontro foi destinado à identificação de práticas metodológicas necessárias para o trabalho de sensibilização dos professores sobre as questões que envolvem a temática sexualidade. Possibilitou ainda o exercício coletivo de construção do Projeto Político Pedagógico para a inclusão de conteúdos sobre orientação sexual na grade curricular, conforme prevê o projeto nacional Saúde e Prevenção nas Escolas (ANEXO C).

Os encontros aconteceram no espaço de sala de aula do colégio, disponibilizado e organizado pela coordenadora do período da manhã, a qual sempre se colocava disponível para que estes transcorressem da melhor forma possível. A mesma teve o cuidado de escolher uma sala com melhor iluminação, ventilação e de posição estratégica sem barulhos ou ruído externo para garantir a boa gravação em fita cassete e o bom andamento dos encontros. Além de organizar a sala para a realização dos encontros, a mesma disponibilizou uma copeira para preparar e servir os lanches que levávamos para o momento dos encontros.

Para alguns encontros, conforme a programação, no momento inicial, propiciamos um ambiente tranquilo e acolhedor sempre com música clássica ao fundo para que todos se sentissem acolhidos por estarem ali.

Os encontros iniciavam com uma técnica de aquecimento ou sensibilização de acordo com o tema previsto, que segundo Mota e Munari (2006)

funciona como um vitalizador para focar o grupo no trabalho a ser feito, mobilizando energia e atenção.

Este momento é fundamental para que o pesquisador tenha clareza da importância do domínio e manejo de grupos para melhor explorar as situações que emergem dos momentos grupais, bem como da necessidade de conduzir o grupo com ética e segurança, com vistas a atingir seus objetivos, ao mesmo tempo em que respeita o grupo em suas necessidades, desejos, expectativas e limitações (RIBEIRO, 1994; MUNARI; ESPERIDIÃO; MEDEIROS, 2001; MOTA; MUNARI, 2006).

No nosso caso, contamos na formação no doutorado com disciplina específica sobre o funcionamento e coordenação de grupos, além de contar com a supervisão da orientadora, especialista em dinâmica de grupo.

Todos os encontros foram previamente agendados e tiveram um tempo de duração média de 3 horas. Os encontros tinham início previsto para as 9:00h da manhã e término por volta das 12:00 horas. A partir deste horário os alunos eram dispensados das atividades pedagógicas, os quais já haviam sido informados pela coordenação do colégio sobre o desenvolvimento das nossas atividades. Com o intuito dos alunos não ficarem ociosos e sem atividades neste período, os professores orientados pelos coordenadores repassavam atividades extras para que os alunos pudessem compensar o horário de aula e os conteúdos não vistos.

Vale destacar que o período de coleta dos dados coincidiu com o movimento de divulgação, no município de Goiânia - GO, do projeto nacional "Saúde e Prevenção nas Escolas" (SPE) das Secretarias Estadual de Saúde e Educação. Para o desenvolvimento deste projeto fomos convidadas a contribuir com o processo de formação do quadro de educadores de onze escolas selecionadas para esta

primeira fase de capacitação. Destacamos que um dos objetivos deste projeto é a capacitação de educadores, com foco na saúde sexual e reprodutiva dos alunos, principalmente na fase da adolescência.

A proposta das secretarias é de que os educadores num futuro próximo, sejam os agentes multiplicadores em educação em saúde nas instituições de ensino na área educação sexual.

Essa integração nos leva a pensar no que Ferriani e Gomes (1997) defendiam como princípios básicos para a promoção da saúde escolar. Para esses autores “a articulação entre os setores da educação e saúde no sentido de definir políticas e estratégicas para uma ação conjunta” é ponto inicial para o sucesso dessas iniciativas (p.14).

Na ocasião, momento que antecedeu o início da coleta dos dados, participamos na cidade de Brasília-DF, da “I Oficina de Gestão e Planejamento do Projeto Nacional Saúde e Prevenção nas Escolas – Região Centro Oeste”, que possibilitou a interação entre os participantes com a apresentação e discussão dos objetivos que incluíram a redução da vulnerabilidade dos adolescentes e jovens às doenças sexualmente transmissíveis, à infecção pelo HIV, à aids e à gravidez não planejada, por meio articulado entre escolas e unidades básicas de saúde.

Neste evento, houve uma excelente receptividade por parte do grupo técnico dos Ministérios da Saúde e da Educação sobre a participação dos diversos segmentos sociais presentes para a normatização e implantação deste projeto nacional na rede de ensino estadual da região Centro-Oeste. Tal movimento, possivelmente aconteceu em consideração às parcerias, a integração e a troca de experiências entre as Secretarias Estaduais de Saúde e Educação dos Estados representados as organizações não governamentais, as Universidades e a

sociedade civil, ali representadas. A proposta para realização das ações de prevenção pelas diversas instituições de ensino dos estados da Região Centro-Oeste foi prevista para acontecer nos anos de 2006, 2007 e 2008.

Este encontro foi de muita importância para todos os estudiosos da área, que pelas apresentações e discussões puderam conhecer um pouco mais sobre a proposta do projeto nacional, o qual tem objetivos muito afins com a nossa proposta da pesquisa.

Ainda neste mesmo período participamos do I Seminário Estadual de lançamento do projeto nacional “Saúde e Prevenção nas Escolas”, para o qual fomos convidadas pela gerência de desenvolvimento do sistema das ações de saúde (subgerência de ações programáticas/área técnica saúde do adolescente) da Secretaria Estadual de Saúde de Goiás, a apresentar nossa proposta da pesquisa. Este convite nos foi feito pelo envolvimento com o Colégio Estadual Juvenal José Pedroso e pela realização da presente investigação.

Assim, o colégio foi selecionado para participar da fase de implantação do projeto no Estado juntamente com outras dez instituições de ensino da rede estadual de educação da cidade de Goiânia - GO. Estas instituições de ensino deverão estar representadas por um coordenador e no máximo 3 alunos que, em equipe, trabalharão como multiplicadores na proposta do projeto Saúde e Prevenção nas Escolas.

Neste mesmo evento o colégio foi representado por um coordenador pedagógico e três alunos do nível médio, os quais foram informados previamente para planejar algumas ações educativas passíveis de serem executadas no ambiente escolar e que fosse apresentado neste evento. Estas ações foram planejadas para serem executadas ao longo do ano, com recursos do próprio

Estado, o que aconteceu de forma simultânea à realização da pesquisa, tendo influência positiva, pois potencializou as ações da pesquisa ao mesmo tempo em que abriu possibilidades de desenvolvimento para a comunidade investigada.

A Constituição Brasileira promulgada em 1988 apresenta diretrizes para descentralizar as ações nas áreas da educação e da saúde através das articulações nas três esferas da gestão pública (BRASIL, 2007d). Por isso a integração intersetorial com os órgãos não governamentais é requisito essencial para a efetivação de projetos voltados para atender o bem estar da população em geral (BRASIL, 2006a).

Sem dúvida quando estes setores trabalham juntos é possível aumentar a eficácia das ações, as quais deverão ser planejadas e executadas a partir da necessidade da população considerando a realidade dos envolvidos.

5.2 Os encontros

5.2.1 O contato inicial e a contextualização da pesquisa

A primeira visita à instituição de ensino aconteceu em abril de 2006, com a apresentação da proposta da pesquisa à Diretora do Colégio. Fizemos as apresentações pessoais e a seguir apresentamos o projeto de pesquisa assim como o projeto nacional Saúde e Prevenção nas Escolas. A mesma se mostrou bastante receptiva e interessada, haja vista que já tinha conhecimento do projeto nacional apresentado anteriormente pela subsecretaria de ensino da Secretaria Estadual de Educação de Goiás.

A diretora demonstrou motivação para o desenvolvimento da pesquisa, pois seu colégio seria, até então, o primeiro a desenvolver atividades co-

relacionadas às propostas no projeto nacional, e na verdade seria contemplado com ações propostas em nossa pesquisa e seria a instituição piloto a aderir à proposta do projeto nacional.

Informamos que a pesquisa atenderia e cumpria muitos objetivos comuns com a do projeto nacional na perspectiva de subsidiar o desenvolvimento das atividades dos professores na promoção da saúde sexual e reprodutiva dos alunos e também para a redução da vulnerabilidade da população jovem às questões que envolvem a sexualidade.

Neste primeiro contato com a instituição percebemos o desejo e o interesse da diretora, que ali representava o grupo de professores. A apresentação do projeto de investigação ao grupo aconteceu naquela mesma manhã, no horário do recreio dos alunos, estando presentes na ocasião vinte (20) professores, duas (2) Coordenadoras Pedagógicas e a Diretora. Neste momento esclarecemos novamente sobre a proposta de investigação, bem como os objetivos e as estratégias metodológicas que iríamos adotar. Apresentamos também o projeto nacional Saúde e Prevenção nas Escolas e seus objetivos e convidamos a participarem da pesquisa.

Esclarecemos sobre a necessidade do apoio e da participação dos interessados e a seguir pactuamos os encontros não coincidentes com as atividades didáticas já programadas nos planos disciplinares.

Agendamos o primeiro encontro com grupo de professores para então iniciarmos o processo de coleta dos dados. Todo o grupo demonstrou muito interesse pela proposta apresentada, boa receptividade para o desenvolvimento do nosso projeto, e curiosos pela temática além da aceitação em participar deste modelo de investigação que até então era desconhecido por eles.

Consideramos que este momento foi de grande importância e expectativa

para nós pesquisadores, pois foi o primeiro contato formal com o grupo de professores para o conhecimento prévio sobre a temática em questão, bem como de suas expectativas para a participação na pesquisa.

Para este momento é fundamental que o coordenador de grupos tenha clareza e segurança da tarefa que planejou, além de liderança quanto ao manejo com o grupo. Dessa forma, o primeiro contato e o vínculo estabelecido entre as partes são fundamentais para o bom andamento das etapas seguintes e de todo o processo planejado. É fundamental a confiança depositada na figura do pesquisador que como refere Esperidião (2005), ao estabelecer o vínculo com os participantes logo nos primeiros contatos pode garantir o sucesso de todo o processo da investigação.

5.2.2 Conhecendo o movimento do grupo e pactuando o contrato de trabalho

O segundo encontro aconteceu dois meses depois do primeiro, pois foi agendado de acordo com a disponibilidade dos professores. Este encontro foi realizado numa sala de aula previamente preparada pela coordenadora do turno matutino. As cadeiras da sala estavam dispostas em círculo de modo a facilitar a visualização de todos os presentes.

Para este momento é importante que o pesquisador na condição também de coordenador do grupo tenha muita sensibilidade e atenção ao movimento expresso pelo grupo. Para tanto é necessário uma postura adequada no sentido de liderar e coordenar atividades respeitando todos os membros nas suas necessidades e expectativas.

Sendo assim, a forma como este coordenador recebe os participantes e

os acomoda no ambiente pode gerar expectativas positivas ou negativas. Por isso a disposição circular parece ser a melhor opção para acomodação de todos para desenvolver qualquer atividade grupal. O círculo ao colocar os participantes no mesmo contato visual facilita a comunicação verbal e não verbal. Moscovici (1996) citou o círculo como um espaço holográfico onde todos estão em constante movimento, além de que nessa disposição as relações não atendem a posições hierárquicas, mas são estabelecidas de forma igualitária.

Para darmos início às atividades programadas, preparamos o ambiente e ao fundo uma música instrumental para acolhimento do grupo. Na sala disponibilizamos também de água e café e um lanche.

Estavam presentes vinte e oito professores, sendo solicitado a eles expressarem suas expectativas, sobre a sua participação. Fizemos uma síntese do encontro passado a fim de lembrar as atividades realizadas e no momento retomamos com a reapresentação dos objetivos da nossa investigação assim como o projeto Saúde e Prevenção nas Escolas a todos, especialmente, aos professores que não participaram no encontro anterior.

Iniciamos as apresentações pessoais utilizando para este momento o uso do crachá para identificação e personalização de cada participante.

Nessa etapa de diagnóstico, realizamos um levantamento sobre as questões relacionadas às dúvidas e ou dificuldades que permeiam a temática educação sexual e orientação sexual a serem trabalhados com os alunos, assim como o conhecimento de alguns conceitos formais. Era também nosso objetivo saber sobre a atuação dos professores como mediadores de discussões e conflitos emergidos em salas de aula assim como as dificuldades em trabalhar todas essas questões de maneira natural no ambiente escolar.

Nesta ocasião, além do preenchimento do questionário citado anteriormente, também obtivemos a aprovação dos participantes para a investigação através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (BRASIL, 1998a), assim como a permissão para as gravações dos encontros.

Após esse primeiro momento fizemos conjuntamente uma pactuação do contrato de trabalho que consistia em esclarecer e programar as datas, horários e o local específico para a realização dos encontros. Esclarecemos também sobre a importância da participação de todos e se possível sem interrupções para não perder a seqüência das atividades.

Para a realização de qualquer atividade grupal é função também do coordenador estabelecer com o grupo o contrato de trabalho que segundo Munari e Furegato (2003) e Mota e Munari (2006) deverá ser cumprido considerando o respeito e o compromisso às regras estabelecidas e pactuadas de forma conjunta.

Nessa oportunidade houve o exercício de reflexão para identificar questões relativas a temática, assim como alguns indicadores necessários para o trabalho coletivo junto ao grupo estudado sobre conceitos e estratégias metodológicas que seriam utilizadas. As reflexões surgiram com a expectativa de como o grupo irá incorporar esta temática no projeto político pedagógico que irá construir para contemplar e implementar as ações propostas no projeto nacional “Saúde e Prevenção nas Escolas” (BRASIL, 2006a).

A utilização desta estratégia para a obtenção de informações a respeito do que os professores pensam sobre a temática permitiu ao pesquisador obter um conhecimento geral do grupo sobre estas questões. Além de que convivemos por um período de tempo relativamente longo, nos quais presenciamos e conhecemos o movimento do grupo mediante a essa situação considerada nova para eles.

Durante todo o tempo, os sujeitos se mostraram muito à vontade em participar, verbalizando suas opiniões com liberdade de expressão. Thiollent (1998) recomenda que o coordenador deve ter o cuidado para não interferir na atividade própria do grupo e nas suas iniciativas, mas sim manter uma postura de atenção com a escuta administrando as situações emergidas do movimento grupal sem emitir suas próprias opiniões. Minayo (1999) discute que nessas situações o pesquisador é um interpretador da realidade social e, portanto deve ser capaz de interagir com a situação a ser investigada, possibilitando que as discussões coletivas vão emergindo a partir da interação grupal.

Após uma breve discussão e reflexão sobre a temática, foi solicitada uma avaliação deste encontro e os conteúdos de interesse do grupo para discussões no próximo encontro.

As falas a seguir sinalizam a postura dos participantes:

“Momento necessário... este tema é muito importante, a gente não pára pra pensar, quando a gente tem esse momento a gente pára e pôxa, que tema eu preciso saber para trabalhar?, de que os alunos necessitam?, os alunos estão aqui e você acha que nem existem dúvidas, e tem, às vezes alunas me param no corredor e me falam sobre essas questões e eu fico apertado..., é importante a gente saber. Eu não tenho agora um tema específico mas quero saber de tudo sobre esta questão para me preparar melhor”. (P1)

“Muito produtivo... é interessante, não é só pensando nos alunos que a gente tem que aprender, mas para nós mesmos, nós, pessoas, professores, a gente fala do assunto mas a gente não sabe, os alunos perguntam as coisas e a gente às vezes não sabe responder, a gente não tá informado... é muito superficial”. (P2)

Com essas respostas alguns professores começam a refletir e tomar consciência sobre as questões relativas à temática e informaram a respeito das necessidades de conhecer mais sobre o assunto mediante experiências vividas no ambiente escolar com os alunos.

Esse exercício favoreceu a reflexão sobre os conceitos que os professores trazem consigo e até revelando a fragilidade e dificuldades em abordar determinados assuntos que permeiam a sexualidade humana. Para Miyasaki (2002) o professor necessita de uma orientação especializada para trabalhar com segurança e naturalidade, além de muita eficiência quanto às questões relativas a orientação sexual e sexualidade. Nesse sentido, Souza, et al. (2004b) reconhecem também que o trabalho educativo com adolescentes requer uma atenção especial de profissionais capacitados com aplicação de atividades interativas de promoção da saúde com foco na prevenção, para evitar agravos no futuro, principalmente na área da sexualidade e em especial sobre as doenças transmitidas pelo sexo. Portanto, conhecimentos gerais sobre estes aspectos são esperados por parte dos educadores para que possam socializar com seus pares.

Percebemos também que a dificuldade técnica que o professor possui em abordar determinados assuntos relativos a orientação sexual no ambiente escolar, advém da própria estrutura apresentada pela maioria das instituições escolares existentes hoje. Essas dificuldades são evidenciadas em uma fala apresentada por um professor:

“Precisamos de informações atualizadas sim, mas não nos é disponibilizado também materiais didáticos específicos com recursos áudio visual atualizados que possam chamar a atenção dos alunos, se a gente tivesse estes materiais, eu penso que seria mais fácil, e os alunos sentiriam até mais vontade de vir para o colégio assistir as aulas, ainda mais sobre esses assuntos...”. (P7)

O espaço escolar é o ambiente onde os alunos convivem e passam um bom período do seu dia. É considerado um local privilegiado por congregar um longo período de tempo, criança e adolescente, os quais se encontram numa etapa delicada na vida em fase de crescimento e desenvolvimento tanto físico quanto

intelectual (CANO et al., 1995; FERRIANI; GOMES, 1997; MIRANDA et al., 2000; OUTEIRAL, 2003; LEONELLO; L'ABBATE, 2006).

No entanto as instituições de ensino deveriam estar mais bem equipadas para oferecer uma melhor qualidade no ensino, mas enfrentam limitações ou dificuldades como recursos humanos sem qualificação adequada, recursos pedagógicos inexistentes ou insuficientes e espaço físico limitado (BRASIL, 2007d).

É função de toda instituição de ensino oferecer um ambiente satisfatório e saudável para a realização de atividades educativas, que de forma planejada e contínua, disponibilize recursos de qualidade como os didáticos e humanos para que os alunos adquiram conhecimentos que sejam capazes de ajudá-los na sua transformação como seres humanos mais independentes e conscientes.

Quanto ao preparo do professor, trabalhar conteúdos que envolvem a área da sexualidade exige muito mais que o domínio técnico como, conhecimentos da anatomia e fisiologia humana, aspectos da psicologia da sexualidade. Necessita também de disposição interna de querer abordar assuntos dessa natureza, uma vez que os dogmas ainda continuam muito presentes na nossa cultura.

Segundo a subsecretaria de ensino da Secretaria Estadual de Educação - Goiás, para o quadro de educadores composto por professores e coordenadores não existe, ainda, estabelecido na Rede Estadual de Ensino um programa de capacitação que possa dar subsídios a esses educadores preparando-os para atuarem em salas de aula, logo que admitidos para o exercício de suas atividades.

Considerando a complexidade da temática é preocupante a situação dos professores que vem apenas com a formação básica em áreas específicas como: português, geografia, matemática, biologia entre outras. Muitas vezes esses educadores se deparam com alunos adolescentes com todas as características e

transformações presentes nesta fase da vida e não conseguem ajudá-los por falta de habilidade no manejo do grupo adolescente e das suas próprias limitações para lidar com as situações comuns da vida.

Todo adolescente passa por períodos de mudanças bruscas vividas diante da necessidade de rompimento dos modelos preexistentes em busca dos próprios modelos. Esse se vê na condição de uma nova imagem corporal, se afasta do seu núcleo familiar para adentrar nos diversos grupos sociais (SOUZA et al., 2004b). Assim o ambiente escolar é considerado como um espaço social muito importante, pois agrega o maior número de indivíduos na coletividade devendo estar preparado para recebê-los da melhor forma possível. Nesse sentido é fundamental um quadro de profissionais competentes e comprometidos com a educação para a vida, além do que a figura do bom professor representa como exemplo para o aluno (BLUM, 1998; TAKIUTI, 2001; TIBA, 2005).

Dados dos Estudos e Comunicação em Sexualidade (Abramovay; Castro e Silva, 2004) mostram que o professor é a peça chave para o trabalho na área da educação em saúde no ambiente escolar e, principalmente, quando se trata de sexualidade. Ele necessita de uma formação ampla de conhecimentos que abrangem a temática além de metodologias renovadas e adequadas.

O professor primeiramente tem que se sentir disposto e preparado para polemizar questões culturais como valores, tabus e preconceitos para se subsidiar e trabalhar estas questões em salas de aula (SUPLICY et al., 2004).

Para Costa e Lunardi (2000) e Jardim e Brêtas (2006) o educador necessita muito mais de habilidade e sensibilidade do que apenas seguir orientações dos livros de biologia e cursos de capacitação e atualização, devendo também compartilhar trabalhos desta natureza com os alunos, baseadas nas suas

necessidades e não na necessidade do professor ou do programa disciplinar.

Outras falas exemplificam as questões que envolvem o preparo técnico do professor.

“...cada momento é importante para o aprendizado, a gente tá colocando algo mais na caixinha para ter condição de falar com os alunos, porque é muito difícil este assunto,... até em casa, você chegar e falar para sua filha e falar sobre essas coisas, sexualidade, educação sexual e perguntar você tá falando e fazendo a coisa certa? Eu sou mãe, tenho duas moças e a gente sente despreparada até dentro de casa, a gente precisa se preparar melhor”. (P8)

“... a gente acha que não tem problemas, a adolescência é uma fase cheia de conhecimentos. Conhecimento do corpo, o jovem fica cheio de interesses, então a gente fica ressentido em falar sobre o assunto, é difícil trabalhar, porque tá presente na nossa casa, na nossa escola, na rua, então temos que trabalhar e qualquer pessoa que puder ajudar a gente, acho que será bem vindo.”. (P9)

Esses relatos nos remetem a idéia de que alguns professores se vêem diante do desafio de trabalhar a temática da sexualidade também como pais e mães. Os problemas que encontram na escola, muitas vezes, também se repetem no seu cotidiano doméstico e esse fato tanto pode ajudar como limitar o professor na abordagem dos alunos dependendo de suas experiências prévias.

Esses professores se deparam também com mudanças sociais que fazem o jovem cada vez mais atento e independente quanto aos seus desejos e vontades.

Essa tendência sinaliza que o jovem deve se preocupar com os rumos de sua vida, devendo ser responsabilizado pela sua saúde, principalmente com os aspectos relacionados ao comportamento sexual. Em tempos atrás estes cuidados estavam mais na responsabilidade dos diferentes segmentos sociais como as unidades de saúde e escolas ou mesmo a família. Atualmente observamos mudanças que implicam na responsabilização do jovem por suas próprias condutas (DIAS; BUENO, 2003).

Assim, mais do que em outros tempos, a sexualidade é tema comum no ambiente escolar, principalmente diante da precocidade sexual no meio dos jovens,

e isso resulta em problemas como a gravidez precoce, aumento de casos de DST na população jovem além da alta promiscuidade sexual presente nesta idade (ABRAMOVAY; CASTRO; SILVA, 2004). Esses dados merecem muita atenção, pois é no ambiente escolar que este jovem estabelece diferentes relações sociais.

Sem dúvida a dificuldade dos professores esbarra no fato da temática sexualidade não ser tão simples de ser trabalhada, pois há uma diversidade de opiniões e valores morais, tornando às vezes um tema delicado devido à variação de condutas pessoais e profissionais as quais estão relacionados a fatores culturais, sociais além de religiosos. Essa é uma realidade ainda muito presente na nossa sociedade, o que sem dúvida torna mais difícil qualquer trabalho nesta área, como aponta o depoimento de uma professora:

“...eu me lembrei de um caso, eu tava trabalhando uns conteúdos na sala de aula sobre alguns assuntos: aids, gravidez na adolescência... e uma das alunas é mãe adolescente e eu não sabia. Daí ela mesmo deu seu depoimento, foi muito bom este momento... o aluno tem necessidade de falar, às vezes nunca falou com ninguém, não tem o apoio da família e principalmente da mãe. Eu cheguei com o tema a teoria e ela se abriu para mim, ou seja com a prática”. (P10)

Este depoimento específico nos remete ao quanto é necessário ouvir e valorizar as experiências que os alunos trazem para serem socializadas em salas de aula com os colegas. Por isso o modelo de ensino baseado na participação ativa do educando permite uma aproximação da teoria com a prática e os temas passam a ter outro sentido e significado, sendo mais valorizados, pois são de interesse do coletivo baseados na realidade vivida. Nesse sentido a pedagogia participativa e reflexiva defendida por Freire (2000) mostra o valor da socialização das experiências e saberes com vistas à democratização do conhecimento.

Assim, pensando no atual cenário educacional, esse tipo de reflexão trazida pela professora é considerada uma das mais novas tendências necessárias

para a formação de educadores. É definida como um processo dinâmico no qual os professores aprendem a partir da análise e interpretação da realidade dos alunos, integrando novos conhecimentos adquiridos através da prática (ZEICHNER, 1993; COSTA, 2003).

De acordo com o depoimento citado anteriormente podemos verificar que muitos professores têm interesse em trabalhar conteúdos sobre sexualidade com seus alunos, mas ainda há dificuldades em lidar diretamente com o assunto, pois consideram assuntos dessa natureza exclusivos a serem trabalhados no ambiente familiar.

O verdadeiro papel dos educadores parece ainda não estar bem claro para a maioria dos professores. Estes reconhecem sua limitação, desconhecem o papel da escola no desenvolvimento da orientação sexual e não diferenciam a atividade de realizar a orientação sexual com a educação sexual e ainda o papel da família.

Essa preocupação foi evidenciada no depoimento de um professor, conferindo, portanto os desconhecimentos da verdadeira atribuição dos educadores se fazem à orientação ou a educação sexual no ambiente escolar.

Segundo Suplicy et al. (2004) a educação sexual ocupa-se em desenvolver processos sobre sexualidade no decorrer da vida, cabendo essa responsabilidade à família. Para Egypto (2003) a educação sexual e orientação sexual desempenham papéis diferentes, pois cabe a instituição de ensino fazer a orientação sexual aos seus alunos e a família realizar a educação sexual.

Hoje para a escola cumprir sua função educativa é necessário contar com um quadro de professores que acompanham os avanços da modernidade na área da educação, devendo desenvolver suas potencialidades psíquicas e cognitivas para

o desempenho de suas atribuições com qualidade.

Vale lembrar que o processo de construção para a aquisição de conhecimentos na área da orientação sexual por parte dos professores é diverso e não tão simples. A grande maioria dos professores vivencia, ao longo de suas carreiras profissionais experiências pedagógicas específicas a sua formação e possivelmente, estes não tiveram oportunidades de atualizar e ampliar seus saberes nas outras áreas das ciências além da sua. Assim a limitação destes é inevitável, pois nem sempre conseguem integrar todas as áreas das ciências sociais, humanas e biológicas para ampliar o conhecimento, quesito fundamental e necessário para a formação integral do indivíduo.

Esperidião (2005) ao realizar pesquisa-ação para discutir junto a um grupo de professores de enfermagem sobre a incorporação da ética humanista como eixo transversal do currículo de enfermagem, também observou essa dicotomia na formação do professor. Conforme a discussão da autora, a especialidade do docente muitas vezes o distancia dos pressupostos filosóficos do curso, trazendo a ele dificuldades para lidar com situações que exigem uma postura que foca o ser humano como um todo.

De igual forma as falas dos professores nos deixam claro que eles têm domínio da matéria em si, mas parece não se preparar em lidar com as situações próprias da vida do adolescente, entre elas, a sexualidade. Assim a maioria dos profissionais ainda se mostra despreparado, como se esse assunto não fosse problema da sua governabilidade, ou seja, quando o aluno lhe traz questões que envolvem seu desenvolvimento como pessoa, não lhe cabe resolver. Isso nos mostra ainda que, enquanto educadores, temos muito a avançar e aprender com as novas tendências na educação.

Reconhecendo que para se obter o conhecimento é necessário receber informações, Morin (2001) refere que o verdadeiro conhecimento deve enfrentar a complexidade da ação educativa a partir da educação multidimensional, pois educar exige a identificação do sujeito com seu objeto, ou seja, do sujeito que ensina e que aprende, sendo este capaz de se relacionar integralmente com as pessoas.

Segundo Dellors (2001) e Morin (2001) as ações pedagógicas baseadas no holismo, tendem a considerar o indivíduo como ser humano comprometido em contribuir para a emancipação das pessoas, propiciando através da intersubjetividade a formação de um profissional capaz de se realizar pessoal e socialmente.

Isso nos mostra o quanto é importante permitir que o processo de aprendizagem faça parte do universo e das necessidades do educando para que este seja atendido em sua totalidade. Morin (2001), ainda considera que o maior desafio é fortalecer o ensino para que tenhamos uma educação de qualidade, capaz de interagir com todas as dimensões do ser humano ao mesmo tempo, atendendo suas necessidades considerando os aspectos emocional, intelectual e ético.

Dessa forma, entendemos que os professores precisam de tempo para absorver gradativamente conteúdos variados que poderão mudar suas concepções pessoais e conhecimentos formais para transformar sua prática pedagógica. Nesse encontro, especificamente, percebemos muito interesse do grupo em participar das discussões. Os professores têm muitas experiências a relatar e contribuir com a discussão, muitas histórias reais e fatos acontecidos com seus alunos além de relatos importantes de experiências em salas de aula.

Em muitas ocasiões não foi fácil para a pesquisadora organizar as falas dos participantes, pois os professores pareciam ávidos em falar sobre o assunto, o que

mostra a importância de darmos voz ao professor para pensar sobre sua práxis (FREIRE, 2000).

Este encontro foi altamente significativo e gratificante, pois mapeou aos pesquisadores o diagnóstico da situação vivenciada pelos professores que delineado junto com o objetivo da pesquisa sinalizava os caminhos que precisávamos trilhar.

No entanto, apesar do grupo nesse momento, apresentar dificuldade ao pesquisador, quando a disponibilidade em participar parecia ultrapassar a capacidade do próprio grupo em conter todas as necessidades apresentadas. Com esse exercício todo o grupo vai tomando consciência da temática e ao mesmo tempo apreendendo informações. Assim, conduzir um grupo, mesmo com a finalidade de pesquisa, exige conhecimentos, habilidades e sensibilidade, para o uso deste recurso (RIBEIRO, 1994; MUNARI; ESPERIDIÃO; MEDEIROS, 2001; MOTA; MUNARI, 2006; MOTA; MUNARI, 2006).

Para o encerramento desse encontro solicitamos aos participantes uma avaliação do processo vivido. Todos verbalizaram a satisfação de terem participado, ouvimos relatos de ter sido importante e necessário esse início de trabalho coletivo, assim como a exposição dos objetivos da nossa investigação e do projeto nacional. Dessa forma puderam ter uma melhor noção do significado e da importância de suas contribuições para o exercício do trabalho educativo a ser realizado neste colégio.

Acreditamos que neste momento foi necessária a participação e contribuição dos presentes para elucidar o trabalho educativo a ser desenvolvido. Alguns sinalizaram pesar pela ausência de colegas e disseram o quanto estavam perdendo a oportunidade de adquirir novas informações. Mencionaram que foram momentos agradáveis e inéditos os quais nunca foram oportunizados para serem

socializados anteriormente de forma coletiva e com tempo para discussão. Ainda houve depoimento relacionado a tema difícil e delicado de se trabalhar.

5.2.3 Conhecendo o grupo, seus questionamentos e suas expectativas

Visando dar continuidade a coleta dos dados, e cumprindo o agendamento com o grupo de professores, iniciamos o terceiro encontro que aconteceu dois meses depois do segundo, em função das férias escolares. Neste momento participaram dezoito professores.

Os resultados obtidos por meio do questionário aplicado no encontro anterior foram, o foco do nosso trabalho. O objetivo principal deste questionário foi conhecer o grupo de professores, através da identificação dos mesmos com a caracterização por sexo, idade, área de formação, tempo de trabalho no colégio e disciplina que ministra, assim como alguns dados conceituais sobre as questões específicas do conhecimento sobre o tema, a atuação deles em salas de aula bem como suas dificuldades no que diz respeito ao trabalho com a temática orientação sexual no ambiente escolar.

O questionário foi respondido por 28 professores, que apresentaram idade variando entre 26 e 63 anos. Do total de professores pesquisados, oito eram do sexo masculino e 20 do sexo feminino. Sobre a área de formação, houve predomínio no Curso de Letras, seguido de História e Geografia. Em relação ao tempo em que estes haviam se formado variou de cinco a 18 anos, e quanto ao tempo que trabalham no colégio variou de quatro meses a 10 anos.

Os temas apontados pelos professores para trabalharem no ambiente escolar foram: sexualidade, seguido de prevenção das DST e a gravidez não

planejada. Sobre a necessidade de conhecer se estes profissionais possuem dificuldades para assumir a responsabilidade de trabalhar a temática educação sexual, foi identificado que do total, 26 relataram se sentirem completamente despreparados tecnicamente para trabalhar com os alunos. Observamos através das respostas ao questionário ou mesmo em verbalizações que são vários os motivos que os levam a não realizar atividades, referentes à temática em questão, no ambiente escolar.

Percebemos com este dado numérico de professores despreparados para o trabalho educativo, ser extremamente importante e necessário investimentos em formação de recursos humanos com capacitação específica para estes educadores assim como manter um trabalho de educação permanente com suporte necessário ao processo de continuidade do trabalho de educação em saúde no ambiente escolar.

Em relação às respostas obtidas quanto à dificuldade em trabalhar a temática variou desde o despreparo técnico com falta de informações recentes e atualizadas assim como o tabu e mesmo a vergonha em expor tais assuntos, além da falta de recursos didáticos disponíveis no colégio, os quais acreditam favorecer uma melhor socialização. O estudo de Dotta et al. (2000) mostra o quanto é relevante para os alunos adolescentes o acesso às informações corretas sobre sua sexualidade e a orientação sexual, devendo ser abordada de forma natural e sem preconceitos pelos educadores. E ainda as possíveis impressões negativas que ainda ficaram de seus passados possam ser superadas e desmistificadas para êxito do trabalho educativo.

Os dados obtidos através do questionário geraram um artigo que foi encaminhado à Revista Eletrônica de Enfermagem (ANEXO D), que relata e discute

detalhadamente a situação do grupo de professores diante desta temática.

Considerando o ambiente escolar como o principal convívio de socialização entre educadores e alunos, principalmente adolescentes, o trabalho com a temática orientação sexual se torna uma grande estratégia para a prevenção de doenças e problemas relacionados à sexualidade. Por isso o professor se torna referência para os alunos no quesito informação.

Visando socializar com o grupo de professores sobre as respostas obtidas no questionário aplicado, fizemos um exercício de devolução destas respostas e questionamos se eles tinham alguma idéia das possíveis estratégias para trabalhar as questões ou dificuldades colocadas por eles e também como sentirão subsidiados para esta tarefa.

A maioria do grupo expôs que ainda, neste momento, não tinha bem claro sobre a forma que irão trabalhar a temática no ambiente escolar e que precisariam de mais tempo para reflexão. Houve um depoimento de que precisariam avançar mais e que as atividades a serem desenvolvidas nos encontros subseqüentes poderiam subsidiá-los para esta tarefa.

Neste momento, um professor suscitou uma dúvida sobre o verdadeiro papel dos educadores e da escola em trabalhar a sexualidade dos alunos:

“Eu me pergunto agora, qual seria mesmo o nosso papel? Nós educadores fazemos a educação sexual ou a orientação sexual? e os pais, como seria a participação deles?” (P2)

Na seqüência, vários professores passaram a discutir sobre essas atribuições, a quem caberia o papel de orientar, seria dos professores na escola, ou dos pais, e de que forma participariam? Este momento gerou um debate caloroso e envolvente, pois os professores passaram algum tempo e essas discussões foram se ampliando, a ponto de ser necessária nossa intervenção sinalizando que o grupo

teria um momento só para discutir esse ponto específico. Estes conceitos foram inicialmente discutidos no encontro anterior e novamente suscitou dúvidas e questionamentos a respeito das atribuições tanto das instituições de ensino quanto da família em trabalhar a educação sexual e a orientação sexual.

O grupo então acatou a nossa intervenção com o compromisso de que o assunto teria um lugar especial para discussão nesse trabalho e retornando com as respostas do questionário, o grupo mostrou que se reconhecia nas respostas apresentadas, sendo que alguns professores sugeriram e justificaram outros temas que gostariam de trabalhar, como nos depoimentos a seguir.

“...gostaria de ouvir sobre os dados das doenças de transmissão sexual, incluindo o HIV e o HPV”. (P3)

“...gostaria de entender, o porquê hoje, os profissionais de saúde preocuparem mais com a aids e não tanto com as hepatites...”. (P5)

“Devemos conhecer a realidade dos alunos, aproximar deles para ganhar a confiança e trabalhar a quebra de tabus, e não impor regras, isso só prejudica..., por isso precisamos de assuntos relacionados à questão cultural e social”. (P11)

Nesse exercício de devolver as respostas aos participantes reforçamos que a utilização da estratégia da pesquisa-ação se faz muito necessária para este momento em que a devolução das respostas, segundo Thiollent (1998), caracteriza-se mesmo como um vai e vem. As certificações das respostas são sempre necessárias para checagem quanto à sua veracidade, pertinência ao pensamento do grupo ou apontar alguma necessidade específica que possa dar novo direcionamento às atividades.

Acreditamos que, com esse exemplo no modo de lidar com as necessidades do grupo, mostramos como o educador precisa considerar o movimento do grupo de alunos e ampliamos a percepção de que ensinar não é apenas repassar os conteúdos ou cumprir planos disciplinares obrigatórios, mas

criar possibilidades para que o aluno contribua também para a produção de seu conhecimento.

Nessa perspectiva, Freire (1996) defende que o bom educador é aquele que entra numa sala de aula e oportuniza a participação de seus alunos, se mostrando disposto, dando abertura para as indagações, curiosidades e perguntas, para desenvolvê-los como agentes críticos diante das questões surgidas. Completa ainda que ensinar não é apenas transferir conhecimentos, e sim oportunizar momentos de diálogos para a participação e construção.

Após esse momento, apresentamos novamente os objetivos da pesquisa com a finalidade de mostrar ao grupo que, obtendo a compreensão dos professores sobre a temática orientação sexual e prevenção das DST e gravidez não planejada tínhamos alcançado o primeiro objetivo deste estudo.

Ao encerrarmos este encontro, solicitamos aos participantes uma avaliação, momento em que praticamente todos verbalizaram e manifestaram sua satisfação pela oportunidade de aprendizado, ressaltando a riqueza das reflexões importantes e necessárias para esta fase. Na percepção dos professores nesse encontro, além de socializar as informações, conheceram as opiniões dos colegas através de suas respostas, pelas quais puderam re-avaliar suas posturas pessoais e profissionais sobre a temática.

5.2.4 Discutindo os conceitos: Orientação Sexual e Educação Sexual

Seguindo o cronograma e cumprindo com o agendamento das reuniões com o grupo de professores para darmos continuidade ao processo de coleta dos dados, iniciamos o quarto encontro que aconteceu um mês depois. Neste encontro

participaram dezesseis professores, sendo que todos estavam presentes também no encontro anterior.

Objetivando aquecer o grupo para as discussões das atividades propostas para este dia, realizamos um exercício de exposição de alguns “flashes” para relembrar sobre os acontecimentos no encontro passado. Algumas falas ilustram as impressões que ficaram marcadas:

“Está sendo muito bom discutirmos isso, pois nós ainda temos dificuldades em lidar com assuntos delicados que envolvem a parte da sexualidade e acho que os pais também tem. Acho que os pais fazem questão de preservar os tabus, mas na verdade eles não querem falar por desconhecer, não é fácil para ninguém....”. (P10)

“Devemos discutir sobre orientação sexual desde cedo quando estão ainda jovens para saberem de tudo, saber sobre prevenção, gravidez precoce, nós devemos discutir para prevenir, os alunos até sabem das coisas, mas o adolescente por natureza tem pressa....”. (P12)

“Muitos professores ainda se sentem inibidos em tocar nesses assuntos em salas de aula, nós professores precisamos de mais informações para nos sentirmos seguros, precisamos de materiais didáticos para nos apoiar....”. (P3)

Estas falas reforçam a grande preocupação por parte dos professores em relação às diversas dificuldades encontradas no cotidiano escolar, para o trabalho no campo da sexualidade em todas as suas dimensões. Nesse sentido é fundamental termos clareza de que as experiências educativas relativas a sexualidade, sejam quais forem sua abrangência, possivelmente não são suficientes para atender todas as dimensões pessoais e culturais dos alunos. É essencial lembrarmos que a educação das pessoas também decorre de experiências vividas junto à família e outros grupos de convivência, ao longo de toda a vida, e a sexualidade é algo que não se limita ao ensino formal do universo educacional, considerando apenas o aspecto biológico, como sempre foi. As dimensões sociais, afetivas e éticas do indivíduo com o intuito de prepará-lo para que exerça sua

cidadania também devem ser consideradas (BRASIL, 2007d).

A complexidade da temática foi foco de outras duas falas como vemos a seguir:

“Tema complexo, intrincado, devemos envolver os alunos para até nos ajudar sobre a forma de como trabalhar isso com eles nas salas de aula. Devemos conhecer a realidade deles primeiro....”. (P7)

“Acho que a gente romantiza o assunto, eu trabalho de forma clara e não sinto dificuldade, esta é minha área mesmo. Eu trabalho com imagens, com dados reais. Isso é o real, quando a gente mostra figuras, fotos de pessoas com alguma doença de transmissão sexual ou ainda figuras chocantes eu percebo que os alunos ficam interessados, contam histórias reais e até participam mais, e isso faz a diferença nas aulas”. (P3)

Pensando numa educação emancipatória e transformadora é que destacamos estes depoimentos para ilustrar o papel dos educadores quanto à permissão da participação dos envolvidos no processo de aprendizado. Acreditamos que a postura desses professores possa favorecer o aprendizado significativo, pois os envolvidos aprendem mais e participam de suas transformações além de colaborar com a sociedade em que fazem parte.

Segundo Freire (1996), o educando é considerado também como sujeito do processo de aquisição de conhecimentos que tem sentimentos, aspirações e desejos. Nesse sentido é necessário que os educadores contem sempre com a participação do educando desde o início da sua formação, pois possibilita o exercício de construção permitindo que estes se assumam como sujeito na produção do seu próprio saber, criando possibilidades para um resultado positivo no seu aprendizado.

Nessa mesma perspectiva é fundamental que o aluno saiba que ensinar não é apenas transferir ou receber conhecimentos, mas que se perceba como sujeito ativo no processo de ensino-aprendizagem (FREIRE, 2000).

Este foi um momento bastante rico em que a participação do grupo foi integral e com movimento de grande discussão, porém de forma não muito objetiva, pois houve momentos polêmicos, o que exigiu da pesquisadora a pontuação de alguns aspectos para concluir essa etapa para a introdução do tema selecionado por eles para aquele dia.

O tema em discussão era o conceito de orientação e educação sexual, iniciado por momentos de reflexão e de questionamentos no sentido de extrair dos participantes o conceito formal e a diferenciação entre os dois termos. Fizemos uma rodada de discussão, inicialmente verbal sobre estes, onde levantamos com o grupo as possíveis diferenças entre um e outro ou se para eles estes termos tem os mesmos significados. Neste momento também continuamos a questionar, qual seria o papel da escola, seria de orientar ou educar? Vale lembrar que estas preocupações foram levantadas por alguns participantes no encontro anterior.

A princípio foi solicitado aos professores para apontar a diferenciação entre orientação sexual e educação sexual. A composição feita pelo grupo resultou nos seguintes conceitos:

“Orientação sexual: significa ensinar; não é obrigatório; pessoa aceita se quiser; não é formal; processo mais rápido; direcionamento das informações”.

“Educação sexual: quem educa é a família e a sociedade através do convívio; depende da abertura do aluno; tema mais profundo; normas; está relacionado à família; processo mais longo”.

Podemos observar que os conceitos exemplificados pelos professores não estão muito aquém dos conceitos formais que apresentaremos a seguir.

Para discutir o posicionamento do grupo trabalhamos a diferenciação entre os conceitos, objetivando a ampliação desse conhecimento. Nessa ocasião, levamos material para exposição dialogada com auxílio do retroprojektor.

Assim, partimos inicialmente do significado dos termos educar e orientar que segundo Freire (1997), educar significa realizar aperfeiçoamento das faculdades intelectuais, morais e físicas do ser humano, significa também disciplinamento, instrução e ensino que se desenvolve pelo exercício. Orientar significa guiar, dirigir ou até mesmo impor regras.

Na seqüência articulamos com o conceito de sexualidade defendido pelo Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual (SUPLICY et al., 2004) que, além do conceito em si, reforça que “desenvolver sexualidade é como desenvolver inteligência”, pois esta deve ser construída a partir das possibilidades individuais e da interação com o meio social e a cultura, considerando os laços afetivos e experiências positivas primeiramente com os pais depois a família, amigos e a sociedade.

Assim, partindo do material elaborado pelo grupo, trabalhamos o conceito de educação sexual também preconizado por Suplicy et al. (2004), cujo significado envolve o desenvolvimento de um processo informal de aprendizado sobre sexualidade ao longo da vida, sob a responsabilidade essencial da família, mas que sofre interferências de questões externas como religiosas, da comunidade, dos livros e ainda da mídia.

Reforçamos essa idéia com base na contribuição de Jardim e Brêtas (2006) que consideram a educação sexual como de competência prioritária da família, sendo a referência na formação da identidade e gênero do filho além de instruir para o desenvolvimento saudável da sexualidade. Segundo os autores, para tanto é necessário estabelecer laços fortes de confiança e afetividade na família, pois a tarefa de educar é diária e pede momentos de diálogos, amizade e respeito.

Em se tratando de educação sexual, Suplicy et al. (2004) ainda refere que

há uma transferência para a escola de uma responsabilidade que muitos pais não se dispõem em assumir. Na perspectiva dos autores, quem educa são os pais, cabendo a escola o exercício de informar ou de orientar. Para Egypto (2003) a escola e a família têm papéis diferentes, onde uma não substitui a outra, mas se complementam.

Ao problematizarmos o conceito orientação sexual discutimos que esse é um processo de intervenção sistemática na área da sexualidade, realizada principalmente em escolas. Nele são fornecidas informações gerais sobre sexualidade com reflexões e questionamentos sobre conceitos, tabus, crenças, valores e respeito sobre relacionamentos e comportamentos sexuais. Esse processo abrange ainda todo o desenvolvimento sexual compreendido como a saúde reprodutiva, as relações interpessoais, a afetividade, a imagem corporal, a auto-estima, e as relações de gênero. Enfoca as dimensões fisiológicas, psicológicas e espirituais da sexualidade, através do desenvolvimento das áreas cognitiva, afetiva, e comportamental visando à tomada responsável de decisões (FERRIANI, 1992b; FERRIANI; GOMES, 1997; SUPLICY et al., 2004).

Após a discussão dos conceitos formais, os professores pareciam mais desinibidos e mais seguros para se manifestarem sobre a temática. Percebemos que a estratégia utilizada partindo do princípio do conhecimento deles próprios sobre os conceitos trabalhados, facilitou o processo de continuidade, onde fizemos a apresentação dos termos de forma tranqüila e segura gerando, na nossa análise, resultados positivos e significativos sobre os conhecimentos adquiridos.

Para Freire (1993), a educação problematizadora tem caráter autenticamente reflexivo e implica num constante ato de desvelamento da realidade. Quanto mais os educandos problematizam como seres no mundo e com o mundo,

tanto mais se sentirão desafiados. Quanto mais desafiados, mais obrigados a responder ao desafio e provoca o movimento de desalienação.

Ao encerrarmos as atividades propostas para este encontro, solicitamos que os presentes se expressassem como perceberam a estratégia de trabalharmos os conceitos orientação sexual e educação sexual. O relato de todos foi positivo e oportuno, pois serviu para que o grupo de professores identificasse o seu verdadeiro papel de educador social além de reconhecer que a escola como instituição com um grande potencial e recursos para este trabalho, devendo desenvolver ações com eficiência e seriedade, além de apontar a família como uma grande parceira nesta tarefa de educar.

“Para mim este momento foi muito importante e aliviador pois ficou claro depois das apresentações que nós professores temos nosso papel, que agora eu sei que é de orientar e a família tem que participar fazendo sua parte também que é educar da maneira que convivem...”. (p15)

Consideramos que para este momento foi necessário fazermos conjuntamente esta diferenciação com o intuito de mostrar para o grupo de professores o quanto o trabalho coletivo e democrático tem valor, pois as idéias vão surgindo de forma espontânea e natural. Nesse sentido, o ambiente proporciona o desenvolvimento de idéias que se processam e são geradas pelo e no próprio grupo (FREIRE, 1993).

Percebemos que o uso dessa metodologia favoreceu a construção e ampliação dos conhecimentos e das informações prévias sobre estes conceitos, levando a uma participação ativa que facilitou a compreensão e fortaleceu os professores para adotarem e utilizarem os termos corretos em suas linguagens e práticas pedagógicas.

Após muitas discussões o grupo concluiu que cabe, portanto, a escola fazer a orientação sexual e a educação sexual ficar sob a responsabilidade dos pais e ou responsáveis, mas reforçou a importância de considerar que estes trabalhos se complementam, tal como defendem CANO e FERRIANI (2000); FERRIANI e GOMES (1997).

5.2.5 Refletindo sobre a sexualidade na adolescência e orientação sexual

O quinto encontro teve início com a participação de treze professores. Programamos uma discussão conjunta sobre a sexualidade humana, atendendo a solicitação do próprio grupo de professores, em momentos anteriores. O número de participantes nos causou surpresa pois esperávamos um quantitativo bem maior. Talvez este número justifica-se pela própria temática que ainda é considerada muito delicada e difícil de ser trabalhada. Considerando que nem todos se sintam a vontade e com facilidade de se expressar e muito menos no ambiente coletivo. Isso nos faz pensar que talvez seja mesmo um assunto ainda não bem resolvido internamente.

Inicialmente, como aquecimento a pesquisadora solicitou a cada membro do grupo que expressasse com apenas uma palavra o que vem a ser sexualidade. Por sugestão de um professor, com a aceitação do restante do grupo, as expressões foram organizadas a partir dos aspectos, **social, biológico e cultural**, que envolvem a temática.

Seguem os conceitos formulados pelos participantes:

- Social: *“sentimentos, bem-estar, realização, comportamento, família”*.
- Biológico: *“prazer, natureza, sexo, alterações hormonais”*.

- Cultural: *“responsabilidade, vida, desinformação, valores”*.

Após o levantamento da concepção dos professores, como estratégia de despertá-los sobre a temática a ser trabalhada, disponibilizamos cinco artigos científicos diferentes sobre os temas, sexualidade na adolescência e orientação sexual. Os participantes foram subdivididos em três grupos e montados aleatoriamente. Cada grupo recebeu um artigo de cada tema.

A partir deste momento os professores tiveram um tempo para a leitura dos textos, que foram trabalhados em pequenos grupos, e na seqüência foi solicitada a abertura de um círculo para a discussão.

As reflexões desencadeadas neste momento foram agrupadas de acordo com o eixo temático dos artigos oferecidos, de forma que, giraram sobre a concepção da sexualidade e da orientação sexual.

a) Construindo a concepção de Sexualidade:

“Nós vimos no artigo que a sexualidade para nós se define como o envolvimento dos aspectos biológicos e sociais do individuo, o qual recebe forte interferência e influência do meio sócio-cultural. Os alunos estão saindo estimulados pela televisão, filmes, etc e agora também pela internet, e acabam tendo tudo mais precoce mesmo, né!, e o pior é que não sabem lidar com isso”. (Grupo 1)

“Nós achamos que a sexualidade vai acontecendo de forma natural mesmo, de acordo com o texto é um pouco do biológico e também do psicológico, mas a gente precisa saber até como falar sobre as questões que trata da sexualidade, como os valores, mitos e as dúvidas para ajudar nossos alunos...”. (Grupo 2)

“A sexualidade é o resultado de muitas transformações, a gente acha que está relacionada só com exploração e a beleza do corpo físico, com a parte de erotismo e com a reprodução, mas de acordo com o texto e a gente concorda que a sexualidade vai além destas questões, está relacionado principalmente ao comportamento dos jovens...”. (Grupo 3)

Após alguns momentos de discussões sobre os artigos, preparamos uma exposição, com recurso do retroprojeter, trazendo alguns conceitos formais sobre sexualidade sinalizando que esta é algo que vai sendo construída basicamente a

partir das primeiras experiências no âmbito familiar. A sexualidade vai acontecendo a partir das relações afetivas do bebê com os pais ou com quem cuida dele. Segue a partir das relações com a família depois com os amigos e sofre as influências do meio cultural. Ou seja a forma da mãe tocar o filho, aconchegá-lo, e acolhê-lo psicologicamente, segundo Suplicy et al. (2004) será a base para o desenvolvimento da resposta erótica e determinar a capacidade de construir vínculos amorosos no futuro. Apontamos também que a sexualidade é algo que se constrói e que se aprende ao longo da vida e ainda conforme a mesma autora, faz parte do desenvolvimento da personalidade, sendo um processo capaz de interferir no desempenho escolar do indivíduo, desde a fase de alfabetização até a fase adulta.

A partir dessa conceituação, houve uma discussão bastante fervorosa de todo o grupo sobre o tema sexualidade, a qual é considerado ainda bastante polêmico e de grande interesse para a maioria dos educadores.

Desde os tempos mais remotos, a sexualidade humana vem sendo apresentada no cotidiano das pessoas de forma ainda oculta e velada, devido a vários fatores comportamentais como o desconhecimento, a vergonha, o preconceito e os tabus existentes na nossa sociedade ainda arraigados na cultura dos povos, de maneira geral.

Hoje, mais do que em outros tempos a instituição escolar é considerada como de fundamental importância para a formação do indivíduo na sua totalidade, tem a função essencial de acolher o aluno assim como investir na capacitação de seus educadores para cumprir com a tarefa de bem orientá-lo. As pessoas de maneira geral, principalmente adolescência e adultos jovens têm apresentado dificuldades e despreparo para lidar com assuntos relacionados à sexualidade, mesmo considerando que deveriam estar mais preocupados com sua saúde,

aspecto importante, considerando que estamos vivendo em tempos de aids (MIRANDA et al., 2000; CANO e FERRIANI, 2000; NOCCIOLI et al., 1994).

A produção dos professores no que diz respeito ao conceito de orientação sexual pode ser observada nos trechos a seguir:

b) Orientação sexual:

“No texto que trabalhamos pudemos perceber a diferença clara entre educação sexual e orientação sexual. A educação é uma coisa mais formal, se encontra nos livros, e está presente no cotidiano dos alunos com a atenção dos pais, já à orientação sexual tem uma meta, um objetivo, que é o esclarecimento, a informação”. (Grupo 1)

“Orientação sexual para nós do grupo significa um processo de intervenção, o qual, fornece informações sobre sexualidade, mudanças corporais, identidade, posturas, relações interpessoais e auto estima...”

O tipo de educação que os pais dão na infância irá refletir diretamente no comportamento dos filhos quando forem jovens. O jeito de educar, o tipo de brinquedo que as crianças ganham, se para menino ou menina, tudo isso faz a diferença e contribui para a afirmação da identidade”. (Grupo 2)

“O grupo entendeu que orientação sexual é um processo de intervenção que fornece informações para o aluno, mas o professor precisa conhecer e trabalhar sua própria sexualidade para ajudar os alunos”.

“Esses temas, educação e orientação sexual são ainda hoje muito reprimidos pela nossa sociedade, os pais estão preocupados com este assunto, deixando apenas para a escola a tarefa do repasse de informações e orientações”. (Grupo 3)

A discussão gerada pela estratégia sinalizou que o grupo despertou-se e possivelmente conseguiu entender e absorver as várias informações contidas nos textos. Essa impressão foi evidenciada no momento de socialização das informações quando discutidas no grande grupo. Percebemos que as leituras contribuíram para o esclarecimento de dúvidas conceituais que por ventura ainda estavam presentes com os professores. Ainda, esse exercício permitiu a reflexão e a discussão interna entre os participantes o que certamente poderá contribuir para o

fortalecimento dos conceitos já trabalhados anteriormente, além do enriquecimento da linguagem pedagógica subsidiando-os a um trabalho de melhor qualidade no ambiente escolar.

A possibilidade de estabelecimento do diálogo entre o grupo e o pesquisador parece ter ampliado o campo de conhecimento dos mesmos, reforçando a tese de que o conhecimento não é resultado advindo apenas da ciência. Para Alvin e Ferreira (2007) baseado nas idéias de Freire, o conhecimento possibilita a transformação de saberes oriundos de experiências e da vivência e será significativa para suas práticas pedagógicas por tempo indeterminado.

Encerrando este momento com os professores, oportunizamos mais uma vez uma avaliação de todo o processo vivido neste encontro, movimento que também nos indicava a direção para os próximos encontros. A participação do grupo e sua disposição para as atividades do encontro, de um modo geral, sinalizavam que o processo de coleta de dados estava caminhando à contento, pois este nos transmitia a sensação de segurança e tranquilidade diante das tarefas e satisfação no processo de aprendizado.

As avaliações verbais confirmam nossa percepção:

“Para mim este momento foi muito importante e produtivo, pois eu percebo, não sei se alguém mais conseguiu perceber, que estamos cada vez mais avançando e as informações estão chegando e nos dando mais segurança e aumentando nosso conhecimento nestes assuntos para depois a gente trabalhar com os nossos alunos”. (P6)

“Com estes artigos ficou bem mais claro a questão da sexualidade e da orientação sexual que a gente já vem trabalhando há um tempinho. Hoje foi muito bom, pois saio daqui com mais teoria para trabalhar com os alunos. Aliás eu sempre saio destes encontros diferente de como entrei”. (P1)

“Eu estava tendo uma visão um pouco diferente sobre sexualidade, embora a gente já tenha trabalhado estes assuntos antes, mas depois de ler este artigo e conhecer os outros também, muitos conceitos clarearam para mim”. (P9)

“As experiências relatadas nos artigos mostraram para nós que outras experiências de regiões diferentes no nosso país são parecidas e os educadores também vivenciam os mesmos problemas e dificuldades em trabalhar estes assuntos. Eu achei interessante um artigo que mostrou a importância do envolvimento dos alunos nas práticas lúdicas, o que pode ajudar e garantir uma maior presença e participação nas atividades”. (P5)

“Hoje foi muito produtivo, saio daqui com muitas informações novas”. (P13)

“Hoje foi bem satisfatório, pois fez a gente refletir sobre a questão de como falar desses assuntos com os jovens, e descobri que a proibição prejudica o processo natural da sexualidade, o que pode até causar um bloqueio psicológico na fase adulta jovem, se não foi bem trabalhada nas fases anteriores”. (P12)

Esses relatos nos sinalizam que a estratégia da problematização é vista como fundamental quando se trabalha no coletivo, onde os envolvidos participam com liberdade de expressão e socializam suas experiências. Na concepção de Berbel (2006) a metodologia da problematização consiste numa alternativa possível e apropriada para atender as exigências do mundo contemporâneo que hoje mais do que em outros tempos, faz-se necessária uma metodologia inovadora que possibilite a formação de um profissional crítico, com capacidade de identificar os determinantes sociais para guiar sua prática.

Dessa forma pensamos que a estratégia da pesquisa-ação foi adequada, pois ao possibilitar um ir e vir em todos os momentos do processo da investigação, permite que pesquisador e grupo participante caminhem conforme suas necessidades e interesses.

5.2.6 Problematizando as DST/HIV/Aids

De acordo com a nossa programação e atendendo as sugestões dos participantes, que nos últimos encontros sinalizaram a necessidade de mais

informações a respeito da problemática que envolve a prevenção das doenças de transmissão sexual, assim como o HIV e a aids, atentamos, de forma cuidadosa para a escolha de um profissional com a experiência e perfil condizente com a necessidade dos professores. Tínhamos a clareza que este momento proporcionaria ao grupo de professores mais informações seguidas de reflexão com nível de profundidade superior esperadas para este momento.

Acreditávamos que os resultados desta investigação certamente iriam proporcionar segurança para o professor na medida em que seriam oportunizados conhecimentos mais refinados sobre a temática, os quais seguramente são valiosos para sua prática pedagógica, além de contribuir para o exercício de inclusão do tema no PPP da instituição. Vale lembrar que esta atividade foi escolhida amparada nas citações de Thiollent (1998), o qual sugere que estas atividades são necessárias e complementares no sentido de mostrar, através dos dados teóricos, informações importantes para apreensão do grupo visando mudanças numa realidade.

O objetivo desta atividade foi de informar, esclarecer e ampliar o conhecimento dos professores acerca das temáticas, educação sexual e prevenção de DST/HIV e aids. Esta estratégia pode fortalecer o grupo, para que esse seja capaz de propor soluções ou indicar caminhos, de modo mais consciente e assertivo em suas ações educativas. Vale ressaltar que nossa convidada é especialista no assunto de doenças infecciosas, além de Doutora e Pesquisadora no NUCLAIDS/FEN/UFG.

No sentido de situar o convidado sobre todo o processo já vivido pelo grupo, repassamos previamente várias informações desde a maneira com que estávamos conduzindo a pesquisa e as necessidades do grupo manifestadas até o presente momento.

Participaram deste sexto encontro quatorze professores, os quais já tinham conhecimento da programação prevista para este período. Todo o grupo demonstrou muita expectativa e satisfação em receber no colégio um profissional com tamanha experiência, essa satisfação foi registrada, principalmente, pelas manifestações e participações ocorridas durante todo o período de exposição da convidada.

O trabalho foi desenvolvido por meio de exposição oral dialogada, utilizando como recurso o data show. A convidada ministrou a palestra sobre “Prevenção e epidemiologia das DST/HIV/Aids no Brasil e no mundo” enfocando, principalmente, os aspectos epidemiológicos, a prevenção e o tratamento das principais doenças de transmissão sexual, com foco no HIV e na aids.

Como conteúdo inerente a este mesmo enfoque, nesse mesmo momento foi trabalhada a questão das diferentes formas de preconceito e marginalização ainda muito presentes na nossa sociedade, pois pessoas portadoras de alguma patologia adquirida através de contatos sexuais, em especial pelo HIV, são discriminadas e marginalizadas pela sociedade, e isso provoca repercussões muito negativas para o indivíduo comprometendo assim sua qualidade de vida, provocando uma progressiva “morte social” (Brasil 2006a).

Diante disso, possibilitamos algumas reflexões no sentido de oferecer oportunidade para o aprendizado ou mesmo atualizar informações ainda presentes no senso comum dos professores, por meio de metodologia inovadora, atualizada e participativa. Isso é fundamental em tempos de aparecimento e re-aparecimento de várias doenças, ainda mais se tratando da aids.

Portanto, mais uma vez referimos à pedagogia participativa de Paulo Freire, considerada muito pertinente para este tipo de abordagem, a qual se

fundamenta na problematização e na dialogicidade, mantendo uma constante associação da teoria com a prática utilizando a reflexão crítica e participativa como caminhos rumo a mudanças em uma realidade (FREIRE, 2000).

Partindo para os momentos finais das atividades previstas neste encontro foi solicitada uma avaliação dos participantes os quais fizeram suas exposições de maneira informal manifestando coletivamente a satisfação de receberem conteúdos tão importantes e necessários para sua prática como educadores. Toda a avaliação foi positiva, tanto da exposição quanto dos conteúdos trabalhados, momentos em que mencionaram a riqueza das informações apresentadas com dados bem atualizados.

É esperado que os resultados desta atividade possam também subsidiar o grupo de professores e contribuir para o processo de implantação no colégio, do projeto nacional Saúde e Prevenção nas Escolas (Brasil, 2006a), além de atender as propostas de trabalhar a temática sexualidade como tema transversal conforme preconiza o PCN (BRASIL, 1998a).

5.2.7 Trabalhando a capacitação dos professores na prevenção das DST, visando a saúde sexual e reprodutiva dos alunos

Dando continuidade processo de coleta dos dados, iniciamos o sétimo encontro com a participação de dezoito professores. Neste encontro o foco era trabalhar a saúde sexual e saúde reprodutiva dos alunos.

Para o momento de aquecimento, programamos uma estratégia participativa e ao mesmo tempo reflexiva das discussões ocorridas no encontro anterior. Os participantes socializaram suas experiências com relatos das situações

reais apresentadas pelos alunos sobre as questões e problemas relacionados à sexualidade, como homossexualismo, gravidez precoce, aborto, casos de alunos adolescentes em situação de prostituição entre outros.

Para este encontro fizemos uma programação bastante dinâmica, pois considerávamos que a participação efetiva dos professores neste tipo de atividade seria a melhor opção de trabalhar as áreas temáticas que priorizamos para o momento.

Considerando o grande conjunto de conhecimentos que trabalharíamos nesse dia, dividimos as atividades em dois momentos, sendo que no primeiro realizamos uma oficina interativa com todo grupo, originando em três pequenos subgrupos, caracterizados como grupo 1 (G1); grupo 2 (G2) e grupo 3 (G3), os quais foram formados aleatoriamente. Neste momento trabalhamos a temática “gênero e sexualidade” e no segundo, “prevenção de doenças de transmissão sexual”, “saúde sexual” e “saúde reprodutiva”. Ambos os temas foram explorados por meio de oficinas cujo modelo encontra-se no APÊNDICE C.

Para o primeiro tema disponibilizamos aos participantes dos subgrupos o mesmo texto didático, chamado *Relações de Gênero*, referido nas diretrizes do projeto nacional *Saúde e Prevenção nas Escolas* (BRASIL, 2005b). A estratégia de utilizar o mesmo texto de leitura foi interessante, pois para aquele momento tínhamos a intenção de compartilhar as opiniões dos professores a respeito de um mesmo enfoque. Após a leitura, os participantes fizeram suas exposições de acordo com a concepção de cada grupo, considerando a primeira temática que foi gênero e sexualidade.

A síntese de cada grupo pode ser analisada a seguir:

“A escola repassa as informações, mas não sabe compartilhar a responsabilidade com os pais e menos ainda com os alunos; os alunos ainda são muito imaturos e não são capazes de resolver situações que envolvem sua própria sexualidade; os alunos precisam muito da ajuda dos professores pois quando tem algum problema somos nós que os ouvimos e damos o apoio que precisam e não os pais, aliás eles escondem dos pais...”. (G1)

“As diferenças entre o homem e a mulher ainda estão muito presente na nossa sociedade, pois os homens se sentem muito superiores às mulheres em tudo, ainda têm mais prestígio no trabalho e na vida social...”. (G2)

“As influências estabelecidas no modelo de sociedade organizada no Brasil, são de origem Européia de modelo patriarcal. O homem desde a infância aprende que o poder é dele; nós sabemos que a questão é mais cultural que biológica pois não nascemos prontos, nos tornamos a partir das relações que estabelecemos influenciada pelo meio social...”. (G3)

Considerando que todos leram o mesmo material percebemos a riqueza das análises, que tanto a temática sobre gênero quanto à sexualidade foram apontadas com enfoques diferenciados, o que possivelmente foi influenciado pelo processo de aprendizado apreendido ao longo dos encontros, assim como as opiniões variadas dos professores pertencentes a áreas diferentes. As análises foram feitas e conforme os relatos, sobressaíram os aspectos da responsabilização das instituições de ensino e dos pais em trabalhar a sexualidade que permeou o processo histórico do trabalho educativo sobre a temática, exposto pelo grupo 1. O grupo 2 apontou em sua análise questões referentes à relação de gênero com destaque a diferença de poder do homem e da mulher e o papel social que desempenham na sociedade. Já o grupo 3 expôs sobre a questão política da diferença de gênero e também sobre o poder do sexo masculino sobre o feminino constatando a realidade cultural que ainda vivemos.

Pigozzi (2005) comenta que até poucas décadas, o modo de viver dos homens e das mulheres era determinado exclusivamente por suas características

biológicas e que o modo de pensar e agir era muito diferenciado para ambos os sexos.

Na atualidade, as relações de gênero não se apresentam da mesma forma. Sempre existiram as diferenças sociais influenciadas pelos costumes, leis e religiões a que o indivíduo pertence. Nessa perspectiva gênero é apontado como uma ferramenta para a diferenciação dos seres no aspecto biológico como macho e fêmea, mas também do social como homem e mulher, reconhecendo as dimensões sociais e culturais os quais estes estão inseridos (BRASIL, 2006b).

Na concepção de Louro et al. (2005), o conceito de gênero deve sobrepor as questões comportamentais, devendo ser considerado como um instrumento teórico e político de desmistificar as desigualdades sociais, ainda muito presente na nossa realidade.

Avançando nas discussões o aspecto relacionado à gênero foi ficando cada vez mais evidenciado de forma que o grupo de professores, já neste momento demonstra sinais de saturação em relação a este tema específico e surge, de forma espontânea, a verbalização sobre a vontade dos participantes em trabalhar as atividades programadas para o segundo o momento seguinte.

No segundo momento oportunizamos a participação de todos e de forma bastante dinâmica, sendo solicitado que fossem novamente subdivididos em três pequenos grupos. Os pequenos grupos foram assessorados por auxiliares da pesquisa com os quais discutiram, manusearam e esclareceram suas dúvidas sobre as diferentes formas de prevenção de gravidez e DST.

Cada subgrupo foi acompanhado e coordenado por um auxiliar de pesquisa e disponibilizado diversos materiais educativos como mini álbuns de figuras demonstrativas sobre as principais DST, quadros demonstrativos dos aparelhos

reprodutores masculino e feminino, próteses masculina e feminina além dos métodos contraceptivos.

Nomeamos e separamos os participantes em grupos 1, 2 e 3, para facilitar o trabalho de assessoria e manuseio dos diferentes métodos contraceptivos. Para o grupo 1 foi disponibilizado e apresentado os métodos cirúrgico e hormonal, além de materiais educativos. No grupo 2 disponibilizamos para o conhecimento de todos o método de emergência e foram informados sobre o método de barreira além da disponibilidade de diversos materiais educativos e também para o grupo 3 foi apresentado o dispositivo intra-uterino e informados sobre o método natural além da exposição de materiais educativos para a complementação das informações.

Após este momento que na nossa avaliação foi muito produtivo, houve uma discussão geral sobre as experiências vividas seguindo das avaliações.

Os professores avaliaram que a oficina transcorreu de forma muito tranqüila, alguns expressaram que já tinham conhecimento sobre os temas em discussão, mas que na verdade nunca tinham trabalhado com esta metodologia. Alguns conceitos foram considerados novos para eles, e estas discussões foram importantes para re-lembrarem e refletirem sobre suas vivências, sendo que ao mesmo tempo puderam participar das demonstrações e manipular os diversos materiais educativos, principalmente os métodos contraceptivos disponibilizados para esta finalidade.

A pesquisadora teve uma impressão bastante positiva do envolvimento e da participação do grupo de professores demonstrado no decorrer das atividades realizadas. Percebemos durante todo o processo de coleta dos dados, e em especial neste encontro, que o grupo se mostrou bastante integrado e com muita disposição para debater e socializar suas vivências.

Essa análise foi feita baseada no movimento que o grupo apresentou em relação as suas participações nas atividades propostas para este estudo, pois não conseguimos visualizar ou perceber nenhuma expressão de animosidade ou indisposição nos momentos vividos conjuntamente. Ao contrário, percebemos muito interesse e disposição de todo o grupo em conhecer e debater as questões trabalhadas, impressão verificada pela satisfação apresentada e expressa pelo grupo em vários encontros.

Segundo Freire (2000), para um aprendizado eficiente o educando deve fazer uma leitura crítica das questões vividas através do processo dinâmico da reflexão-ação, pois assim a educação passa a ter mais significado, certificando que houve um processo de conscientização conjunta que pode resultar numa transformação da realidade em que todos estão inseridos.

Nesse sentido, acreditamos que viabilizamos avanço na formação desses professores para lidarem com a questão da sexualidade o que para Rodrigues e Sobrinho (2007) é um dos principais fatores para a garantia da qualidade do ensino.

Sem dúvida uma boa formação profissional contribui para um ensino eficaz, pois segundo Pimenta (2005) quando o professor apropria-se de instrumentos científicos e tecnológicos eficazes apresenta capacidade de pensar e gestar soluções.

Ainda para Rodrigues e Sobrinho (2007) o professor reflexivo tem como base para sua prática pedagógica ações originadas de pensamentos conscientes que foi sendo formada de forma ativa e crítica além de autônoma.

Nesse sentido ressaltamos o trabalho de Schor (2000), considerado um marco para o ensino prático reflexivo, que menciona o conhecimento como forma de embasar a ação e vice versa. A autora destaca a reflexão na ação e a reflexão sobre

a ação como formas de conhecimento que são a base da prática profissional, fundamentais para o processo de transformação.

5.2.8 Construindo a inclusão da Orientação Sexual no Projeto Político Pedagógico do Colégio Juvenal José Pedroso

De acordo com a previsão das atividades que realizamos conjuntamente com o grupo de professores o oitavo e último encontro foi dedicado ao exercício de pensar a inclusão da orientação sexual no PPP do Colégio Estadual Juvenal José Pedroso. Neste encontro, como no anterior participaram dezoito professores.

Como última etapa de coleta de dados e na perspectiva de avaliação de todo o processo, foi programada uma atividade participativa de forma que pudéssemos analisar todo o conceito gerado a partir dos objetivos da pesquisa.

Assim, o exercício de construir o PPP nos daria a idéia do que de fato ficou importante para o grupo considerando o investimento feito ao longo do tempo decorrido no processo desta investigação.

Programamos uma atividade que viabilizava a construção coletiva de um modelo de projeto pedagógico para a instituição baseado nos conhecimentos e experiências que o grupo de professores adquiriu ao longo desse processo de coleta dos dados totalizados em oito encontros, os quais foram realizados em 9 meses de investigação.

Para este trabalho utilizamos um recurso de texto didático denominado “Saúde-Educação: uma história dessa parceria” (Brasil, 2006a, p.126), que teve como objetivos, analisar conjuntamente o modelo tradicional de saúde do escolar baseado nas experiências de integração entre os sistemas de saúde e educação e

subsidiar o grupo de professores nas discussões sobre a temática orientação sexual, considerando as experiências vividas na perspectiva de contribuir para a construção do PPP.

Projeto político pedagógico é um instrumento teórico-metodológico que visa ajudar os educadores a enfrentarem os desafios do cotidiano da instituição, de forma reflexiva, consciente, sistematizada e fundamentalmente participativa. O projeto político pedagógico tem duas dimensões, a política e a pedagógica. Política no sentido de compromisso com a sociedade e pedagógico porque possibilita a intencionalidade da escola que é a formação do cidadão participativo, responsável, criativo e crítico (BRASIL, 2006a).

Portanto é fundamental que os educadores tenham a clareza da construção do projeto político pedagógico da instituição para então programar as atividades que irão desenvolver, de acordo com a sua área de conhecimento. Todas as atividades propostas devem constar na programação do projeto da instituição as quais servirão como guia para todos os educadores trabalharem.

Após a leitura do texto, os quais foram trabalhados em pequenos grupos, fizemos uma reflexão conjunta baseada nas impressões dos participantes.

Neste momento específico, muitos integrantes sinalizaram esta estratégia como positiva, visto que esta atividade daria o suporte necessário para auxiliarem no exercício de inclusão da temática orientação sexual no PPP, como pode ser observado a seguir:

“...com esta leitura, estou lembrando que estes assuntos já estão surgindo e os alunos já estão questionando e eu já estou sentindo mais preparada para as discussões”. (P2)

“A leitura deste texto já estou preocupado de como vai ser depois... hoje você está conosco e de agora para frente, como será? teremos acompanhamento e avaliação dos nossos trabalhos, e nos próximos anos, teremos continuidade”? (P1)

“Infelizmente todas as ações no cotidiano do indivíduo, a escola é que tem que trabalhar, por exemplo, cidadania, saúde, meio ambiente, educação no trânsito etc, assim a gente não dá conta, sobrecarrega muito para o professor”. (P8)

Com esses depoimentos notamos que há preocupações por boa parte dos professores quanto à sobrecarga de trabalho posteriormente a esta investigação. O grupo levanta também questionamentos e preocupações quanto ao processo de continuidade e supervisão de suas atividades, ou seja, apontam a necessidade de uma educação permanente.

Isso requer de nós pesquisadores o desenvolvimento de ações coletivas com interação conjunta das instituições envolvidas, ou seja, do colégio pesquisado com a Universidade.

Diferentes ações já foram iniciadas durante o processo de investigação com o envolvimento e o comprometimento profissional da pesquisadora em atividades educativas de prevenção realizadas neste colégio específico, e também em outras unidades de ensino da rede estadual a convite das Secretarias de Educação e Saúde. É também interesse da pesquisadora realizar atividades coletivas futuras tanto no ensino quanto na pesquisa e extensão com a participação dos alunos do Curso de Graduação em Enfermagem da Faculdade de Enfermagem/UFG nas disciplinas da grade curricular.

Acreditamos que com algumas ações, nós docentes pesquisadores da Universidade possamos subsidiar o trabalho destes profissionais em atender às suas necessidades colaborando no exercício constante de suas práticas pedagógicas, além de fortalecer o vínculo estabelecido entre as duas instituições de ensino.

Após os esclarecimentos da pesquisadora e discussões de como iriam construir o modelo de PPP do colégio, os professores se reuniram por área de

atuação e pensaram a inclusão da temática orientação sexual no projeto. O modelo do projeto foi amplamente discutido e referendado por todos em expor as possíveis ações ou atividades a serem desenvolvidas, de forma separada, por área de conhecimento das ciências humanas, exatas e biológicas, conforme apresentamos no quadro 2.

Quadro 2: Proposta de Modelo de Projeto Político Pedagógico dos Professores do Colégio Estadual Juvenal José Pedroso. Goiânia, 2007.

Conteúdos a serem desenvolvidos	Estratégias Metodológicas	Avaliações (Sugestões para todas as áreas)
<p style="text-align: center;">Área: Humanas</p> <ul style="list-style-type: none"> - Gênero e sexualidade, valores - Cidadania, direitos e deveres - Exploração sexual; - Preconceito e tabus: - O papel das instituições: sistemas de saúde, igrejas, segurança pública, família e instituição escolar. - História Natural das DST - Diversidade Sexual, educação corporal - Violência; a mulher, criança, sexual - Uso e abuso de drogas 	<ul style="list-style-type: none"> - Textos, pesquisas, seminários, oficinas, painéis, uso de recursos áudio-visual (vídeo, data show, retroprojeto, máquina fotográfica etc), atividades culturais, palestras, mobilização: escola e família uso de transparências, textos figuras demonstrativas, divisão da sala entre meninos e meninas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Debates, escrita, oral, registros, produção de textos, auto-avaliação, mostras científicas, questionário, exposições e registros, observação, participação, pesquisa, diagnóstico situacional (intra e extra classe).
<p style="text-align: center;">Áreas: Biológicas e Exatas</p>		
<ul style="list-style-type: none"> - Gênero, prevenção - Vulnerabilidade e riscos - Gravidez, aborto - Doenças infecto-contagiosas (Aids, DST, Hepatites) por região e capitais. - Corpo Humano: anatomia, fisiologia, química hormonal Métodos contraceptivos: barreira, hormonal, cirúrgico, natural, DIU, anticoncepção de emergência - Dados epidemiológicos das DST (índices de mortalidade e morbidade) (uso de tabelas, gráficos e números). 	<ul style="list-style-type: none"> - Leitura de textos, paródias, palestras, teatros, oficinas, questionários com pais e alunos, caixa de sugestões, aulas dialogadas, mesa redonda com participação dos alunos, jogos. 	

Ressaltamos neste momento, o segundo objetivo específico da nossa investigação que era analisar o processo de tomada de consciência dos professores sobre o ensino da temática orientação sexual para a inserção no PPP da instituição. Foi possível observar que o processo se concretizava pelo movimento do grupo diante da sua tarefa de construir uma proposta de inclusão da orientação sexual no contexto do PPP que fosse de fato viável e possível para a instituição que fazem parte.

Concluída a atividade de exercício de montagem do quadro, alguns presentes já iniciaram o processo de avaliação deste momento e também de todos os encontros já vislumbrando o final do processo.

Muitos professores já se imaginavam atuando no ambiente escolar, apontando as possíveis estratégias que iriam utilizar para alcançar os objetivos de trabalhar a prevenção e a vulnerabilidade de seus alunos quanto as doenças de transmissão sexual assim como a gravidez não planejada. Seguem alguns desses depoimentos:

“Este trabalho propiciou vários encontros entre nós professores para discutirmos os temas que necessitaremos. Em todos os momentos compartilhamos informações e vivências, momentos nunca experimentamos para socializar nossas dúvidas, experiências e conhecimentos”. (P2)

“...que estes encontros sirvam de modelo para a gente fazer a programação das atividades sobre a temática orientação sexual. Podemos programar uma semana pedagógica a cada início de semestre letivo para discutir prováveis temas que podem ser comuns às áreas do conhecimento”. (P14)

“Estou preocupada com o tempo, preciso marcar datas para acontecer às reuniões/encontros entre os professores para trabalhar esta temática, agora é sistematizar e formalizar as idéias”. (P20)

“Projeto importante para a escola. Houve tempo para parar, assimilar e interagir com os colegas e pensar no processo de continuidade, de forma coletiva”. (P9)

“...o colégio foi contemplado com o seu trabalho. Houve abertura da

visão de da mente”. (P12)

“Estes encontros permitiram momentos de socialização do grupo”. (P7)

“...ainda não consigo conversar sobre esta temática com meus colegas professores e ainda acho que terei dificuldade também em trabalhar com os alunos”. (P10)

“...a nossa visão hoje é outra, foi um grande ganho para nós e para o colégio”. (P3)

“Os momentos foram de muita interação, socialização entre nós colegas, pois nunca tínhamos feito isso, reservar um momento para conversar sobre esses assuntos, para aprender, conhecer, rir, relaxar mesmo”. (P13)

“...foi uma leveza, foi uma amizade mútua, você proporcionou momentos para dialogar, conversar, e fez com que a gente pudesse ir para a sala de aula com mais tranquilidade”. (P4)

“...trabalhar com dinâmicas foi muito rico, foi mais produtivo, pois essas dinâmicas fizeram com que a gente pensasse que podemos dar aulas de forma diferente e não mais aula formal”. (P1)

“...Quero agradecer em nome de todos por você ter escolhido este colégio. O seu trabalho foi fundamental para despertar em nós educadores formas diferentes de ensinar, de pensar e o mais importante de trabalhar de forma coletiva. Ainda mais com estratégias diferenciadas, utilizando a formação de grupos para discussão, fez oficinas, trouxe convidado de fora e sobretudo falamos durante muitos meses de temas delicados, importantes e principalmente necessários para nossos alunos. Sentimos em você muita receptividade, disponibilidade e compromisso, obrigada mesmo”.(P20)

A avaliação dos professores nos possibilita refletir sobre a necessidade de se realizar um trabalho coletivo considerando todas as limitações e ou dificuldades apresentadas pelos educadores e pelas instituições de ensino.

Essas avaliações permeiam questões relativas às experiências vividas ao longo da investigação, que como referido por alguns, há uma preocupação real de todos em desenvolver ações educativas de qualidade referentes a tudo que puderam experimentar durante o processo de coleta dos dados.

Grande parte dos professores está preocupada com o processo de

continuidade das ações iniciadas a partir da nossa investigação. Ou seja, a partir deste momento deviam pensar em estratégias de continuidade como investir na qualificação profissional através de capacitações e da educação permanente para obter bons resultados na fase operacional de implementação do projeto.

5.3 Reflexões finais do processo de coleta dos dados

Pudemos perceber que durante todo o processo de coleta dos dados o grupo demonstrou interesse e disponibilidade para conhecer este trabalho, considerado por eles próprios como “algo novo” e que nunca tinha sido disponibilizado um tempo para fazerem discussões coletivas sobre conteúdos comuns a todas as áreas do conhecimento.

Em todos os encontros contamos com a participação da maioria dos professores os quais relataram uma vez ou outra que não perderiam nenhuma atividade, pois os resultados iam sendo construídos ao longo do processo da investigação e percebiam que o nível de conhecimento aumentava com o avanço das discussões.

Esse processo já é esperado em virtude da característica da metodologia utilizada que foi a pesquisa-ação, que através da explicitação de Michel Thiollent, é uma modalidade de pesquisa que promove uma interação constante entre pesquisador e participante, fazendo com que se sintam envolvidos durante todo o processo da investigação. Nessa perspectiva para todos os membros são oportunizados momentos de pensar e se expressar, que tanto no levantamento dos problemas quanto para sua resolução, a tomada de decisão é realizada de forma

coletiva, com vistas a mudanças numa realidade.

Foi sugerido por um dos integrantes do grupo, em avaliação anterior, que fosse criado espaços para reflexões teóricas para acontecer sempre no início de cada semestre letivo, período de uma semana, chamado semana pedagógica. O objetivo seria socializar e discutir temas considerados comuns a todas as áreas que pudesse atender aspectos do cotidiano do aluno como cidadania, meio ambiente, ética e outros. Estes conteúdos seriam discutidos e inseridos nos planos disciplinares de acordo com realidade local vivenciados no dia a dia do ambiente escolar, para serem socializado com seus alunos. Dessa forma estariam atendendo às propostas das diretrizes do projeto nacional Saúde e Prevenção nas Escolas, além de propor o exercício da cidadania.

Consideramos também que momentos de discussões e reflexões como esses sejam necessários para o aprofundamento de questões comuns ao coletivo, e essa estratégia de utilizar um tempo específico sob a forma de espaços permanentes nas agendas dos educadores pode favorecer o enfrentamento das possíveis dificuldades surgidas no dia a dia.

Ao longo da coleta dos dados percebemos que as dificuldades apresentadas relacionadas às ações pedagógicas permeiam quase que de forma exclusiva a questão da qualificação do professor. É essencial a realização permanente de discussões sobre conteúdos comuns a todas as áreas do conhecimento, pois acreditamos que dessa forma estará acontecendo o exercício de reflexão tão importante para o crescimento intelectual e pessoal do educador.

Portanto o grupo deve manter sempre um estado de união e coesão em tudo que for realizar, pois de forma coletiva encontrarão soluções para o enfrentamento de quaisquer dificuldades que poderão surgir no cotidiano da

comunidade escolar. De acordo com Freire (1993) a comunidade se educa na medida em que todos aprendem e ensinam a partir das vivências dos envolvidos, por isso professores e estudantes devem estar o tempo todo ensinando e aprendendo, pelo fato de tudo ser inacabado e inconcluso.

Nesse sentido Burow (2001) também refere que só através do envolvimento das pessoas de forma coletiva é que acontece a transformação.

Dessa forma as muitas realidades vivenciadas na instituição de ensino contribuem para a incorporação do conhecimento coletivo favorecendo o aprendizado de todos, principalmente do aluno durante o processo de sua formação (ESPERIDIÃO; MUNARI; STACCIARINI, 2002; ROCHA, 2003).

Ao final desse momento nos deparamos com um ciclo que se fecha no cumprimento do acordo entre pesquisador e participantes; entretanto, em razão da metodologia e de todo o processo iniciado não se encerra, mas abre um leque de possibilidades.

5.4 O movimento do colégio após a pesquisa-ação

Após o término da coleta e encerramento das atividades formais que envolviam a investigação, retornamos após dois meses a instituição para a obtenção de informações a respeito das ações desenvolvidas e os resultados práticos obtidos após o término da coleta dos dados, a partir do processo de conscientização do grupo de professores, até porque tínhamos interesse em dar continuidade ao trabalho na escola.

Esse momento foi de extrema importância para nós, pois não é sempre que vemos os resultados concretos da pesquisa-ação logo após o período de

finalização da investigação.

A nossa visita mostrou que tanto para os pesquisadores quanto para o grupo de professores, as ações provenientes de possíveis transformações no modo de pensar e agir dos envolvidos, nos possibilitou refletir se houve realmente uma mudança no comportamento e na postura dos educadores. Dessa forma também estaremos devolvendo de forma indireta os resultados obtidos através de esforços coletivos.

Buscamos então junto ao grupo de professores conhecer as ações educativas sobre a temática orientação sexual já desenvolvidas com os alunos, que foram:

- trabalho expositivo em forma “varal” em salas de aula em que os alunos expuseram cartazes confeccionados por eles próprios sobre idéias e problemas relacionados com a aids assim como a prevenção das DST.
- utilização de textos didáticos contextuais sobre família, preconceitos, tabus, sexualidade, prevenção de DST e gravidez na adolescência e outros relacionados à sexualidade de uma forma geral.
- trabalhos envolvendo a problematização com leitura de textos didáticos e muita discussão sobre auto-estima, sexualidade, prevenção de gravidez na adolescência, prevenção quanto ao uso indevido de drogas, comportamento atual dos jovens, conhecer e aceitar-se como pessoa. Sendo que a seguir os alunos expunham suas conclusões e apresentavam aos demais colegas, faziam uma síntese e entregavam para o professor para posteriormente serem avaliados.
- debates sobre drogas lícitas e ilícitas, anabolizantes.
- reflexões sobre valores, violência, aborto, aids.

- debates em sala de aula sobre homossexualismo. Depoimento de um aluno homossexual.
- realização de oficinas pedagógicas para apresentação de trabalhos desenvolvidos em salas de aula sobre a temática orientação sexual, comportamento e sexualidade.

Neste momento é necessário que façamos uma reflexão e uma avaliação positiva de todo o processo da investigação que baseado na escolha do método, a proposta investigativa assim como os resultados foram acontecendo em decorrência da dinâmica participativa e mobilizadora de todos os momentos.

Encerrando este momento foi verificado com a professora da área das ciências biológicas o trabalho que vem desenvolvendo, visto ser a mesma profissional capacitada pelo projeto nacional Saúde e Prevenção nas Escolas, através das secretarias de Educação e Saúde para ser a educadora referência a dar todo o suporte necessário para a comunidade escolar, quanto os trabalhos educativos e de sensibilização com foco na prevenção das DST, aids e da gravidez na planejada.

Além de ser a educadora referência, a professora está realizando trabalhos de educação em saúde com ações voltadas para o acolhimento e atendimento do aluno que apresentar algum problema ou dificuldade em relação às questões voltadas à sexualidade e prevenção de doenças transmitidas pelo sexo. Também já se encontra apta a fazer o trabalho de disponibilização de preservativos acompanhado de orientações para os jovens que relatarem ser sexualmente ativos. Muitas ações que estão sendo desenvolvidas são afins às propostas do projeto nacional (BRASIL, 2006a).

Ainda neste encontro percebemos a mobilização e a motivação do grupo

de professores quanto ao desenvolvimento de ações voltadas para as questões trabalhadas durante todo o processo da nossa investigação.

Percebemos também a maneira diferente de pensar dos professores assim como a postura acompanhada de um envolvimento coletivo. Estes relataram algumas preocupações em desenvolver ações relacionadas à temática sexualidade e orientação sexual, haja vista que já foram solicitados a trabalhar em salas de aula conteúdos relacionados a esta temática além de se depararem com alguns problemas apresentados pelos próprios alunos como um número preocupante de gravidez na adolescência, oculta dos pais, homossexualismo na pré-adolescência acompanhado de preconceitos e discriminações pelos próprios colegas e casos de prostituição entre meninas também pré-adolescentes.

Essa realidade nos faz pensar que estes problemas sempre existiram e em todos os ambientes sociais, mas o que acontece agora é que este grupo especificamente foi sensibilizado e de certa forma despertado para trabalhar estas questões as quais vem surgindo no ambiente escolar.

Assim é fundamental fazer um acompanhamento dos trabalhos realizados pelos professores como contribuir para uma educação permanente, com cursos de atualização constante, acompanhamento e supervisão das ações pedagógicas no sentido de subsidiar novos trabalhos assim como montar projetos inter-institucionais os quais darão sustentabilidade para futuras ações.

Considerações Finais

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar a pesquisa temos a sensação de tranquilidade e de dever cumprido, considerando o compromisso assumido no início da investigação junto ao grupo de professores e na elaboração dessa tese de doutoramento.

Tendo em vista o objetivo geral da pesquisa de desenvolver e analisar junto aos professores do colégio o processo de conscientização crítica, para construção de estratégias educativas de prevenção e promoção da saúde sexual e reprodutiva dos alunos a ser contemplado no PPP, acreditamos que oportunizamos aos participantes, momentos de muita reflexão e discussão, a fim de que pudessem alcançar a conscientização crítica necessária para encontrar caminhos para a inclusão da temática no seu cotidiano. Temos a convicção que possibilitamos aos educadores experimentarem estratégias educativas inovadoras que contribuíam para sua formação. Este exercício foi realizado para subsidiar o trabalho que envolve a sexualidade, mais especificamente, sobre as estratégias metodológicas encontradas pelo grupo para trabalhar a orientação sexual com os alunos no ambiente escolar.

No início da coleta dos dados, verificamos que o grupo não tinha muita clareza da dinâmica e da complexidade que envolvia esta investigação, mas sua disponibilidade e compromisso consolidaram o desenvolvimento da pesquisa, o que facilitou e tornou nosso trabalho muito prazeroso.

Dessa forma, pudemos verificar a compreensão dos professores sobre a

temática que envolve a sexualidade, assim como suas dificuldades encontradas para a realização de trabalhos educativos e sinalizar possíveis estratégias metodológicas pertinentes aos conteúdos para a realização deste trabalho no contexto do colégio.

Ao finalizarmos a tese temos a convicção de que alcançamos os objetivos propostos, haja vista o movimento atual do grupo de professores em direção ao atendimento de algumas das propostas das diretrizes para a execução do projeto nacional Saúde e Prevenção nas Escolas, especialmente se consideramos que uma das finalidades deste projeto é fomentar a inserção das temáticas relacionadas à educação no campo da sexualidade ao cotidiano da prática pedagógica dos professores, além de promover a qualificação do quadro de educadores para este trabalho educativo em todas as instituições da rede de ensino do país.

A proposta deste projeto reforça a necessidade de um trabalho de prevenção a partir de uma metodologia participativa que subsidie o atendimento integral à Educação e à Saúde, e sendo possível sua realização a partir da participação efetiva de toda comunidade intra e extra-escolar.

As diretrizes do projeto nacional são consideradas transformadoras e diferenciadas das existentes nas redes públicas de ensino atual, por permitir uma total autonomia para a realização de atividades educativas, considerando, sobretudo, a realidade de cada escola.

Acreditamos que para o avanço conseguido por meio desta investigação foi fundamental a escolha da metodologia adotada, a pesquisa-ação, pois esta permitiu intensa articulação entre pesquisadores e participantes viabilizando um movimento interno do grupo envolvido com a situação a ser investigada, promovendo mudanças em uma realidade a fim de solucionar os problemas vividos conjuntamente.

Nesse sentido, o método da pesquisa-ação foi rigorosamente cumprido, pois participantes e pesquisadores foram beneficiados. Assim, foi estratégico, viável e eficaz ao desenho de nossa proposta, especialmente por identificarmos logo depois do término da coleta dos dados os resultados, frutos das atividades realizadas pelo mesmo grupo de professores que participaram dos encontros grupais.

Ao chegarmos ao final da pesquisa temos a clareza de que a utilização desta metodologia, em consonância com o referencial teórico adotado, puderam atender nossos objetivos, considerando a complexidade do tema e a dinâmica do movimento apresentado pelo grupo pesquisado.

Sem dúvida além de contribuir para o alcance dos objetivos, o método permitiu uma intensa interação e socialização entre todos os participantes, firmando laços de amizade e companheirismo entre o grupo, além de que todas as experiências compartilhadas geraram maturidade coletiva e compreensão da realidade, quesitos necessários ao processo de transformação.

Houve momentos de reflexão e discussão em todos os encontros, além de muito aprendizado. Todo o trabalho realizado foi programado a partir da necessidade posta pelo grupo, e as informações trabalhadas ampliaram a aquisição de conteúdos e de novos conhecimentos, os quais foram considerados necessários e reconhecidos, por todos, como essenciais para mudanças em suas práticas.

Esses momentos foram fundamentais, pois na medida em que iam se conscientizando a respeito de suas ações pedagógicas do cotidiano, já vislumbravam possíveis ações futuras a serem desenvolvidas com seus alunos. Durante esse processo é fundamental que se percebam integralmente e que se sintam com segurança e motivação necessária para o desenvolvimento de ações

educativas na perspectiva do trabalho de orientação sexual que possa atender todas as expectativas de seus alunos na faixa etária da adolescência.

Percebemos uma mobilização de todos em trabalhar num clima de compromisso e respeito mútuo, quesitos considerados fundamentais para alavancar mudanças, bem como aquisição de segurança e maturidade dos participantes.

O fato de trabalharmos com o grupo utilizando estratégias de ensino que mobilizaram a participação e uma postura ativa, mostrou as inúmeras possibilidades para criar e trabalhar com situações inovadoras que despertam o interesse e ampliam o compromisso do educando com o seu processo de aprendizado.

Esse foi o fator diferenciador na abordagem do grupo de professores, pois o coloca diante de novas possibilidades para trabalhar com seus alunos. Nesse sentido, a pesquisa-ação, aliada às estratégias adotadas na pesquisa mobilizaram a aquisição de conhecimentos teóricos-técnicos sobre a temática da sexualidade e orientação sexual, ao mesmo tempo em que mostrou um leque de opções de metodologias de ensino para serem incorporadas na construção e implantação do novo PPP da instituição.

Nossa percepção nos permite afirmar ainda, que o grupo não apresentou nenhuma dificuldade para entendimento da dinâmica da proposta, apesar de ter sido um grupo grande de professores, pertencentes a diferentes áreas do conhecimento. A participação foi uniforme e as falas dos professores sinalizavam preocupações congruentes em relação aos temas trabalhados, o que de certa forma facilitou a condução de todo o processo e contribuiu para a obtenção dos bons resultados.

Ao nosso ver, todo esse processo também só foi possível pela confiança depositada na pessoa do pesquisador, que em todos os momentos permitiu a participação ativa e a socialização das experiências trazidas para as discussões

certificando, portanto, o compromisso em realizar uma pesquisa-ação tal como ela é recomendada, o que exigiu mais segurança em nossas ações, além de mais responsabilidade em atender seus anseios, além do nosso próprio.

A missão de conduzir um grupo específico é sem dúvida uma tarefa delicada para o coordenador, pois este necessita de habilidades específicas, conhecimento científico nesta área e ser um profundo conhecedor de dinâmica de grupo e dos processos grupais para embasar sua prática.

Nesse sentido, acreditamos que a enfermagem tem sido cada vez mais atenta à aquisição desse conhecimento para guiar suas ações com os grupos para os mais variados fins.

De igual forma, foi fundamental nos pautarmos em todo o conhecimento produzido pela enfermagem brasileira sobre a saúde do escolar, especialmente aquele relacionado ao tema foro deste estudo. Todo o movimento já iniciado pela enfermagem desde a década de oitenta sobre o assunto, mostra a ampla capacidade e adequação das ações e intervenções do enfermeiro no âmbito da escola, que agora, mais de que nunca, devem servir de guia para os trabalhos a serem desenvolvidos para o atendimento do plano nacional de Saúde e Prevenção nas Escolas.

O enfermeiro como já referido, é o profissional com o perfil de desenvolver ações educativas no ambiente escolar e o grande articulador entre escola-comunidade-família.

Ao finalizamos a investigação, o grupo de professores se mostrava bastante motivado e ao mesmo tempo conscientizado de que conteúdos referentes a essas áreas temáticas deverão estar contemplados no PPP da instituição, de modo a subsidiar os planos disciplinares dos professores para guiar suas práticas e

fortalecer o trabalho coletivo de educação em saúde no ambiente escolar.

A realização desta investigação foi providencial para atender nossos anseios profissionais e pessoais, pois desde que ingressamos como docente na Universidade, nos sentíamos incomodados com a falta de acesso dos professores das instituições públicas às metodologias participativas que proporcionassem maior interação entre educador e educando. Acreditamos que a carência de resultados satisfatórios no que diz respeito à prevenção de DST e gravidez na adolescência especificamente, possam ser em parte atribuídas a inadequação das estratégias metodológicas escolhidas para a abordagem de temáticas relacionadas à orientação sexual.

Acreditamos que estas devam ser consideradas e repensadas pelos educadores em saúde, com o objetivo de otimizar não só a qualidade da informação a ser repassada, mas sobretudo, das estratégias metodológicas condizentes com os conteúdos a serem trabalhados. Dessa forma é necessário também associar e relacionar o que vai ser ensinado com as necessidades apresentadas pela realidade das crianças e adolescentes. Ainda é muito comum haver a dicotomia entre o saber e o fazer com o foco voltado mais para a teoria e menos para a prática.

Como docente e pesquisadora do Núcleo de Ações Interdisciplinares em DST/HIV/Aids (NUCLAIDS/FEN/UFG), a expectativa de trabalhar constantemente com atividades educativas de promoção da saúde e prevenção de doenças transmitidas sexualmente nos coloca em constante proximidade com os dados epidemiológicos, o que de certa forma gera ansiedade e ao mesmo tempo nos motiva para a realização de projetos educativos priorizando a prevenção.

O dados nos apresentam uma realidade assustadora em relação aos casos de soropositividade ao HIV e do número de pessoas com aids que de forma

contínua tem apresentado um aumento mais significativo em determinada categoria de exposição como a feminização da aids.

Nesse sentido, os altos índices de HIV positivos, o aumento de casos de aids e outras DST, assim como o número elevado de gravidez na adolescência nos faz refletir que a informação em saúde é a grande estratégia para o trabalho educativo e preventivo para a reversão dos dados apresentados no quadro epidemiológico brasileiro. Dessa forma, o trabalho de educação em saúde a ser realizado nos diferentes segmentos sociais e assistenciais parece ser a melhor estratégia para mudar essa realidade.

Com o início da epidemia da aids na década de 80, a informação com foco na prevenção passou a ser obrigatória nos programas disciplinares das grades curriculares da maioria dos cursos das áreas da saúde. Sendo assim, investimentos na formação profissional tornaram-se prioritários para todas as secretarias de educação do país.

Com a finalização dessa pesquisa responderemos aos questionamentos feitos na fase inicial desse trabalho, mas também abriremos caminhos para desenvolvermos parcerias entre a instituição pesquisada e a Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás.

Como responsáveis pelo estudo e docente da referida faculdade nos programamos para planejar atividades teóricas e práticas com nossos alunos de graduação que contemple o ensino, a pesquisa e a extensão, tripé necessário para a formação integral do enfermeiro no contexto do Colégio Estadual Juvenal José Pedroso. Como coordenadora da disciplina Enfermagem Hebiátrica, pretendemos desenvolver diversas atividades envolvendo a clientela de adolescentes desta instituição. Vale lembrar que já foi acordada a parceria da Universidade Federal de

Goiás, especificamente a Faculdade de Enfermagem, com a direção da referida instituição para a realização de atividades de ensino, extensão e pesquisa.

Acreditamos nos trabalhos realizados a partir de ampliações de parcerias entre escolas e instituições governamentais e não governamentais, no sentido de construir uma rede integrada de saúde e educação com foco na redução dos possíveis problemas à saúde do educando de hoje, além de contribuir para a formação de futuros cidadãos saudáveis.

Referências

REFERÊNCIAS¹

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G.; SILVA, L. B. **Juventudes e sexualidade**. Brasília: UNESCO. 2004.

ALCABES, P., MUNOZ, A. et al. Incubation period of human immunodeficiency virus. **Epidemiol Rev**, v.15, n.2, p.303-18. 1993.

ALVES, E. D. P.; PEREIRA, L. M.; BOCKWINKEL, U. Consultas de enfermagem ao escolar. **Bol. saúde**, v.12, n.1, p. 64-71, 1985.

ALVIN, N. A. T.; FERREIRA, A. Perspectiva problematizadora da educação popular em saúde e a enfermagem. **Texto Contexto Enferm**, v.16, n.2, p.315-19, 2007.

ARENDT, H. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: ed. perspectiva, 1972.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE GINECOLOGIA E OBSTETRÍCIA (ABGO). **Atenção integral a saúde da mulher**. Disponível em: <http://www.gineco.com.br/hpvum.htm>. Acesso em: 21 Fev. 2007.

ATKINS, D et al. The Third U.S. Preventives Services Task Force: Background, methods and first recommendations. **Am J Prev Med**, v.20, n.35, p.134-140. 2001.

AZANHA, J. M. P. A questão dos fundamentos da formação docente. In:_____. **A formação do professor e outros escritos**. São Paulo: Editora Senac. 2006.

AZEVEDO, M. R. D. Educação sexual: uma questão em aberto. In_____. **Adolescência: prevenção e risco**. São Paulo: Atheneu, 2002.

BARROSO, M. G. T. et al. Contexto familiar da pessoa jovem portadora de DST: Um desafio para a enfermagem. **Rev Baiana Enferm**, v.14, n.1, p.17-25. 2001.

BASILE, P. **Inspeção médica escolar**. 1920. 284f.Tese (Doutorado) – Faculdade de Medicina e Cirurgia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1920.

BENTO, I. C. B.; BUENO, S. M. V. A Aids sob a ótica do surdo adulto jovem. **J bras Doenças Sex Transm**, v.17, n.4, p.288-94. 2005.

BERBEL, N. A. N. **Metodologia da problematização** – fundamentos e aplicações. Londrina: Eduel, 2006.

¹ Referências organizadas segundo as “Diretrizes para apresentação de dissertações e teses da USP, 2004” - opção NBR 6023.

BEZERRA, E. P., ARAÚJO, M. F. M.; BARROSO, M. G. T. Promoção da saúde em doenças transmissíveis: uma investigação entre adolescentes. **Acta Paul Enfermagem**, v.19, n.4, p.402-407, 2006.

BLUM, R. **Health planing and evalutation**. 52º Congresso Brasileiro de Adolescência, Anais. Gramado, 1998. 45 p.

BOUER, J. **Aumentam casos de Aids entre meninas**. Disponível em: <http://diganaoerotizacaoinfantil.wordpress.com/2007/11/26/aumenta-casos-de-aids-entre-as-meninas/> Acesso em: 02 dez. 2007

BOVA, V. B.; LOEWEN, W. M. Educação em saúde no trânsito: uma contribuição da enfermagem. **Cogitare enferm**, v.10, n.1, p.60-65, 2005.

BRASIL, **Boletim epidemiológico: AIDS/DST**. Revisão da definição nacional de casos de AIDS em indivíduos com 13 anos ou mais. Ministério da Saúde. Brasília, ano XI, n.1. 1997.

_____. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. **Introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Ministério da Educação e do Desporto. Brasília. 1998a.

_____. Resolução nº 196/96. Pesquisa envolvendo seres humanos. **Caderno de Ética em Pesquisa**. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde, n.1, p.34-42, Brasília. 1998b.

_____. Coordenação Nacional de DST/AIDS. **Manual do multiplicador: adolescente**, Ministério da Saúde, Brasília. 2000a.

_____. Coordenação Nacional de DST/AIDS. **Prevenir é sempre melhor**. Ministério da Saúde. 1ª ed., Brasília. 2000b.

_____. Parâmetro Curricular Nacional. **Temas transversais: ética**. 3ª ed. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. Brasília. 2001.

_____. Políticas de Controle do HIV/Aids e outras DST/AIDS III. Ministério da Saúde. **Projeto de Apoio a Sustentabilidade e Gestão Estratégica**. Brasília. 2002.

_____. Programa Nacional de DST e AIDS. **Dados e Pesquisas**. Ministério da Saúde. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/final/dados/dst.htm>. Acesso em: 17 Set. 2003a.

_____. Programa Nacional de DST e AIDS. **Boletim epidemiológico**. Ministério da Saúde. ano XV, n.3, Brasília. 2003b.

_____. Programa Nacional de DST e AIDS. **Política de distribuição de preservativos para as DST/HIV/AIDS no Brasil**. Ministério da Saúde. Brasília. 2003c.

_____. Programa Nacional de DST e AIDS. **Dados e Pesquisas**. Ministério da Saúde. Disponível em: <http://www.imprensa@ aids.gov.br>. Acesso em: 09 Dez. 2005a.

_____. Programa Nacional de DST e AIDS. Diretrizes de implantação. **Projeto nacional Saúde e Prevenção nas Escolas**. Ministério da Saúde/Ministério da Educação/UNESCO/UNICEF. Brasília. 2005b.

_____. Programa Nacional de DST e AIDS. Ministério da Saúde/Ministério da Educação/UNESCO/UNICEF. **Saúde e Prevenção nas Escolas**. Brasília. 2006a.

_____. Programa Nacional de DST e AIDS. Ministério da Saúde/Ministério da Educação/UNESCO/UNICEF. Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas. **Guia para formação de profissionais de saúde e educação. Relações de gênero**. Unidade 3, p.33-34. Brasília. 2006b.

_____. Programa Nacional de DST e AIDS. Ministério da Saúde. **Boletim epidemiológico** - 01^a a 26^a semana epidemiológica, 2006. Disponível em: <http://www.aids.gov.br – documentos e publicações>. Acesso em: 16 abr. 2007a.

_____. Presidência da República - Casa Civil - Subchefia para assuntos jurídicos. **ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente** (Lei nº 8.069 – 13/07/90). Disponível em : <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 28 mar. 2007b.

_____. Presidência da República – Casa Civil – Subchefia para assuntos jurídicos. **LDB – Lei de Diretrizes e Bases** (Lei nº 9.394 – 20 de dezembro de 1996). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 21 abr. 2007c.

_____. Ministério da Saúde. Organização Pan-Americana de Saúde. **Escolas Promotoras de Saúde**. Experiências no Brasil. Série promoção da saúde, n.6, Brasília. 2007d.

_____. **Boletim Epidemiológico - Aids e DST**. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância e Saúde. Programa Nacional de DST e Aids. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/data/documents/storedDocuments/%7BB8EF5DAF-23AE-4891-AD36-1903553A3174%7D/%7BB0ABAF06-847F-42B0-A9FD-0A62575D5937%7D/Boletim%20Tabelas%202007.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2007e.

BRASIL. Jovens são tema de campanha para o Dia Mundial de Luta Contra a Aids. Disponível em <http://www.aids.gov.br/data/Pages/LUMISE77B47C8ITEMID5DAE5A366EDF441195C25916E66A5F98PTBRIE.htm> 2007f Acesso em: 02 dez. 2007f.

BRÊTAS, J. R. S.; SILVA, C. V. Interesse de escolares e adolescentes sobre corpo e sexualidade. **Rev Bras Enferm**, v. 55, n.5, p.528-534, 2002.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. Investigação qualitativa em educação. Lisboa: Porto Editora. 1994.

BROWN, A.D. Sexual relations among young people in developing countries: Evidence from WHO case studies. **World Health Organization**, v.1, n.8, 2001.

- BURIGO, L.A.Z. Educação em saúde na escola: uma visão atual. **Rev Bras Enferm**, v.2, n.2, p.70-72, 1992.
- BUENO, S. M. V. **Marco conceitual e referencial teórico de educação para saúde**. Orientação à prevenção de DST/Aids e drogas no Brasil para crianças, adolescentes e adulto jovem. Brasília. Ministério da Saúde, 1997/1998,18 p.8.
- BUROW, O. A. Descongelamento: reestruturando instituições em campos criativos. **Revista do VII Encontro Goiano da Abordagem Gestáltica**. Goiânia. n.7, p.19-44, 2001.
- CANO, M. A. T. A detecção e o encaminhamento dos escolares com distúrbios auditivos (PROASE), Ribeirão Preto (1985-1992). **Rev Bras Saúde Escolar**, v.2, n. 3, p.108-111, 1992.
- CANO, M A. T.; FERRIANI, M. C. G. Assistência à saúde visual dos escolares em Ribeirão Preto/SP. **Rev Bras Saúde Escolar**, v.3, n.1, p.110-114, 1994.
- CANO, M. A. T.; SILVA, G. B. Detecção de problemas visuais e auditivos de escolares em Ribeirão Preto: estudo comparativo por nível socioeconômico. **Rev Latino-Am. Enfermagem**, v.2, n.1, p.57-68, 1994.
- CANO, M. A. et al. Programa de assistência primaria de salud escolar. Relato historico / Program of primary school care. A historial report. **Rev Cuba Enferm**. v.11, n.2, p.108-113, 1995.
- CANO, M. A. T.; FERRIANI, M. C. G; MUNARI, D. B. O trabalho de enfermeiras junto a pais de adolescentes através da atividade grupal. **Rev Bras Sex Humana**, v. 6, n.1, p.36-44, 1995.
- CANO, M. A. T.; FERRIANI, M. C. G. Sexualidade na adolescência: um estudo bibliográfico. **Rev Latino-Am. Enfermagem**, v.8, n.2, p.18-24, 2000.
- CASTRO. T.; JÚAREZ. F. Women's education and fertility in Latin América. **Int. Fam Plann Perspectives**, v.21, n.2, p.52-57, 1995.
- CHIZZOTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.
- COSTA, D. D. G.; LUNARDI, V, L. Enfermagem e um processo de educação sexual com adolescentes de uma escola pública. **Texto Contexto Enferm**, v.9, n.2, p.46-57, 2000.
- COSTA, F. N. A. **Visitando a prática pedagógica do enfermeiro professor**: São Carlos: Ruma, 2003.
- COTHRAN, M. M.; WHITE, J. P. Adolescent behaviour and sexually transmitted diseases. **Health Care for Women International**. v.23, n.3, p.306-19, 2002.
- DEL-RIOS, N. H. A; SOUZA, M. M; MUNARI, B. D. Conhecimentos e necessidades de um grupo de professores sobre educação sexual: experiência em um colégio

público de Goiânia-Goiás. **VI Congresso Brasileiro de prevenção de DST/AIDS.** Belo Horizonte, 2006.

DELLORS, C.R. **Tornar-se pessoa.** 5 ed., São Paulo: Martins Fontes, 2001.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. **The seventh moment.** handbook of qualitative research. Norman K. 2000. p.1047-1065, 2003.

DIAS, A.; BUENO, S. M. V. Programa educativo sobre sexualidade, DST/AIDS e sexo seguro, desenvolvimento junto aos alunos do curso técnico de enfermagem: Um relato de experiência. **Revista Nursing**, v.58, n.6, p.15-18, 2003.

DICLEMENTE, R. J. et al. Association of adolescents' history of sexually transmitted disease (STD) and their current high-risk behavior and STD status: a case for intensifying clinic-based prevention efforts. **Sex Transm Dis**, v.29, n.9, p.503-509. 2002.

DONOVAN, B. Sexually transmissible infections other than HIV. **The Lancet**, v.363, p.545, 2004.

DOTTA, R. M. et al. Sexualidade, Aids e drogas: um relato de intervenção com adolescentes. **Rev. Bras. Cresc. Desenv. Hum**, v.10, n.2, 2000.

DUARTE, L. R. Consulta de enfermagem em saúde do escolar: proposta e avaliação de um modelo operacional. **Rev. paul. Enfermagem**, v.11, n.2, p.85-91, 1992.

DUARTE, L. F. D. O. Distanciamento, reflexividade e interiorização da pessoa no ocidente. Mana: **Estudos de Antropologia Social**, v.2, n.2, p.163-176, 1996.

EGRY, E. Y. **Saúde Coletiva:** construindo um novo método em enfermagem. São Paulo: EPU, 1996.

EISNER, E. W. Concerns and aspirations for qualitative research in the new millennium. **Qualitative Res**, v.1, n.2, p.135-45, 2001.

ESPERIDIÃO, E. **Repensando a formação do enfermeiro: o processo de conscientização crítica e práticas docentes à luz do referencial ético-humanista.** Tese (Doutorado), 2005. 314f, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2005.

ESPERIDIÃO, E; MUNARI, D. B; STACCIARINI, J. M. Desenvolvendo pessoas: estratégias didáticas facilitadoras para o autoconhecimento na formação do enfermeiro. **Rev Latino-Am. Enfermagem**, v.10, n.4, p. 516-522, 2002.

EGYPTO, A. C. O projeto de orientação sexual na escola. In: Egypto A.C (org). **Orientação na escola um projeto apaixonante.** São Paulo: Cortez, p.13-31, 2003

FERRIANI, M. G. C. **A inserção do enfermeiro na saúde do escolar.** São Paulo: EDUSP, 1991.

_____. A inserção do enfermeiro na saúde do escolar. **Rev Bras Saúde Escolar**, v.2, n.3/4, p.173-4, 1992a.

_____. Característica do saber da enfermagem na área de saúde escolar: análise de seu discurso. **Rev Bras Saúde Escolar**, v.2, n.3/4, p.212-217, 1992b.

FERRIANI, M. G. C; CANO, M. A. T. Assistência de Enfermagem ao escolar. **Rev. Paul. Enfermagem**, v.4, n.4, p.138-140, 1984.

FERRIANI, M. G. C; GOMES, R. **Saúde escolar: contradições e desafios**. Goiânia, AB editora, 1997.

FORTE, B. et al. Saúde da Família, visão interdisciplinar. In: SAMPAIO; ALVES **Educação em Saúde – Caminho para a melhoria da qualidade de vida da família**. Fortaleza/Ce: Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura, p. 39-45, 2002.

FORTENBERRY, J. D. et al. Post-treatment sexual and prevention behaviours of adolescents with sexually transmitted infections. **Sex Transm Infect**, v.78, n.5, p.365, 2002.

FREIRE, P. **O que é método Paulo Freire**. 8 ed., São Paulo: Brasiliense, 1993.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes educativos a prática educativa**. 25 ed. São Paulo: Paz e terra, 1996, p. 23-52.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade**. 2 ed., São Paulo: Paz e terra, 1997.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 29 ed., São Paulo: Paz e terra, 2000, p.52-61.

GIDDENS, A. **A transformação da identidade**. São Paulo: UNESP, 1992.

GIRONDI, J. B. R. et al. A metodologia da problematização utilizada pelo enfermeiro na educação sexual de adolescentes. **Cogitare enferm**, v.11, n.2, p.161-165, 2006.

GODIN, G. et al. Evaluation of an HIV and STD prevention program for adolescents in juvenile rehabilitation centers. **Health Educ Behav**, v.30, n.5, p.601-614, 2003.

GOIÁS, Superintendência de Políticas de Atenção Integral à Saúde (SPAIS) **subgerência de ações programáticas: área técnica saúde do adolescente**. Disponível em: <http://www.spais@saude.go.gov.br>. Acesso em: 16 abr. 2007.

GRABAUSKA, C. J.; BASTOS, F. P. Investigação-ação educacional: possibilidade crítica e emancipatória na prática educativa. In: MION, R. A; SAITO, C. H. **Investigação-ação: mudando o trabalho de formar professores**. Ponta Grossa: Planeta, p.9-20, 2001.

HANSON, S. M. H. **Family Health Care Nursing – theory, practice and research**. Foundations of Nursing Care of Families, Philadelphia, 2 ed., cap. 9, p.198-202, 2001.

- HEILBORN, M. L. A primeira vez nunca se esquece. **Revista Estudos Feministas**, v. 6, p.394-405, 1998.
- JARDIM, D. P.; BRÊTAS, J. R. S. Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira-SP. **Rev Bras Enferm**, v.59, n.2, p.157-62, 2006.
- JUAREZ, F. Salud reproductiva de los jóvenes: teorías y evidencia. In: Rabell C, Zavala-de-cosio E. **La fecundidad em condiciones de pobreza: uma visión internacional**. Instituto de Investigaciones Sociales, UNAM, México, 2002.
- JULIÃO, T. C. et al. Prevenção de DST/AIDS: Uma abordagem junto a famílias de adolescentes. **Rev. RENE**, Fortaleza, v.2, n.1, p.53-59. 2001.
- KALOUSTIAN, S. M. **Família Brasileira: a base de tudo**. São Paulo: Cortez, 1994, 183 p.
- KAWAMOTO, E. E. et al. Enfermagem Comunitária: In: **Educação em Saúde**. São Paulo: EPU, p.29-30, 1995.
- KICKBUSCH, I. Health – promoting environments: the next step. **Aust N Z J Public Health**, v.21, n.4, p.431-434, 1997.
- KNIJNIK, J. et al. Necessidades educativas de jovens sobre doenças sexualmente transmissíveis. **An bras dermatol**, v.65, n.6, 1990.
- LEONELLO, V.M.; L'ABBATE, S. Educação em saúde na escola: uma abordagem do currículo e da percepção de alunos de graduação em pedagogia. **Interface**. (Botucatu), v.10 n.19. p.149 -166, 2006.
- LIMA, G. Z. de. **Saúde do escolar e educação**. São Paulo: Cortez, 1985.
- LOMBARDI, J. C.; NASCIMENTO, M. I. M. **Fontes, história e historiografia da educação**. Ponta Grossa: Autores Associados, 2004.
- LOPES, C. L. R. et al. O trabalho da enfermagem na detecção de problemas visuais em crianças/adolescentes. **Rev. eletrônica enferm**, v.5, n.2, p.55-59, 2003. Disponível em: <<http://www.fen.ufg.br/revista/revista81/atualização.htm>>. Acesso em: 18 Set. 2007.
- LOURO, et al. Corpo, gênero e sexualidade: discussões. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.13, n.1, p.179-199, 2005.
- MACHADO, M. C. G. Fontes e história das instituições escolares. In: **Fontes, história e historiografia da educação**. Ponta Grossa: Autores Associados, 2004, p. 65-81.
- MANDÚ, E. N. T et al. Conhecimentos, valores, vivências de adolescentes acerca das doenças de transmissão sexual e Aids. **Rev. Bras. Cresc. Desenv. Hum**, v.10, n.1, 2000.

- MARQUES, E. S et al. Conhecimento dos escolares adolescentes sobre doenças sexualmente transmissíveis/AIDS. Rev. Eletrônica de Enfermagem, **Rev. eletrônica enferm**, v.8, n.1, p.58-62, 2006. Disponível em: <<http://www.fen.ufg.br/revista/revista81/atualização.htm>>. Acesso em: 18 Set. 2007.
- MARTINI, J. G.; BANDEIRA, A. S. Saberes e práticas dos adolescentes na prevenção das doenças sexualmente transmissíveis. **Rev Bras Enferm**, v.56, n.2, p.160-63, 2003.
- Mc MURRAY, A. Community Health and wellness: A Socioecological Approach, In: **Public Health, Community Health and Community Development**, Mosby, p.15, 1999.
- MEDRADO, B.; LYRA, J. A adolescência “desprevenida” e a paternidade na adolescência: uma abordagem gerencial e de gênero. In: SHOR, N. et al. **Cadernos Juventude, saúde e desenvolvimento**. Brasília: Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde, p.230-48, 1999.
- MESQUITA, F; SEIBEL, S. **Consumo de drogas – desafios e perspectivas**. São Paulo: Hucitec, p.67-77, 2000.
- MILLER, K. S.; FOREHAND. R; KOTCHICK, B. A. Adolescent sexual behavior in two ethnic minority groups: a multisystem perspective. **Adolescence**, v.35, n.138; p.313-333, 2000.
- MINAYO, M. C. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 6 ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec/Abrasco, 1999.
- MIRANDA, M. I. F. et al. Em busca da definição de pautas atuais para o delineamento de estudos sobre a saúde da criança e do adolescente em idade escolar. **Rev Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v.8, n.6, p.83-90, 2000.
- MIRANDA, K. C. L; BARROSO, M. G. T. A contribuição de Paulo Freire à prática e educação em enfermagem. **Rev Latino-Am. Enfermagem**, v.12, n.4, 2004.
- MIYASAKI, S. C. S. **Educação sexual nas escolas: Pesquisa-ação com professores do ensino fundamental**. Ribeirão Preto. Dissertação (Mestrado). 2002. 92 p, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo. 2002.
- MONTEIRO, A. I.; MEDEIROS, J. D; OLIVEIRA, J. R. Estilo de vida e vulnerabilidade social dos adolescentes no bairro de Felipe e Camarão – Natal/RN. **Rev. eletrônica enferm**, v.9, n.1, p.176-190, 2007, Disponível em: <<http://www.fen.ufg.br/revista/revista81/atualização.htm>>. Acesso em: 02 Nov. 2007.
- MORAES, L. M. P.; BRAGA, V. A. B. Trabalhando a orientação sexual com alunos do ensino fundamental: atuação da enfermagem. **Rev. RENE**, v.2, n.2, p.67-71, 2001.
- MORIN, E. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, repensar o pensamento**. 5 ed, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

- MOSCOVICI, F. **Renascença organizacional**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.
- MOTA, K. A. M. B; MUNARI, D. B. Um olhar para a dinâmica do coordenador de grupos. **Rev. eletrônica enferm**, v.8, n.1, p.150-161, 2006. Disponível em: <<http://www.fen.ufg.br/revista/revista81/atualização.htm>>. Acesso em: 02 Nov. 2007.
- MUNARI, D. B et al. Desenvolvendo orientação sexual com adolescentes. **Rev. Bras. Cresc. Desenv. Hum**. São Paulo, v.6, n.1/2, p.87-95, 1996.
- MUNARI, D. B; ESPERIDIÃO, E.; MEDEIROS, M. **A utilização do grupo como técnica de pesquisa**. In: 11º Seminário Nacional de Pesquisa em Enfermagem. Belém: Associação Brasileira de Enfermagem, 2001. CD-ROM.
- MUNARI, D. B.; FUREGATO, A. R. **Enfermagem e grupos**. Goiânia: AB, 2003.
- NOCCIOLI, M. M. et al. O controle das doenças transmissíveis nas escolas: uma abordagem crítica e reflexiva. **Rev Bras Saúde Esc**, v.3, n.1, p.168-174, 1994.
- NOGUEIRA, M. J. C.; FONSECA, R. M. G. S. A visita domiciliária como método de assistência de enfermagem à família. **Rev. Esc. Enf. USP**, v.11, n.1, 1977.
- NUNES, C.; SILVA, E. **A educação sexual da criança: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade**. Campinas/SP: Autores Associados, 2000.
- OLIVEIRA, M. A. F. C; BUENO, S. M. V. Comunicação educativa do enfermeiro na promoção da saúde sexual do escolar. **Rev Latino-Am. Enfermagem**, v.5, n.3, p.71-81, 1997.
- OLIVEIRA, C. Aids avança entre garotas. **O Popular**, Goiânia, 02 dez. 2007. Cidades, Caderno Saúde, p.8.
- OLIVEIRA, A. S.; ANTONIO, P. S. Sentimentos do adolescente relacionados ao fenômeno bullying: possibilidade para a assistência de enfermagem no contexto do ambiente escolar. **Rev. eletrônica enferm**, v.8, n.1, p.30-41, 2006. Disponível em: <http://www.fen.ufg.br/revista/revista81/atualização.htm>>. Acesso em: 02 ago. 2007.
- OUTEIRAL, J. **A adolescência e a sexualidade**. In: *Adolescer - estudos revisados sobre adolescência*. Segunda edição revisada, atualizada e ampliada. Porto Alegre: Revinter, 2003, p.15-20.
- PAIVA, V. **Fazendo arte com a camisinha**: a história de um projeto de prevenção da AIDS para jovens. 1996. 168f. Tese (Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.
- PARKER, R. G. **Corpos, prazeres paixões**: a cultura sexual no Brasil contemporâneo. São Paulo: Best Seller, 2000.
- PAZ-BAILEY, G. et al. Risk factors for sexually transmitted diseases in northern Thai adolescents. **Sex Transm Dis**, v.30, n.4, p.320-338, 2003.

- PENDER, N. J. et al. The contribution of nurses to the prevention and health promotion team, In: **Health promotion in nursing practice**. 4 ed. New Jersey, p.3-10, 2002.
- PIGOZZI, V. **Adolescente** – viva em harmonia com ele. São Paulo: Gente, 2005.
- PIMENTA, S. G. **Saberes pedagógicos e atividade docente**. 4 ed., São Paulo: Cortez, 2005.
- RAMOS, F. R. S; MONTICELLI, M.; NITSCHKE, R. S. **Projeto acolher**: Um encontro da enfermagem com o adolescente. Brasília: Associação Brasileira de Enfermagem, 2000.
- RIBEIRO, J. P. **Gestalt-terapia**: o processo grupal - uma abordagem fenomenológica da teoria de campo e holística. São Paulo: Summus, 1994.
- ROCHA, D. G et al. Escola promotora da saúde: uma construção interdisciplinar e interpessoal. **Rev. Bras. Cresc. Desenv. Hum.** São Paulo, v.12, n.1, p.57-63, 2002.
- ROCHA, R. M. Construindo um conhecimento sensível em saúde mental. **Rev Bras Enferm.**, Brasília, v.56, n. 4, p.378-380, 2003.
- RODRIGUES, M. T. P.; SOBRINHO, J. A. C. M. Enfermeiro professor: um diálogo com a formação pedagógica. **Rev Bras Enferm.**, v.60, n.4, 2007.
- SAYÃO, R. A. A educação nossa de cada dia. In: **Os desafios encontrados no cotidiano escolar**. São Paulo/SP: FDE (série idéias, 28), 1997.
- SCHOR, D. A. **Educando o profissional reflexivo**: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- SÃO PAULO. SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO (SP/SEE) – **Idéias** – Papel da Educação na ação preventiva ao abuso de drogas e as DST/AIDS. São Paulo: 4 ed., p.43-44, 2002.
- SILVA, A. L. C. A. et al. Atividades grupais em saúde coletiva: características, possibilidades e limites. **Rev Enferm UERJ**, v.11, n.1, p.18-24, 2005.
- SILVA, P. D. B et al. Comportamento de risco para as doenças sexualmente transmissíveis em adolescentes escolares de baixa renda. **Rev. eletrônica enferm**, v.7, n.2, p.185-189, 2006. Disponível em: <http://www.fen.ufg.br/revista/revista81/atualização.htm>. Acesso em: 22 ago. 2007.
- SILVEIRA, A. S. A. et al. Controle de vacinação de crianças matriculadas em escolas municipais da cidade de São Paulo. **Rev Esc Enferm USP**, v.41, n.2, jun, p.299-305, 2007.
- SINGH, S.; DARROCH, J. E; FROST, J. J. Socioeconomic disadvantage and adolescent women's sexual and reproductive behaviour: the case of five developed countries. **Fam Plann Perspect**, v.33, n.6, p.251-258, 2001.

- SOARES, C. B.; JACOBI, P. R. Adolescentes, drogas e Aids: avaliação de um programa de prevenção escolar. **Cad. Pesq**, n.109, p.213-237, 2000.
- SOUZA, M. M.; CARDOSO, D. D. P. Seroprevalence of the hepatitis B virus infection in inmate psychiatric patients and in Downs syndrome patients from Goiânia/Go. **Virus Reviews and Research**, v.06, p.113, 2001.
- SOUZA, M. M. et al. Soroprevalência da infecção pelo vírus da hepatite B em pacientes de instituições psiquiátricas e em indivíduos não institucionalizados com Síndrome de Down. **Rev. eletrônica enferm**, v.4, n.1, p.59 2002a. Disponível em: http://www.fen.ufg.br/revista/revista8_1/atualizacao.htm. Acesso em: 20 ago. 2002a.
- SOUZA, M. M.; CARDOSO, D. D. P.; BARBOSA, M. A. A infecção pelo vírus da hepatite B em pacientes com distúrbios psiquiátricos e retardo mental In: 38º **Congresso da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**. Foz do Iguaçu, 2002b.
- SOUZA, M. M et al. Perfil dos cuidadores informais de idosos com déficit de autocuidado atendidos pelo Programa de Saúde da Família. **Rev. eletrônica enferm**, v.5 n.1, p. 5-9, 2003a. Disponível em: http://www.fen.ufg.br/revista/revista8_1/atualizacao.htm. Acesso em: 26 ago. 2002.
- SOUZA, M. M et al. Aspectos da anemia ferropriva infantil no Brasil In:11º Congresso Panamericano de Profissionais de Enfermagem. **Congresso Brasileiro de Enfermagem**, Rio de Janeiro, 2003b.
- SOUZA, M. M et al. O destino de resíduos sólidos em uma concepção social In:11º Congresso Panamericano de Profissionais de Enfermagem. **Congresso Brasileiro de Enfermagem**, Rio de Janeiro/RJ, 2003c.
- SOUZA, M. M et al. Soroprevalência da infecção pelo vírus da hepatite B em portadores de doença mental. **Rev. Bras. Psiquiatr.** São Paulo, v.26, n.1, p.35-38, 2004a.
- SOUZA, M. M. et al. A abordagem de adolescentes em grupos: O contexto da educação em saúde e prevenção de DST. **J bras Doenças Sex Transm**, v.16, n.2, p.18-22, 2004b.
- SOUZA, M. M. et al. Programa educativo sobre sexualidade e DST: relato de experiência com grupos de adolescentes. **Rev Bras Enferm**, v.60, n.1, p.102-5, 2007.
- SOUZA, R. P.; OSÓRIO, L. C. **A educação sexual de nossos filhos**. 2 ed., São Paulo: Globo,1980.
- SUPLICY, M. et al. **Guia de orientação sexual**. 10 ed. Diretrizes e metodologia. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- SZWARCWALD, C. L.; SOUZA-JUNIOR, P.R.B. Estimativa da prevalência do HIV na população brasileira de 15 a 49 anos, 2004. **Boletim epidemiológico de Aids e DST**, v.III, n.1, p.11 -15. 2006.

TAKIUTI, A.D. **Utopia**: Análise de um Modelo de Atenção Integral à saúde do adolescente no Sistema Único de Saúde do Estado de São Paulo. Rio de Janeiro: Artes e Contos, 2001.

THIOLLENT. M. **Metodologia da Pesquisa-ação**. 8 ed., São Paulo: Cortez, 1998.

TIBA, I. **Adolescentes**: Quem ama, educa. São Paulo: Interage, 13 ed., 2005, p.42-43.

TIENGO, M. A.; OLIVEIRA, D. C.; RODRIGUES, B. M. R. D. Adolescentes, AIDS e práticas de proteção: Uma abordagem estrutural das representações sociais. **Rev. Enferm. UERJ**. Rio de Janeiro, v.10, n.2, p.81-84, 2002.

TRAJMAN, A. et al. Conhecimento sobre DTS/Aids e comportamento sexual entre estudantes do ensino médio no Rio de Janeiro. **Cad Saúde Pública**, v.9, n.1, p.127-133, 2003.

TRANI, F. et al. Adolescents and sexually transmitted infections: Knowledge and behaviour in Italy. **J Paediatr Child Health**, v.41, n.5/6, p.260-264, 2005.

UDRY, J. R.; CHANTALA, K. Missing school dropouts in surveys does not bias risk estimates. **Social science research**, v.32, n.2, p.294, 2003.

UNAIDS/WHO. HIV/AIDS and Sexually Transmitted Infections. **Argentina Epidemiological Fact Sheets**. Update, 2006.




VANZIN, A. S.; NERY, M. E. S. **Enfermagem Saúde Pública**. Porto Alegre: Sagra de luzzatto, 1994.

WHITTINGTON, W. L. et al. Determinants of persistent and recurrent *Chlamydia trachomatis* infection in young women: results of a multicenter cohort study. **Sex Transm Dis**, v.28, n.2, p.117-123, 2001.

WARKEN, R. **A escola e a sexualidade**. Disponível em: <http://glssite.net/edusex/edusex/escolasexualidade>. Acesso em: 23 abr. 2005.

ZEICHNER, K. M. A. **A formação reflexiva de professores**: idéias e práticas. Lisboa: Educa, 1993.

ANEXO A - Consentimento institucional para o desenvolvimento da pesquisa

 ESTADO DE GOIÁS SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO SUBSECRETARIA METROPOLITANA DE EDUCAÇÃO COLÉGIO ESTADUAL JUVENAL JOSÉ PEDROSO Rua 07 s/nº Vila Pedroso – Fone: 3208-2857	 <p>COLÉGIO ESTADUAL Juvenal José Pedroso Resol. 143 - 17/08/00 C.E.E. - GO Goiânia - GO</p>
Declaração	
<p>Declaramos para os devidos fins de comprovação que a professora Márcia Maria de Souza da Faculdade de Enfermagem – UFG – apresentou a esta Instituição o projeto de pesquisa nível Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde, Convênio rede Centro Oeste – UNB/UFG/UFMS.</p>	
<p>Salientamos ainda que o mesmo será desenvolvido junto aos nossos professores no período de abril a agosto de 2006.</p>	
 <p>Divina Eterna Correia Diretora Portaria nº 3714 / 2006</p>	
<p>Direção do Colégio Estadual Juvenal José Pedroso, aos 14 dias do mês de fevereiro de 2006.</p>	

ANEXO B - Termo de Aprovação do Comitê de Pesquisa Médica, Humana e Animal do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Goiás



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
HOSPITAL DAS CLÍNICAS
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA MÉDICA HUMANA E ANIMAL

PROTOCOLO CEPMHA/HC/UFG Nº 037/06

Goiânia, 27/04/2006

INVESTIGADOR (A) RESPONSÁVEL (IES): Profª Enfª Márcia Maria de Souza e Enfª Denize Bouttelet Munari

TÍTULO: O processo educativo de orientação sexual para adolescentes: trabalhando com professores de uma escola pública de Goiânia-Goiás

Área Temática: Grupo III

Local de Realização: Escola estadual Juvenal J. Pedrozo

Patrocinador:

Informamos que o Comitê de Ética em Pesquisa Médica Humana e Animal, após a análise, aprovou sem restrições o projeto de Pesquisa acima referido, e o mesmo foi considerado em acordo com os princípios éticos vigentes.

- Não há necessidade de aguardar o parecer da CONEP- Comissão Nacional de Ética em Pesquisa para iniciar a pesquisa.
- O pesquisador responsável deverá encaminhar ao CEPMHA/HC/UFG, relatórios trimestrais do andamento da pesquisa, encerramento, conclusão(ões) e publicação(ões).


Prof. Joffre Rezende Filho
Coordenador do CEPMHA/HC/UFG

ANEXO C - Projeto Nacional Saúde e Prevenção nas Escolas

Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas - SPE

II Mostra Nacional Saúde e Prevenção nas Escolas

O Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas é uma parceria entre Ministério da Saúde, Ministério da Educação, UNICEF e UNESCO. Ele articula governo e organizações da sociedade civil para a promoção de ações integradas entre saúde e educação.

Objetivos

- Realizar ações de promoção da saúde sexual e da saúde reprodutiva de adolescentes e jovens articulando os setores de saúde e de educação;
- Contribuir para a redução da infecção pelo HIV/DST e os índices de evasão escolar causada pela gravidez na adolescência (ou juvenil), na população de 10 a 24 anos;
- Fomentar a participação dos jovens nos espaços de formulação e execução de políticas públicas de prevenção das DST/AIDS e do uso nocivo de drogas;
- Apoiar as diferentes iniciativas que trabalham com promoção da saúde e prevenção nas escolas;
- Instituir a cultura da prevenção nas escolas e entorno;

Estratégias

- Sensibilizar os gestores da educação e da saúde quanto à implantação de programas articulados de educação preventiva nas escolas;
- Incentivar a criação de uma política de educação preventiva nos sistemas de ensino de todo o país de forma articulada com o Sistema Único de Saúde (SUS);
- Estimular o debate e reflexão sobre as questões relativas a sexualidade, saúde sexual e saúde reprodutiva, direitos humanos e cidadania;
- Instituir os grupos gestores estaduais e municipais do Projeto;
- Fortalecer os profissionais de referência e de notório saber de cada estado/município para em parceria com as Instituições de Ensino Superior - IES elaborarem cursos de formação nas temáticas do SPE.

Ações

- Realização das Oficinas Macro Regionais de Gestão e Planejamento;
- Realização das Oficinas Macro Regionais de Formação nos eixos temáticos do Projeto (Guia de formação dos profissionais de saúde e educação);
- Publicação dados Censo Escolar (2005);
- Realização do Censo Escolar 2006;
- Mobilização Nacional de Jovens do Ensino Médio para estimular a procura pelo teste HIV entre os jovens – Parceria com a UNICEF;
- Divulgação do Documento Referencial do SPE;
- Criação e implantação do sistema de monitoramento, em parceria com a UNESCO;
- Disseminação da formação de jovens multiplicadores (educação de pares) em todo o país;
- Divulgação do Projeto "Estamos Juntos" - Intercâmbio Brasil e Moçambique;
- Inclusão do Projeto "Afroafetividade" nas ações do SPE.

Responsabilidade do Grupo Gestor Federal

- Coordenar o Projeto SPE no âmbito federal;
 - Apoiar a constituição dos grupos gestores estaduais;
 - Favorecer a articulação entre o nível estadual e os níveis municipais;
 - Assegurar a consolidação dos eixos de formação nas temáticas prioritárias para implantação e implementação do Projeto;
 - Formular indicadores para subsidiar o monitoramento e avaliação das ações;
 - Produzir, reproduzir, referenciar e distribuir material de consulta, em articulação com os níveis estaduais e municipais;
 - Realizar supervisão, monitoramento e avaliação de todo o processo de implantação, implementação e desenvolvimento do SPE articulado com os demais níveis;
 - Promover articulações em rede.
- Responsabilidade do Grupo Gestor Estadual

- Coordenar o Projeto SPE no âmbito do estado, promovendo o fomento à adesão dos municípios e realizando o acompanhamento da implantação do projeto em cada localidade;
 - Apoiar a constituição dos grupos gestores municipais;
 - Viabilizar a constituição e a qualificação de mediadores locais e regionais, em parceria com as IES, nas temáticas do SPE para subsidiar as equipes escolares e de saúde no desenvolvimento das ações;
 - Produzir, reproduzir, referenciar e distribuir materiais de referência, em articulação com os níveis federal e municipal;
 - Participar no desenvolvimento de estratégias de supervisão, monitoramento e avaliação.
- Responsabilidade do Grupo Gestor Municipal

- Realizar análise situacional;
- Elaborar Plano de Ação;
- Realizar eventos de troca de experiências;
- Avaliar e monitorar de forma sistemática o Projeto.

Contatos do Grupo Gestor Federal

- Ministério da Saúde www.saude.gov.br
- Programa Nacional de DST e Aids – (061) 34488000 www.aids.gov.br
- Área Técnica da Saúde do Adolescente e do Jovem – (061) 3315-2375 adolescente@saude.gov.br
- Ministério da Educação – spe-mec@mec.gov.br
- Unesco – (61) 2106.3553 www.unesco.org.br spe@unesco.org.br
- Unicef – www.unicef.org.br
 Daniela Ligiéro: dligiero@unicef.org
 Mario Volpi: mvolpi@unicef.org

ANEXO D – Comprovação de envio de artigo a Revista Eletrônica de Enfermagem



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ENFERMAGEM
REVISTA ELETRÔNICA DE ENFERMAGEM
Goiânia – Goiás

Goiânia, 26 de junho de 2007.

Of. REE-FEN/UGF nº 07128/2007

De: Prof. Dr. Marcelo Medeiros

(Editor da Revista Eletrônica de Enfermagem)

Para: **Márcia Maria de Souza, Nativa Helena Alves Del-Rios,
Denize Bouttelet Munari, Claci Fátima Weirich**

Informamos que o texto intitulado "**Conhecimentos e necessidades sobre educação sexual de um grupo de professores de um Colégio Público de Goiânia/GO**", foi protocolado na Revista Eletrônica de Enfermagem em 06 de junho de 2007 recebendo a identificação número 07128, o qual será encaminhado aos consultores, para emissão de parecer, conforme os prazos estabelecidos pelo Conselho Editorial.

O Conselho Editorial da REE agradece a sua contribuição colocando-se à disposição para responder a eventuais dúvidas sobre aspectos da publicação e, também, lembra da necessidade de manter endereços de e-mail dos autores atualizados para que possamos estabelecer comunicação que, preferencialmente, devem acontecer por via eletrônica.

Cordiais saudações,

Marcelo Medeiros

Prof. Dr. Marcelo Medeiros – Editor REE – FEN/UGF

APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Universidade Federal de Goiás Faculdade de Enfermagem

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está convidado (a) para participar, como voluntário, da pesquisa: **“Construindo a inclusão da temática orientação sexual no Projeto Político Pedagógico de um colégio público de Goiânia/Goiás na perspectiva da pesquisa-ação”**. Após ser esclarecido (a) sobre a mesma e aceitando participar, por favor, assine este documento que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não será penalizado. A pesquisa tem como objetivo principal desenvolver junto aos professores do Colégio Estadual Juvenal José Pedroso, o processo de conscientização crítica para a construção de estratégias educativas de prevenção e promoção da saúde sexual e reprodutiva dos alunos a ser contemplado no Projeto Político Pedagógico da instituição.

Solicitamos sua colaboração, no sentido de conceder depoimento sobre a temática em questão, participando de sessões grupais, que serão gravadas em fita K7, com possíveis registros fotográficos dos momentos significativos para esta investigação. Posteriormente à análise dos dados, as fitas serão inutilizadas. A seguir prestaremos a você alguns esclarecimentos:

- Fica garantida que tal procedimento não trará nenhum risco, desconforto ou danos a sua pessoa.
- Sua participação não implica em despesa de qualquer natureza, faremos o possível para que as sessões grupais aconteçam no seu horário de trabalho.
- Respeitaremos sua liberdade em retirar o consentimento a qualquer momento ou deixar de participar do estudo, sem prejuízos para a sua pessoa.
- Está assegurada a não identificação dos sujeitos participantes da pesquisa.
- Serão mantidas de forma confidencial as informações obtidas.

Tendo recebido as informações necessárias sobre a pesquisa a ser desenvolvida e ciente dos meus direitos;

eu, _____, RG: _____,
CPF: _____, concordo em participar deste estudo, como sujeito e cedo os direitos de meus depoimentos para serem usados integralmente ou em partes, desde a presente data, sem que meu nome seja revelado.

Goiânia, ____/____/____

Pesquisadora responsável: Profª Márcia Maria de Souza – FEN/UFG
Telefones para contato: 35673131 e 35211822

Pesquisadora participante: Profª Drª. Denize B. Munari – FEN/UFG
Telefones para contato: 32096180 e 35211822

Participante: _____

APÊNDICE B - Modelo de questionário aplicado aos professores

QUESTIONÁRIO

DADOS PESSOAIS

- 1) Idade: Sexo: M () F ()
 2) Tempo de formado:
 3) Área de formação:
 4) Tempo de trabalho no colégio:
 5) Disciplina que ministra neste colégio:

QUESTÕES ESPECÍFICAS

- 1) Você tem dificuldades em abordar a temática educação sexual/orientação sexual em sala de aula?
 Sim () Não () Explique sua resposta
- 2) Você se sente preparado tecnicamente para trabalhar esta temática?
 Sim () Não () Explique sua resposta
- 3) Você já se deparou com situações (perguntas, debates com grupos de alunos) sobre esta temática em sala de aula?
 Sim () Não ()
 Marque as que você vivenciou:
 prevenção (); sexualidade (); gravidez não planejada (); Aids ();
 doenças sexualmente transmissíveis - DST (); outras () especifique:
- 4) Os alunos demonstram interesse por esta temática?
 Sim () Não () Se sim como você identifica?
- 5) Você sabe se, de modo geral, os alunos conhecem ou sabem sobre os métodos preventivos de DST e gravidez não planejada?
 Sim () Não () Se sim, explique sua resposta
- 5) Você tem conhecimento de algum aluno que já tenha contraído alguma DST?
 Sim () Não () Qual ?
- 6) Você tem ou já teve alunas grávidas?
 Sim () Não () Se sim quantas?
- 7) Vocês professores fazem ou já fizeram algum trabalho educativo de mobilização e prevenção das DST, em sala de aula?
 Sim () Não () Se sim, descreva o que foi feito:
- 8) Vocês professores já fizeram algum trabalho de sensibilização sobre esta temática com os pais de alunos?
 Sim () Não () Se sim, descreva o que foi feito:
- 10) Considerando o objetivo do trabalho a ser desenvolvido em parceria com este colégio, relacione temas que você gostaria de trabalhar em função da missão do colégio em implantar o Projeto Nacional "Saúde e Prevenção nas Escolas".

APÊNDICE C - Modelo de oficina interativa com o grupo de professores

OFICINA: Capacitando os professores do colégio Juvenal José Pedroso na Prevenção das DST, visando a saúde sexual e reprodutiva dos alunos

Dia: 23/02/07

Local: Colégio Juvenal José Pedroso

Horário: 8:30 – 11:30 h

OBJETIVOS: Subsidiar/capacitar os professores e coordenadores sobre as temáticas sexualidade e prevenção de DST e gravidez não planejada para incorporar no projeto político pedagógico a cultura de prevenção e promoção da saúde sexual e reprodutiva dos alunos adolescentes do colégio Juvenal José Pedroso.

ÁREAS TEMÁTICAS:

1) GÊNERO E SEXUALIDADE

2) PREVENÇÃO DE DST, SAÚDE SEXUAL E SAÚDE REPRODUTIVA

1ª estratégia: “vagão prevenção” - (8:30 – 8:50 h)

Objetivos: aquecimento e discussão das experiências vividas em salas de aula referente às temáticas: educação sexual/ sexualidade/ prevenção de DST.

1) GÊNERO E SEXUALIDADE: (9:00 – 10:00h)

- Identificação dos estereótipos (modelos de comportamento humano)
- Construção social dos gêneros (diferenças entre sexo e gênero)

Texto: Relações de gênero (BRASIL, 2006b)

2ª estratégia: “vantagem de ser mulher e de ser homem”

Objetivos: refletir e verbalizar sobre as diferenças de gênero existentes na nossa sociedade.

2) SAÚDE SEXUAL E SAÚDE REPRODUTIVA; PREVENÇÃO DE DST (10:10 – 11:10h)

- Anatomia e fisiologia dos aparelhos reprodutores (masculino e feminino)
- Métodos contraceptivos

Objetivos:

- Apresentar os métodos contraceptivos;
- Reconhecer os métodos contraceptivos como um recurso essencial para o controle da natalidade e prevenção de DST;
- Informar sobre as questões que envolvem a sexualidade para que os alunos exerçam com liberdade e responsabilidade;
- Refletir, coletivamente, sobre quando promover atividades educativas com os alunos adolescentes sobre os métodos contraceptivos.

Exposição de materiais educativos: álbum seriado demonstrativo sobre os aparelhos reprodutor masculino e feminino; próteses masculinas; pelve feminina; quadro demonstrativo sobre os métodos contraceptivos; folders; preservativos (masculino e feminino).

Métodos Contraceptivos:

Métodos hormonais; Dispositivo Intra-Uterino (DIU); Métodos de barreira; Métodos naturais; Métodos cirúrgicos; Anticoncepção de emergência.